

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

CLEIDE SOUZA SHIMOKOMAKI

O SAGRADO E AS TRADIÇÕES RELIGIOSAS JAPONESAS: Estudo de caso em
Mineiros- GO

GOIÂNIA

2024

CLEIDE SOUZA SHIMOKOMAKI

O SAGRADO E AS TRADIÇÕES RELIGIOSAS JAPONESAS: Estudo de caso em
Mineiros- GO

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia
Universidade Católica de Goiás para obtenção do
título de Doutor em Ciências da Religião.

Orientador: Dr. Eduardo Gusmão de Quadros

GOIÂNIA

2024

Catálogo na Fonte - Sistema de Bibliotecas da PUC Goiás

S556s Shimokomaki, Cleide Souza.

O sagrado e as tradições religiosas japonesas : estudo de caso em Mineiros-GO / Cleide Souza Shimokomaki. -- 2024.
126 f.

Texto em português, com resumo em inglês.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros.

Tese (doutorado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Goiânia, 2024.

Inclui referências: f. 106-126.

1. Japoneses - Mineiros (GO). 2. Imigrantes - Mineiros (GO).
3. O Sagrado. 4. Religiosidade. 5. Tradição (Teologia).
I. Quadros, Eduardo Gusmão de. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - 07/05/2024. III. Título.

CDU: 2-41(043)



**PUC
GOIÁS**

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa - PROPE
Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu - CPQSS
Escola de Formação de Professores e Humanidades - EFPH

ATA N. 118 DE EXAME DE DEFESA DA TESE DE DOUTORADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

No dia 07 de maio de 2024, as 08:30, a candidata **CLEIDE SOUZA SHIMOKOMAKI**, discente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, apresentou, em Sessão Pública de Defesa, a Tese de Doutorado intitulada: **O SAGRADO E AS TRADIÇÕES RELIGIOSAS JAPONESAS: ESTUDO DE CASO EM MINEIROS- GO**, para a Banca Examinadora composta pelos(as) docentes: **Dr. Eduardo Gusmão de Quadros** (PUC Goiás, Presidente da Comissão), **Dr. Joao Paulo Silveira** (UEG- Iporá, Convidado Externo), **Dr. Claude Valetín R. Detienne** (UEG- Campus Cora Coralina- Convidado Externo), **Dr. Valmor da Silva** (PUC Goiás, Convidado Interno), **Dr. Clóvis Ecco** (PUC Goiás, Convidado Interno), **Dr. José Reinaldo Felipe Martins Filho** (PUC Goiás, Suplente Interno(a)), **Dr. Cristiano Alexandre dos Santos** (UEG- Campus Cora Coralina, Suplente Externo), que, na oportunidade, analisou o trabalho em pauta e arguiu a candidata. A sessão foi conduzida pelo Presidente que iniciou apresentando os(as) examinadores(as) e, em seguida, concedeu 30 minutos a candidata para apresentação do trabalho. Concluída a apresentação, o Presidente concedeu a palavra a cada examinador para realizar sua arguição. Após a conclusão das arguições, a Banca Examinadora se reuniu de forma reservada para finalizar a avaliação do trabalho e o desempenho da candidata, deliberando pelo seguinte resultado:

APROVADO. A sessão encerrou-se às 11 horas e 30 minutos.
 REPROVADO.

ASSINATURA DA BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros
Presidente
PUC Goiás

Prof. Dr. Clóvis Ecco
Examinador Interno
PUC Goiás

Prof. Dr. Valmor da Silva
Examinador Interno
PUC Goiás

Prof. Dr. Joao Paulo Silveira
Examinador Externo
UEG- Iporá

Prof. Dr. Claude Valetín R. Detienne
Examinador Externo
UEG- Campus Cora Coralina

Prof. Dr. Cristiano Alexandre dos Santos
Suplente Externo
UEG- Campus Cora Coralina

Prof. Dr. José Reinaldo Felipe Martins Filho
Suplente Interno(a)
PUC Goiás

Prof. Dr. Clóvis Ecco

Coordenador do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião
PUC Goiás

Agradecimento,

A Deus, pela fé que me mantém fiel à vida de trabalho e de estudo. À minha família, que soube entender minha ausência nos muitos momentos desde que ingressei no Doutorado, até a conclusão desta Tese. Aos meus queridos e amados esposo e filha, pela ajuda e por aguentarem meus momentos de ansiedade e estresse nos anos em que me dediquei ao Doutorado e pela minha ausência durante este tempo. Ao meu orientador Dr. Eduardo Gusmão de Quadros pelo apoio e ensinamentos que serão eternizados. Ao meu Coordenador do Programa de Doutorado Dr. Clóvis Ecco minha imensa gratidão e em especial ao Dr. João Paulo Silveira meu respeito e admiração.

Dedicatória

Para Roberto e Priscila Shimokomaki

“ふるさと
兎追いしかのやま
小鮒釣りしかの川
夢は今もめぐりて
忘れがたき

如何にいます父母
恙なしや友がき
雨に風につけても
思いいずる故郷

こころざしをはたして
いつの日か帰らん
山はあおき故郷
水は清き故郷”

Aldeia Natal
Da montanha de onde eu perseguia os coelhos
Do rio onde eu só podia pescar pequenas carpas
crucianas
Minhas memórias ainda me rodeiam
E eu sinto falta da minha aldeia natal

Como será que estão meus pais por lá?
Será que meus velhos amigos estão com saúde?
Mesmo a cada chuva e a cada vento
A minha aldeia natal vem a minha mente
Eu irei realizar meu sonho logo
E um dia irei retornar

As montanhas são tão verdes na minha aldeia natal
As águas são tão puras na minha aldeia natal.

Furusato

RESUMO

Esta tese foi desenvolvida na linha Religião e Movimentos Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, estando seu foco central na discussão das crenças e ações relacionadas com o Sagrado nas tradições religiosas cultivadas pelos imigrantes e descendentes de japoneses que residem em Mineiros-Goiás. Os objetivos são a análise de como a religiosidade oriental se manifesta e influencia a trajetória social e cultural dos descendentes de imigrantes japoneses em Mineiros Goiás, demonstrando a religiosidade ligada às tradições orientais. Isso é feito por meio de entrevistas com famílias que mantêm cultura japonesa no município, do estudo de caso realizado entre os descendentes de imigrantes do Japão que residem atualmente em Mineiros. A metodologia utilizada foi o levantamento de pesquisa bibliográfica e documental, somadas com as entrevistas e conversas realizadas com os descendentes dos imigrantes. Foi possível observar como a ligação com a dimensão sagrada, ou seja, o fenômeno da experiência religiosa, influencia na definição da identidade dos imigrantes e migrantes. Com isso, pretende-se contribuir para uma melhor compreensão das dinâmicas e trocas entre as tradições religiosas do Japão e as do Brasil.

Palavras-chave: Sagrado; Religiosidade; Tradições Japonesas; Imigração

ABSTRACT

This thesis was developed in the Religion and Social Movements line of the Postgraduate Program in Religious Sciences at Pontifical Catholic University of Goiás. Its central focus is the discussion of beliefs and actions related to the Sacred in religious traditions cultivated by immigrants and descendants of Japanese people living in Mineiros-Goiás. The objectives are to analyze how Eastern religiosity manifests itself and influences the social and cultural trajectory of descendants of Japanese immigrants in Mineiros (Goiás), demonstrating religiosity linked to Eastern traditions. This is done through interviews with families that maintain Japanese culture in the municipality, and through a case study carried out among descendants of immigrants from Japan who currently reside in Mineiros. The methodology used was bibliographical and documentary research, combined with interviews and conversations carried out with descendants of immigrants. It was possible to observe how the connection with the sacred dimension, that is, the phenomenon of religious experience, influences the definition of the identity of immigrants and migrants. With this, we intend to contribute to a better understanding of the dynamics and exchanges between the religious traditions of Japan and those of Brazil.

Keywords: Sacred; Religiosity; Japanese Traditions; Immigration

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASEAN: Associação de Nações do Sudeste Asiático (*Association of Southeast Asian Nations*)

ASW: Guerra antissubmarina (*Anti-submarine warfare*).

BSGI – Brasil *Soka Gakkai* Internacional.

INIC – Instituto Nacional de Imigração e Colonização

JSDF: Forças de Autodefesa do Japão (*Japan Self-Defense Forces*)

MIJ: Marinha Imperial Japonesa

MITI: Ministério do Comércio Internacional e da Indústria (*Ministry of International Trade and Industry*)

MOFA: Ministério de Assuntos Estrangeiros do Japão

NEJA – Núcleo Estudos Japoneses

ODA: Assistência Oficial para o Desenvolvimento (*Official Development Assistance*)

OECD: Organização para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento

ONG – Organização não Governamental

ONU: Organização das Nações Unidas

PDJ: Partido Democrático do Japão

PDN: Programa de Defesa Nacional

PKO: Operações de Manutenção da Paz (*Peacekeeping Operations*)

RI: Relações Internacionais.

SGI – *Soka Gakkai* Internacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1.JAPONESES NO BRASIL: IMIGRAÇÃO, ECONOMIA, RELIGIÃO, CULTURA E IDENTIDADE	09
1.1 O conceito de Imigração Japonesa	09
1.1.1 As tradições e cultura do povo japonês: um processo histórico	23
1.1.2 A cultura e as novas religiões japonesas	25
1.2 As influências sociais herdadas da sociedade japonesa	28
1.2.1 Frestas do processo econômico japonês	32
2 O SAGRADO, AS EXPERIÊNCIAS E INFLUÊNCIAS RELIGIOSAS JAPONESAS	38
2.1 O Sagrado como teoria e ciência	38
2.1.1 A noção de Sagrado na religião oriental e nas tradições japonesas	41
2.1.2 As influências religiosas	50
3 RELATOS DE TRAJETÓRIAS DE DESCENDENTES DE IMIGRANTES JAPONESES NO CENTRO-OESTE DO BRASIL/GOIÁS	57
3.1 A imigração japonesa em Goiás e Mineiros	57
3.1.1 Narrativas e memórias de famílias de imigrantes japoneses	60
3.1.1.1 A trajetória da família Morissugui – consciência de particularidade religiosa	60
3.1.1.2 A trajetória da família Urabi – tradição budista	62
3.1.1.3 A trajetória da família Nobo – de fé cristã	69
3.1.1.4 A trajetória da família Nishivama - experiência multicultural	76
3.1.1.5 A trajetória da família Matsuoka - Budista raiz	79
3.1.1.6 A trajetória da família Simokomoki -	81
4 MANUTENÇÃO DAS TRADIÇÕES JAPONESAS E O SAGRADO	88
4.1 O processo migratório	88
4.1.1 O vínculo com a religiosidade oriental	93
4.1.2 A manutenção das tradições japonesas	98
4.1.3 Interfaces entre a cultura japonesa e a brasileira	101
4.2 A religiosidade afeta o processo social e cultural dos imigrantes em Goiás	105
4.2.1 O nacionalismo japonês e a influência da religiosidade	106
4.2.2 Considerações comparativas	107
CONCLUSÃO	104
REFERÊNCIAS	106

INTRODUÇÃO

Estudos sobre o Sagrado e as tradições japonesas podem ser desenvolvidos a partir de várias abordagens e ângulos. A imigração japonesa no Centro-Oeste, assim como em outras partes do Brasil, começou tardiamente. A organização da colônia japonesa no Centro-Oeste remonta a 1954, tendo a construção de Brasília como ponto de partida para o processo migratório destinado ao estado de Goiás. Após Brasília iniciar, em 1956, em decorrência das expectativas suscitadas, houve um movimento de vários grupos de migrantes buscando terras em Goiás, incluindo famílias japonesas interessadas em produzir frutas e verduras no intuito de apoiar os trabalhadores da construção civil. Nas três primeiras décadas do século XX, o estado que vivia sob a influência da pecuária, passou a acolher novas levas de habitantes, e, dentre eles, grupos de descendentes dos japoneses. Eles vieram habitar na região centro-sul e sudoeste de Goiás: Rio Verde, Jataí, Mineiros, Caiapônia, Quirinópolis, dentre outras (Mota, 1992).

A discussão sobre o sagrado perpassa pelos estudos de Eliade apoiando-nos nos conceitos fundamentais apresentados em sua obra *Sagrado e Profano* (2010) ou seja, no estudo do “sagrado na sua totalidade”. O caminho para isso passa por uma fenomenologia da percepção dos elementos constituintes do sagrado e centra-se na correlação entre o que uma cultura considera sagrado e separa do que seria profano (Eliade, 2010, p.10).

Em geral, a contribuição de Eliade para o estudo da religião apresenta limitações e possibilidades semelhantes à proposta pela noção de sagrado em Rudolf Otto. A noção de sagrado, e respetivamente a sua especificação baseada no conceito de hierofania, permite uma tematização explícita e consciente de algo que caracteriza a religião como tal, evitando a sua redução a explicações que acabam por suprimir a própria religião. Por isso, para Eliade o sagrado é o que dá realidade e significado aos elementos do mundo e da vida. Percebemos em Eliade uma perspectiva que transcende uma particularidade confessional, o que possibilita as comparações. Além disso, a sua fenomenologia não se detém na dimensão subjetiva da percepção. Como o seu interesse se centra na estrutura do sagrado que se manifesta nas hierofanias, integra uma visão cósmica com as percepções das culturas tradicionais. Finalmente,

a gama de conhecimentos disponíveis pela religião, para ele, é muito ampla (Cross, 2017).

A escolha do tema surgiu do interesse pessoal da autora pela cultura japonesa, já que é casada com um descendente de japoneses. Esse interesse foi fortalecido durante as conferências e atividades desenvolvidas no programa de pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Como pesquisadora, a falta de material atualizado também me motivou a escrever sobre o tema. Sob esse ponto de vista, a obra pode ser considerada principalmente como um texto destinado a divulgar aspectos importantes da religiosidade e da cultura japonesa no sudoeste goiano.

Para execução da pesquisa, traçamos os seguintes objetivos:

Objetivo geral: compreender a concepção do sagrado e das tradições religiosas e culturais japonesas sob o ponto de vista dos descendentes de imigrantes japoneses residentes em Mineiros – Goiás. O objeto de estudo inclui não apenas uma abordagem histórico-antropológica, adotada por muitos autores contemporâneos, mas também um olhar sobre a religiosidade que muitos dos decedentes de japoneses consideram a base e o sustento dos imigrantes no Brasil.

Para a concretização desta proposta de pesquisa formulamos os seguintes **Objetivos específicos:** apresentar características históricas dos japoneses no Brasil, abrangendo imigração, cultura, identidade e economia; discutir a religiosidade e o Sagrado na cultura japonesa, buscando aprender novos conhecimentos a partir das experiências e influências religiosas desse povo no Brasil; agrupar relatos de trajetórias de descendentes dos imigrantes japoneses no Brasil, no intuito de compreender modos de vivência do Sagrado desses imigrantes em Goiás/Mineiros; por fim, apresentar rastros da manutenção das tradições japonesas e de sua relação com a religiosidade.

A abordagem da pesquisa é classificada como pesquisa bibliográfica e de campo, visando desenvolver conhecimentos específicos sobre a importância da religiosidade na cultura bem como na recuperação e preservação da memória dos imigrantes japoneses. Valoriza-se a metodologia de estudos de caso, do contato com as pessoas pesquisadas. Realizamos uma pesquisa bibliográfica para encontrar artigos, dissertações e teses relacionadas ao tema, e realizamos entrevistas

semiestruturadas com seis descendentes de japoneses residentes em Goiás, utilizando o marco temporal de 2020 a 2022.

O trabalho realizado é um texto argumentativo que visa contribuir para o desenvolvimento de novos estudos sobre este tema. Buscamos demonstrar que pouco ainda se conhece da vida e da religiosidade desses imigrantes. Por esse motivo, organizamos a tese da seguinte forma:

O primeiro Capítulo tem como objetivo apresentar características históricas dos japoneses no Brasil, abrangendo imigração, cultura, identidade e economia. Está organizado em dois eixos temáticos, sendo que o primeiro eixo abrange o conceito de imigração japonesa; o processo histórico das tradições e da imigração japonesa; os aspectos centrais da cultura japonesa e das novas religiões. No segundo eixo, focamos as discussões nas influências sociais herdadas da sociedade japonesa que permeiam a vida dos imigrantes.

No segundo capítulo, o objetivo é discutir a religiosidade e o sagrado na cultura japonesa, buscando novos conhecimentos a partir das experiências e influências religiosas desse povo no Brasil. O capítulo está dividido em partes, a saber: na primeira falamos do Sagrado como teoria e ciência; na segunda parte falamos sobre a noção de Sagrado na religião oriental e nas tradições japonesas, e encerramos o capítulo falando sobre as influências religiosas experimentadas pelos imigrantes japoneses.

O objetivo do terceiro capítulo é agrupar relatos de trajetórias de descendentes de imigrantes japoneses no Brasil, no intuito de compreender os modos de vivência do Sagrado desses imigrantes em Goiás/Mineiros. Neste capítulo, trazemos elementos do estudo de caso desenvolvido, onde ouvimos seis descendentes de japoneses a falar sobre a trajetória de seus pais e avôs. Percebemos que eles se identificam como responsáveis direto pela preservação da religiosidade e da cultura recebidas dos seus antepassados. Dessa forma, a organização o capítulo começa pelas famílias de origem japonesa estabelecidas em Mineiros – Goiás. Depois, o processo migratório nos casos analisados. Tratamos do vínculo com a religiosidade oriental e, por fim, da manutenção das tradições japonesas, demonstrando as interfaces entre as culturas japonesa e brasileira.

No quarto capítulo, o objetivo é apresentar rastros da manutenção das tradições japonesas e de sua relação com a religiosidade, analisando os dados

obtidos. Neste capítulo, apresentamos as principais conclusões tanto no campo bibliográfico e documental quanto nas resultantes das entrevistas. Procuramos responder diretamente às ações propostas em nossos objetivos, ao apresentar os elementos de religiosidade no processo de formação social e na identidade dos descendentes de imigrantes japoneses. Fizemos uma rápida associação entre nacionalismo e religiosidade a partir do ponto de vista dos imigrantes. Concluímos o capítulo apresentando algumas conclusões gerais do estudo.

CAPITULO 1: JAPONESES NO BRASIL: IMIGRAÇÃO, ECONOMIA, RELIGIÃO, CULTURA E IDENTIDADE

Este capítulo tem como objetivo apresentar as características históricas dos japoneses no Brasil, abrangendo imigração, cultura, identidade e economia. Está organizado em dois eixos temáticos, sendo que o primeiro eixo abrange o conceito de imigração japonesa. Depois tratou-se do processo histórico da imigração, das tradições e da cultura japonesa com as novas expressões religiosas. No segundo eixo, focamos a discussão nas influências sociais herdadas da sociedade japonesa, por meio dos processos econômicos e culturais, destacando a importância japonesa no processo de desenvolvimento do Brasil.

1.1 O conceito de Imigração Japonesa

A imigração é o processo pelo qual um indivíduo entra em um território diferente daquele de origem, termo mais comumente utilizado para se referir à migração internacional. Diversas causas podem estar associadas a estes movimentos, como a procura de emprego, melhor integração profissional e melhores condições de vida; desastres naturais e situações climáticas extremas; crises políticas e socioeconômicas; e perseguição étnica e religiosa (Guitarrara, 2023).

O processo de emigração japonesa remonta às primeiras décadas da modernização da economia japonesa. Ao entrar em contato com economias estrangeiras e adotar políticas capitalistas, o Japão começou a passar por uma série de mudanças numa economia ainda frágil e instável. Uma parte da população, incapaz de arcar com as consequências de tais transformações, recorre a outras nações capazes de oferecer melhores condições de vida. (Reimer Sousa, UOL, 2023)¹. Contudo, a migração só começa quando as pessoas descobrem que não serão capazes de sobreviver pelos meios tradicionais na sua comunidade de origem. A escassez de alimentos foi um fator importante neste processo de migração. Outro

¹ SOUSA, Reimer Gonçalves. Emigração Japonesa. UOL, 2023. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/japao/emigracao-japonesa.htm#:~:text=Depois%20da%20derrota%20na%20Segunda,estabelecidos%20com%20pa%C3%ADses%20latino%20americanos>. Acesso 04 jan 2024

ponto a considerar são as pessoas que são perseguidas por sua nacionalidade – como minorias dentro de uma cultura nacional mais ampla – ou por suas crenças religiosas minoritárias, como judeus, menonitas e dissidentes da Igreja Ortodoxa Russa – atacadas por religiões dominantes (Klein, 1999).

Sayad (1998) sustenta que a migração não é apenas um movimento no espaço físico, mas também um movimento qualificado (esta dimensão de qualificação é expressa em particular através da língua e da religião). Aprofunda a reflexão sobre o modelo ideal de migração e imigração desejado pela sociedade de acolhimento. Um modelo que nasce de um processo de desumanização destes indivíduos, enquanto os trabalhadores imigrantes das ex-colônias não são considerados como seres humanos, mas sim como uma mercadoria: porque são reduzidos à sua capacidade de trabalho e tolerados “temporariamente” como trabalho necessário: “Afinal, o que é um imigrante? Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito” (Sayad, 1998, p. 54).

Nos caminhos abertos por Sayad (1998), fica claro que os imigrantes conhecem o sofrimento de viver em outro país, em outra economia, em outro mundo, e não podem escapar impunemente do fato de que algo aconteceu com sua sociedade e cultura. Tudo isso, está preservado, misturando as características originais do seu sofrimento e exclusão durante a sua transferência com as preocupações presentes no país anfitrião. O imigrante, aprofunda nos problemas do novo contexto, que enfrenta a desigualdade socioespacial, a incerteza sobre rendimentos, trabalho e documentação, além da discriminação, e que sofrerá de forma mais ou menos intensa e profunda, dependendo das modalidades de contato e das experiências.

Um dos primeiros registros de emigração japonesa ocorreu no século XIX. Em 1868, um grupo de agricultores japoneses foi contratado para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar de um agricultor americano nas ilhas do Havaí e de Guam. A ilegalidade deste primeiro movimento migratório levou as autoridades japonesas a proibir os trabalhadores de deixar a ilha durante vinte anos. Somente no final do século XIX é que o governo japonês começou a liberalizar e regular a emigração. (Reiner Sousa, UOL, 2023).

Durante a década de 1950, países como Brasil, Argentina, Paraguai, Bolívia e República Dominicana abriram suas portas para novas ondas de emigrantes japoneses. A partir da década de 1960, a recuperação da economia japonesa

provocou um enfraquecimento do movimento migratório japonês. Na década de 1980, o movimento se inverteu e pessoas de ascendência japonesa, conhecidas como Nikkei, começaram a trabalhar nos países de origem de seus pais e avós.

A falta de interesse de brancos europeus levou o governo a buscar imigrantes. Os japoneses vieram para o Brasil atraídos pela publicidade dos milagres que o governo brasileiro estava fazendo para atrair imigrantes e mão de obra para substituir o trabalho escravo. Os japoneses pensaram que ficariam ricos em pouco tempo e voltariam. Porque a propaganda da época mostrava árvores que davam ouro. Na verdade, era uma alusão ao café. Mas eles interpretaram literalmente. Eles acreditaram porque essas propagandas eram veiculadas pelo governo japonês, pelas autoridades e pelo sistema político (Veiga, 2023).²

Entre os fatores que atraíram a comunidade japonesa para o Brasil estavam a abundância de terras disponíveis e a escassez de mão de obra, o que a tornaria mais cara. Outro foi a fronteira aberta, fator importante em países como o Brasil (Klein, 1999). Um marco importante foi a chegada do navio Kasato Maru em 1908, que é considerado o episódio que marcou o início do enorme processo de imigração japonesa ao território brasileiro, após longas negociações entre os dois governos. Por um lado, a interrupção do tráfico negreiro e as leis abolicionistas no Brasil criaram a necessidade de alternativas à mão de obra utilizada nas plantações de café e, por outro lado, o cenário de superpopulação no Japão levou o governo local a considerar a emigração como uma possibilidade de solução para o problema causado pela crise social que o país atravessava (Poubel, 2008).

Segundo Saito (1961), os velhos imigrantes, aqueles que chegaram no início da imigração japonesa ao Brasil, já estão envelhecendo, rapidamente ou desaparecendo, e a cada ano o número de “sobreviventes” torna-se menor. É urgente recolher e organizar, se possível, uma série de histórias de vida sobre estes preciosos elementos. Uma vez organizado esse conjunto de histórias de vida por meio de metodologia adequada, pôde-se realizar uma análise a partir da comparação com as histórias de vida de seus filhos e netos. Um tipo de investigação que ainda não foi

² VEIGA, Edison. Japoneses No Brasil, brasileiros no Japão. Jornal da UNESP, 2023. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2023/08/08/japoneses-no-brasil-brasileiros-no-japao/#:~:text=Preocupado%20em%20substituir%20a%20m%C3%A3o,assim%20que%20os%20japoneses%20vi%20eram>. Acesso: 06 jan. 2024.

tentada com outros imigrantes e que poderá nos fornecer muitas lições sobre o complexo mecanismo de aculturação.

Pelas histórias de vida abordadas nos estudos de Saito (1961) foi possível identificar exemplos de respostas onde nem todos estavam no mesmo estágio desse processo. É o caso do grupo intermédio, que não inclui idosos nem jovens, e é definido como 'marginal', conceito que podemos relacionar com o percurso do próprio autor. A análise de Saito sobre a relação entre o processo de assimilação e a definição de imigrante marginal é clara. Saito também analisa de forma abrangente os processos de deslocamento e fixação de japoneses no país, abordando as características da adaptação dos imigrantes no Brasil, especialmente a adaptação física e ambiental, que afeta sua mobilidade social, espacial e ocupacional.

Os japoneses esperavam integrar-se à grande família brasileira com suas vidas no Brasil, que se propunham representar uma resposta crítica à expansão do ultranacionalismo japonês, defendendo abertamente a integração à sociedade e à cultura brasileiras como forma de emergência social dos japoneses e seus descendentes na terra. Saito passou cinco anos escrevendo o jornal e seus artigos destacam preocupações como divergências intergeracionais e a não aceitação da língua portuguesa entre os imigrantes japoneses, questões que também aparecem em seus trabalhos acadêmicos. Desta forma, o jornal combateu o preconceito racial, lutou pela afirmação do povo japonês na sociedade local e defendeu a integração como alternativa ao ultranacionalismo (Cotrim, 2021).

No trabalho de Tomoo Honda (1980) é possível compreender um pouco mais sobre as memórias dos imigrantes japoneses. Cada vez mais vemos o tema do subjetivismo, principalmente memórias e confissões. É comum discutir a visão da mulher sobre sua vida e a de sua família, com foco no universo doméstico, enfatizando dificuldades no trabalho, sucessos e fracassos nas tentativas de vencer na vida.

Muitos representantes do governo brasileiro se opuseram abertamente à adesão do Japão. Oliveira Lima, que foi Ministro Plenipotenciário do Japão de 1901 a 1903, opunha-se à imigração porque acreditava que ela promovia "uma maior mistura das raças inferiores na nossa população" (Leão, 1990, p. 22). A assimilação dos japoneses e as suas aspirações imperiais foram então vistas como argumentos contra a dependência do Japão em armamentos. Por outro lado, havia receio entre os

empresários japoneses quanto aos elevados investimentos em terras, cujas opiniões não foram tão favoráveis nas primeiras visitas (Kodama; Sakurai, 2008).

Apesar da situação de negociações entre governos, a chegada dos japoneses ao Brasil não foi bem recebida pela sociedade, que acreditava que a imigração de europeus deveria provocar o processo de desbaste populacional e não através da chegada dos 'negros', expressão que já foi usada para descrever os asiáticos que vieram para o país. O escritor e político português Oliveira Martins declarou em 1880 que “brasileiro-europeu e não asiático, uma nação e não uma colônia, este é o futuro certo da velha América portuguesa”. Em 1892, o jornal *Correio Paulistano* publicou notas contrárias à imigração japonesa, afirmando: “Se a escória da Europa não nos agrada, a escória da China e do Japão nos servirá menos” (Poubel, 2008).

Com a política expansionista do Japão, novos argumentos se misturam a esse discurso, que antes eram estereótipos associados aos chineses e impostos aos japoneses até o fim, transformando-se na “ameaça japonesa” conhecida como Perigo Amarelo: o medo da conquista militar.

Sobre o tema do “perigo amarelo”³, é importante sublinhar que a partir de 1914, nomeadamente devido à estratégia expansionista político-militar do Japão, o discurso antijaponês adquiriu uma nova dimensão: o perigo amarelo. Este perigo era a possibilidade de a raça amarela prevalecer sobre a raça branca através da conquista do exército. Segundo Marcia Yumi Takeuchi (2002), o perigo amarelo durante a guerra, juntamente com o “perigo alemão”, o “perigo comunista” e a “conspiração judaica” contribuíram para o aumento da intolerância racial e a desumanização dos indivíduos. (Ueno, 2019).

No entanto, o contexto global e a situação interna dos dois países facilitariam a conclusão de um acordo. A partir de 1906, a chegada dos colonos foi coordenada com a visita de Ryu Mizuno ao Brasil, diretor da Kokoku Shokumin Kaisha (Companhia Imperial de Emigração), principal empresa japonesa que organizou a chegada de imigrantes até 1917. Os altos preços do café a partir de 1906 - Acordo de Taubaté - e as restrições impostas pelo governo italiano à imigração italiana desde 1902, os

³ **Perigo amarelo** (também conhecido como **Terror Amarelo** e **Espectro Amarelo**) é uma metáfora racista que descreve os asiáticos orientais como um perigo e uma ameaça existenciais para o mundo ocidental. Como uma percepção psicocultural da ameaça do mundo oriental, o medo do perigo amarelo era mais racial do que nacional, um medo derivado não da preocupação com uma fonte específica de perigo ou de qualquer país ou povo, mas de um medo existencial vagamente ameaçador da horda sem rosto e sem nome de pessoas amarelas diante do mundo ocidental. (TAKEUCHI, 2002) e (YANG, TIM, 2004).

produtores paulistas exigiram outras obras. O Japão, por sua vez, buscou uma solução para a emigração a partir de 1907, quando as portas da Califórnia foram fechadas para novos emigrantes. Assim, o contrato começou a ser formulado antes da chegada dos primeiros trabalhadores japoneses (Kodama; Sakurai, 2008).

Os primeiros brasileiros que tiveram contato com imigrantes japoneses ao embarcar no porto de Santos ficaram positivamente surpresos com o comportamento social japonês. J. Amândio Sobral, que trabalha na Inspetoria Nacional de Migração de São Paulo, escreveu que os japoneses "todos deixaram os carros em bom estado e após a partida não ficou visível nenhum cuspe ou casca de fruta no veículo ou nas calçadas" e conclui que "todos ficaram surpresos com a limpeza do quarto: sem bitucas, um grande contraste com o cuspe e as bitucas esmagadas pelos pés dos outros imigrantes". Outro fator que chamou a atenção dos brasileiros foi a disciplina dos trabalhadores japoneses, que fizeram seu trabalho honestamente e não protestaram, mesmo vivendo e trabalhando em condições desumanas. Cabe ressaltar que os anúncios do governo e dos produtores de café brasileiros, as informações sobre as condições de trabalho e moradia eram enganosas, assim como as promessas salariais feitas (Poubel, 2008).

A partir da primeira fase da imigração, vemos que os primeiros centros coloniais se deslocaram da ferrovia Mogiana para a nova zona cafeeira de São Paulo. Há evidências de que o primeiro núcleo espontâneo de pequenos agricultores japoneses foi a colônia de Monção, datada de 1911. Contudo, o estabelecimento das colônias encontrou poucas dificuldades. Nas áreas recém-descobertas, a malária matou muitos colonos e suas plantações sofreram com um enxame de vermes, como aconteceu na colônia fundada por Unpei Hirano em 1915, onde hoje é Cafelândia (Kodama). ; Sakurai, 2008). .

Foi nesta segunda fase da imigração que também teve início a ocupação japonesa de outras regiões do Brasil. As colônias começaram a chegar nos estados do Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul. Houve um novo fluxo de imigração, particularmente no norte do país. Em 1928, empresas japonesas adquiriram terras no Paraná, Pará e Amazonas, que somavam 1 milhão de hectares em cada estado. Em 1929, as primeiras 43 famílias chegaram a Acará, hoje Tomé-Açu (Pará), para cultivar cacau, abrindo assim uma cadeia de imigração direta do Japão para a região Norte do Brasil. Mais uma vez as dificuldades foram enormes, a

ponto de a colônia quase desaparecer. A colheita de cacau fracassou e os colonos foram devastados pela febre amarela e pela malária, obrigando os agricultores a migrar para o sudeste do país. No meio da Amazônia, uma colônia foi estabelecida em Maués em 1931, embora sofresse dos mesmos problemas do Pará, mas ainda houve problemas com o cultivo de juta ao longo do tempo (Kodama; Sakurai, 2008).

“Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os japoneses que viviam no Brasil tiveram problemas relacionados a essa questão, porque o Brasil apoiava o grupo Aliado e o Japão fazia parte do grupo do Eixo. À medida que o conflito avançava, o apoio do Japão aumentou. Além disso, o governo foi abusivo com esse grupo, isso ficou mais claro quando o presidente Getúlio Vargas (1930-1945) impôs a proibição. Crescimento normal. Nesta época, as fontes de trabalho que os japoneses procuravam nos parques e centros urbanos eram voltadas para a indústria, ou seja, o comércio e os serviços. (Freitas, 2024).

A imigração do pós-guerra só foi retomada oficialmente entre os dois governos em 1963, após muito debate sobre a viabilidade de reabrir a imigração japonesa para o Brasil até o início dos anos 1980. Segundo o Ministério das Relações Exteriores do Japão, 46.401 imigrantes entraram no país. (Kodama; Sakurai, 2008).

A movimentação de imigrantes e seus descendentes para trabalhar no Japão teve início em meados da década de 1980. É um movimento denominado de *dekassegui*, que faz parte do processo de migração de brasileiros para o exterior. As perspectivas de enriquecimento ainda fazem parte dos sonhos dos novos emigrantes, mas está a ser criada uma nova ligação entre os países de origem e de destino, ligando a identidade destes trabalhadores ao outro lado do mundo, onde estão os seus pais, avós, bisavós ou tataravós (Kodama; Sakurai, 2008).

A organização da colônia japonesa no Centro-Oeste remonta a 1954, tendo Brasília como ponto de partida no processo migratório para Goiás. Após a construção iniciada, em 1956, em decorrência das expectativas suscitadas, houve um movimento de novos grupos de imigrantes em Goiás, incluindo as famílias japonesas interessadas em produzir frutas e verduras para apoiar os trabalhadores da construção civil da nova Capital Federal.

Nesse recorte temporal, é importante destacar que Goiás estava em estado de estagnação no contexto do século XIX, o que gerou escassez e fome generalizadas, especialmente em termos de alimentos. O estado de inércia econômica começou a

ser superado nas três primeiras décadas do século XIX, quando Goiás, sob a influência da pecuária, passou a acolher novas levas de habitantes, incluindo os japoneses, e novos grupos de migrantes. Vieram principalmente para a região centro-sul e sudoeste de Goiás, municípios de Rio Verde, Jataí, Mineiros, Caiapônia, Quirinópolis, etc. (Mota, 1992).

1.1.1. As tradições e a cultura do povo japonês: um processo histórico

O início do século XXI foi marcado pela emergência de um discurso cultural no contexto acadêmico e social do Brasil. Nesse contexto, as discussões sobre a “cultura japonesa” têm atraído a atenção tanto das autoridades políticas quanto da mídia desde o centenário da migração japonesa para o Brasil.

Este evento comemorativo serviu como propaganda e celebrou diversos símbolos considerados típicos da cultura japonesa. O estudo da cultura “significa reconhecer os significados compartilhados por todos os membros de um grupo social que estão integrados nas atividades desse grupo, mesmo que não tenham consciência reflexiva deles” (Miranda, 2001). A cultura se manifesta, assim, em todos os padrões e hábitos da sociedade.

Os japoneses se tornaram um povo de sucesso que, após a Segunda Guerra Mundial, passaram a ser representados como modelo de superação, posição semelhante à que temos hoje em relação à Coreia do Sul. Nas décadas de 80 e 90, a indústria cultural japonesa invadiu o Brasil e, nesse sentido, tornou o distante mais próximo, menos estranho, mais interessante. A maioria dos jovens cresceu com esta impressão da grandeza do Japão, das qualidades supostamente inatas dos japoneses e da sua vanguarda no mundo tecnológico.

Acreditamos que responder ao encontro entre as culturas brasileira e japonesa é um dos maiores desafios no processo de transposição para no Brasil. O *xintoísmo*⁴

⁴ As cerimônias xintoístas são caracterizadas pelo politeísmo, com elementos de animismo e xamanismo, além de dar origem a uma das características mais significativas da cultura japonesa: o culto aos ancestrais. O povo japonês naquela época acreditava que uma força sobrenatural conectava as pessoas ao universo e, embora não entendessem exatamente essa força, acreditavam que era uma espécie de espírito presente em todos os fenômenos e objetos naturais; a esse espírito deram o nome de kami, que significa "superior" ou "acima". O termo é utilizado para representar a manifestação da santidade nas mais diversas formas: montanhas, plantas, roupas, acessórios, fenômenos meteorológicos, etc. (PERES, 2010).

(Shintô) e o budismo⁵ (Bukkyô)⁶ destacam-se entre as religiões japonesas mais antigas, particularmente presentes nos costumes das gerações japonesas mais antigas (Tomita, 2004). Com o tempo, diferentes vertentes dessas correntes vão se fundindo, devido à grande efervescência religiosa da época. Além disso, a religião japonesa se tornaria uma fusão de seus próprios elementos culturais com aqueles derivados do budismo e do confucionismo. Essa combinação religiosa foi fundamental para a ascensão do estado japonês (Magalhães, 2018).

Embora o Japão inicialmente se limitasse a copiar a Europa e os Estados Unidos, na década de 1960 começou a criar e até exportar tendências, reinterpretando a moda ocidental com influências nem sempre conscientes da cultura de origem. Com essa peculiaridade, a moda japonesa conquistou lugar e prestígio entre as modas internacionais. Os *mangás* e *animes* de sucesso mundial espalham como os japoneses reinterpretam as vestes e hábitos ocidentais.

A Unesco concedeu o Registro de Alimentos Japoneses como Patrimônio Imaterial da Humanidade. A culinária japonesa que trouxe consigo uma cultura rica e hábitos alimentares diferenciados que, aliados aos nossos próprios hábitos, ajudaram a mudar para melhor o cardápio brasileiro.

É importante ressaltar que os japoneses trouxeram um legado ao Brasil através do processo de imigração há pouco mais de um século. Talvez não soubessem que davam continuidade a este legado, embora inicialmente estivessem isolados, por um instinto natural de defesa cultural. Mas ao longo dos anos, seu patrimônio e costumes se espalharam pela sociedade brasileira, ganhando espaço social e marcando presença na economia, na industrialização, na agricultura, na culinária e até na religião.

No campo religioso não podemos deixar de falar de sincretismo ou na justaposição simbólica. Talvez a coexistência de diferentes aspectos de diferentes religiões e diferentes práticas em diferentes épocas seja mais apropriada para falar

⁵ O budismo se originou na vila de Kapilavastu, no nordeste da Índia, no século VI aC. através dos ensinamentos de Siddhartha Gautama, um príncipe do clã Shakya que entrou para a história como um Buda. Siddhartha, filho de um rico rajá, cresceu em um luxuoso palácio sem conhecer o mundo exterior, pois ao nascer um profeta disse ao pai que se o jovem príncipe entrasse em contato com os sofrimentos do mundo, ele se tornaria um mestre religioso, caso contrário, se tornaria um governante poderoso. (PERES, 2010).

⁶ “Entidade cultural”, passa a denominar não somente a entidade central, como também outras centenas de “Bunkyos” em várias localidades do país. As realizações da entidade central se tornaram referência da cultura japonesa praticada neste país.

sobre como os japoneses praticam a sua religião antes e depois da imigração. Assim, o que aparece como um sincretismo ou coexistência de práticas religiosas pode, por um lado, ser fruto de um complexo processo de adaptação sociocultural (Gaudioso; Soares, 2010).

1.1.2 A cultura e as Novas Religiões Japonesas

A migração geralmente leva os imigrantes a distanciarem-se da nova sociedade, causando medo e insegurança. A identidade cultural de um indivíduo não é imutável, mas está sujeita a modificações com base na absorção de experiências e na lenta integração. A migração mostra que a cultura original não pode ser totalmente preservada, mas há um contexto histórico que não se perde facilmente. O conservadorismo da tradição pode ser reforçado e, ao mesmo tempo, se valorizar o que se ganhou mais do que se perdeu (Almeida, 2006).

Canclini (2005) adota uma visão socialmente significativa da cultura na pós-modernidade e insiste em tratá-la não como uma essência, mas como diferenças mobilizadas em torno de histórias de comparações, situações locais e globais. Seguindo esse autor e os dados aqui discutidos, pode-se identificar uma situação de interculturalidade como forma de compreender as trocas, comparações e negociações que caracterizam o ambiente religioso e sua originalidade japonesa. Segundo Shoji (2002, s/p), “existem elementos históricos que nos permitem acompanhar a mudança na identidade étnica dos Nikkei e o seu reflexo na sua prática religiosa atual, interpretada como uma estratégia de convivência e interação social”, influenciada por elementos brasileiros e japoneses, mas que mantém também uma distância. de uma vez.

Um dado significativo dessa presença aponta para a concentração nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste. Saber que a maioria dos 150 mil seguidores de novos movimentos religiosos são descendentes de não japoneses define um público que se projeta por meio da criação de significados culturais inscritos no corpus dessas religiões. A representação central da cultura japonesa em sua expansão ocidental é notável por sua natureza hierárquica e seu apego à tradição oriental. Os diversos setores da vida são conhecidos e respeitados por seu senso ético polarizado na obediência e devoção filial (Castilho; Godoy; 2006).

Silva (2013) apresenta a religião na perspectiva de Durkheim (1968) como a busca do bem, do belo e do ideal, mas a religião inclui também o mal e a morte. Nesse sentido, Geertz (2001) entende que a religião dá sentido à vida, quando afirma que a fé sustenta, cura, consola, corrige injustiças, melhora a felicidade, concede recompensas, interpreta, impõe obrigações, abençoa, ilumina, reconcilia, regenera. O autor define religião como: um sistema de símbolos que funciona para estabelecer tendências e motivações poderosas, penetrantes e duradouras nos seres humanos, formulando conceitos da ordem geral da existência e sobrepondo a esses conceitos uma aura de fatalidade tal que tendências e motivações parecem particularmente realista (Geertz, 2001).

Ainda de acordo com Silva (2013), para entender a questão da identidade conectada, é preciso primeiro entender dois outros conceitos sobre identidade, social e cultural. Cucho (2002) o define com precisão: cada grupo tem uma identidade que corresponde à sua definição social, definição que lhe permite situar-se no todo social. A identidade social é fruto de inclusão e exclusão, pois identifica o grupo (os membros do grupo são idênticos, de certo ponto de vista) e o distingue de outros grupos (cujos membros diferem do primeiro, no mesmo ponto de vista). Nessa perspectiva, a identidade cultural aparece como uma forma de categorizar a distinção nós/eles, com base nas diferenças culturais (Cucho, 2002).

Maeyama (1996, apud Mori, 1998, p. 58) define etnicidade e nacionalidade, como "uma forma de classificar os homens na sociedade", a partir do princípio é olhar para si ou para os outros segundo as qualidades ou características, sejam elas culturais ou físicas, que se acredita terem adquirido através da sua ancestralidade", isto como "uma medida da classificação do homem, da interpretação do mundo e a percepção e o conhecimento do ser (Magalhães, 2018).

A primeira geração, conhecida como *issei* (os japoneses nascidos no Japão) é conhecida como a que melhor preservou a cultura original. O estabelecimento de colônias pelos japoneses fomentou um certo isolamento que dificultou a vida social fora delas. a intenção era criar o espaço que os japoneses tinham em seu país, marcado por uma clara homogeneidade cultural nipônica. eles viviam em comunidades nipo-brasileiras (pessoas nascidas no Japão que vivem no Brasil), mantinham contato com seus antepassados e tradicionalmente tentavam acompanhar as notícias do país por meio de revistas ou jornais, geralmente em língua japonesa.

os pais sempre procuraram falar a língua japonesa, entre outras coisas, comemoravam os feriados japoneses e continuavam a seguir sua religião tradicional (Almeida, 2006).

Ainda segundo Almeida (2006), a segunda geração (nissei) é composta pelos filhos dos primeiros imigrantes japoneses. Ela enfrenta obstáculos em sua assimilação devido aos fortes laços que seus ancestrais ainda mantêm com sua terra. Ou seja, há uma grande necessidade de seus familiares manterem a cultura, celebração de festas típicas, hábitos alimentares, tradição matrimonial e grande dedicação aos estudos, o que contribui para o aprendizado do japonês. O nissei se aproximou da cultura tradicional japonesa, o que dificultou sua assimilação à cultura brasileira. É claro que houve um cruzamento de duas culturas, a brasileira e a japonesa, formando assim uma cultura mestiça, já que sua influência na vida dos nisseis era inevitável.

Os netos de imigrantes japoneses de terceira geração são chamados de sansei. Pode-se dizer que a maioria deles, assim como os Yonsei (bisnetos) de quarta geração, se adaptaram ao solo brasileiro, sendo menos influenciados pela cultura japonesa ou mais distantes. No entanto, a ideia de emigrar, quer pela curiosidade de conhecer a terra dos seus antepassados, quer para estudar ou ganhar experiência de vida, está presente nos projetos destes descendentes (Almeida, 2006).

Na pesquisa de Lesser (2001), citado por Magalhaes (2018), encontramos referências a negociações e cesuras identitárias, como entre japoneses e brasileiros: o sentimento de ser diferente, mas semelhante foi particularmente pronunciado. Essas identidades eram múltiplas e muitas vezes contraditórias, e os símbolos disponíveis para uso e reciclagem estavam em constante mudança. Eles, os imigrantes, criaram um gênero oral e escrito, reformulando as diferenças étnicas para acomodá-las. identidade brasileira. Alguns argumentaram que ser "branco" permitia que eles se encaixassem em uma sociedade tradicional que operava em um continuum bipolar preto-branco. Outros, no entanto, recusaram-se a se classificar nesses termos. Esses imigrantes, e seus descendentes, reivindicaram a criação de novas categorias hifenizadas sob o título de "brasileiros" (Lesser 2001).

Fatores cognitivos emergem para facilitar a encarnação simbólica voltada para a formação do parentesco e da identidade (PAIVA, 2004). Dessa forma, cria-se um ambiente de adesão e valorização dos temas da cultura oriental inseridos no modo de vida dos crentes. Na perspectiva de Castilho (2006), o ambiente de contato e

multiculturalismo é verificado pela presença de um ambiente simbólico caracterizado por situações comunicativas que expressam múltiplos valores e relações. Nesse sentido, valem para as tradições japonesa e brasileira as práticas de pluralismo religioso e de comunicação intercultural (MAGALHÃES, 2018).

O nacionalismo nasce em países que veem a imigração como o início de uma perda de homogeneidade étnica linguística e cultural. No Japão não foi diferente, pois o nacionalismo estava presente e dominante na busca pela homogeneidade. Os movimentos migratórios e a presença de grupos minoritários, mesmo que mínimos, em solo japonês mostram que o Japão não é um país homogêneo como atesta a cultura nipônica. A introdução de brasileiros descendentes de japoneses no Japão ilustra a crescente interligação entre os países e, portanto, a difícil possibilidade de homogeneidade (Almeida, 2006). Ainda segundo Magalhães (2018), a inculcação da fé é uma chave interpretativa capaz de valorizar aspectos teológicos fundamentais como a revelação divina e a hermenêutica, mesmo quando o objeto de análise é uma tradição religiosa oriental. Inculcar fé significa tentar discernir a cultura presente em cada revelação divina. É um conceito da tradição católica, um fenômeno tão antigo quanto a história do cristianismo, mas que ganhou importância como conceito teológico desde o Concílio Vaticano II. Isso porque a maior valorização do ecumenismo e o respeito à diversidade presente na própria instituição caracterizaram a época da Igreja Católica (Miranda, 2001. p. 26).

Nesse sentido, Almeida (2006) aponta que a influência japonesa também se encontra na diversidade das religiões brasileiras. Assim, além da forte presença do catolicismo no Brasil, é possível observar a difusão de algumas crenças japonesas, como o xintoísmo e o budismo. É fato que a cultura brasileira começa a se difundir entre os descendentes de japoneses. No trabalho, na vida privada, no cotidiano, na escola e, assim, a relação com a cultura do país de origem se dilui. O conhecimento da língua, a tradição familiar, a educação, são hábitos que a maioria já não segue.

1.2 As influências sociais herdadas da sociedade japonesa

As influências sociais derivadas da sociedade japonesa incluem etnia/religião, esportes, mangá, artes visuais, artes marciais, cerâmica, arte/comida, cinema, literatura, moda, televisão e arquitetura. Essas influências são artefatos étnicos

usados para estudar comunidades imigrantes e seus descendentes. O Japão, “Terra do Sol Nascente”, samurais, gueixas, flores de cerejeira, quimonos, também da alta tecnologia, mangás e animes. O Japão é caracterizado por tradições antigas, mas esquecemos que o país passou por uma transformação drástica desde o final do século XIX (Guglinski, 2011). As entrevistas do terceiro capítulo apresentam uma série dessas influências sociais japonesas reelaboradas no contexto brasileiro.

Embora o termo imigrante não possa ser atribuído à ancestralidade, ainda existe uma crença que advém da vida numa comunidade étnica que perdurará por gerações. Para melhor desenvolver teoricamente esta tese, apresentamos de uma forma que eleva o conceito de etnicidade a um patamar superior na perspectiva de Fredrik Barth (1969-1997). Para o autor, etnicidade é um conceito relativo cuja distinção só pode ser compreendida e analisada na interação com outros grupos. A identidade étnica é, portanto, um meio de estabelecer fronteiras entre grupos e fortalecer laços entre indivíduos pertencentes a um determinado grupo. Segundo Barth, “a forma e distribuição da cultura”, o autor defende a utilização de certos conceitos de “ecologia animal” para compreender a natureza dos grupos étnicos. Por exemplo, o “nicho” é o lugar específico do grupo no ambiente, caracterizado não só pela sua relação com os recursos naturais, mas também pelas suas ligações com outros grupos que vivem na área, que serão os seus concorrentes finais. É importante ter em mente esta definição, que permanece como ponto de partida inalterado nos argumentos barthianos subsequentes (Barth, 1997).

No que diz respeito à interação social, embora estes aspectos continuem a ser importantes para a definição de um grupo étnico, o mais importante é a “auto atribuição” a uma unidade social diferenciada com base em critérios de pertença ou diferenciação. A formação de uma identidade grupal nesse sentido só ocorre através do contato com modelos sociais mais gerais, que também são transformados. Desta forma, enfatiza-se a natureza mais relativa e dinâmica da identidade étnica. A comunicação ganha destaque na construção social da identidade porque é através desse contato que emergem padrões de comparação. A etnicidade é assim criada de forma dinâmica e sujeita a redefinição e transformação devido à sua dimensão relacional. No caso da etnicidade resultante da imigração, esta identidade étnica é transformada não só pelas mudanças na sociedade anfitriã, mas também pelas novas gerações de descendentes que se afastam da cultura nativa dos seus antepassados.

Mesmo no país de origem, a cultura e os costumes dos antepassados podem mudar rapidamente (Shoji, 2002).

Tomemos como exemplo um ramo da religião japonesa, o budismo tradicional. Tanto no Japão como no Brasil, aparece nos ritos fúnebres e na observância religiosa dos antepassados familiares. Existem elementos históricos que permitem traçar a mudança na identidade étnica dos Nikkei e em sua prática religiosa atual, expressa como estratégia de convivência e interação social, influenciada tanto por elementos brasileiros quanto japoneses. (Shoji, 2002).

Deste ponto de vista, o desenvolvimento do grupo religioso é determinado pelas fronteiras da etnicidade, que dependem da convivência social e da assimilação das religiões étnicas pelas novas gerações. Aqueles que desejam aderir a um grupo religioso muitas vezes querem compreender e comportar-se como o grupo étnico. Para a maioria dos seguidores já pertencentes ao grupo étnico, é difícil separar os aspectos étnicos e religiosos, limitando a possibilidade de processamento e divulgação das ideias religiosas do grupo. Neste sentido, a religião étnica pode ser entendida como a sacralização de símbolos que implicam uma identidade social diferenciada, a transmissão de mitos e rituais de identidade étnica à geração seguinte e a preservação de símbolos que representariam uma origem comum (Shoji, 2002).

Uma das consequências importantes da utilização de um conceito de etnicidade centrado na interação social é enfatizar as estratégias de adaptação e sobrevivência de um grupo imigrante, enfatizando a dinâmica do caráter dessas transformações. É possível, portanto, estudar antropologicamente a comunidade japonesa e seus descendentes no Brasil como um grupo étnico que desenvolveu fronteiras em relação aos brasileiros e japoneses, mas que reduz essas fronteiras dependendo do contexto e da conveniência social. O uso de múltiplas identidades pode ser entendido mais como uma estratégia de enfrentamento e adaptação, resultado de uma identidade mista, do que como uma verdadeira ausência de fronteiras.

Utilizando o conceito de etnia, baseado na interação social, é possível analisar diversas tendências na adaptação da religião japonesa ao Brasil. Do ponto de vista das instituições, numa explicação teórica mais geral, as religiões criadas pelos imigrantes oscilam entre duas estratégias e não se referem à sua sustentabilidade social. A abertura cultural não tem com o objetivo de aumentar o número de

seguidores, mas tentando manter uma base étnica contínua que garanta a sua sustentabilidade. Os imigrantes e descendentes que aderem a este projeto, inspirados na sua religião, tendem a ter objetivos mais universais e inclusivos. Essa característica muitas vezes se reflete no desenvolvimento da nova religião japonesa no Brasil, que se adapta rapidamente e também promove fortes divisões étnicas. Por outro lado, não porque a identidade dos imigrantes seja uma prioridade, mas esta abertura cultural é muitas vezes minimizada simplesmente devido às mudanças nas fronteiras do próprio grupo étnico (Shoji, 2002).

Segundo Rubio (2000), esse vínculo ancestral garante aos imigrantes japoneses uma ligação forte com suas origens. A religião como influência social herdada da sociedade japonesa é considerada no Brasil como uma vertente diferenciada, repleta de elementos culturais e influências do xintoísmo, do budismo e até do cristianismo já trazido da terra de origem. Assim, os diferentes espetáculos culturais, como espetáculos religiosos, musicais, de dança, bem como práticas esportivas, foram importados e sendo adaptados ao local onde esses grupos sociais se estabeleceram (Rubio, 2000).

Destacamos a prática dos esportes maciais. Segundo Modelli (2018), A difusão das artes marciais entre os brasileiros foi influenciada por diversos fatores, sendo um deles a aceitação dessas práticas pela polícia e pelas forças armadas do Brasil. Além disso, destaca-se o papel crucial do jiu-jitsu nessa relação entre Brasil e Japão, uma vez que o esporte foi introduzido por um mestre japonês e aprimorado pelos brasileiros. Essa contribuição ganha maior relevância se comparada a outros exemplos. Com o passar do tempo, os brasileiros foram gradualmente integrados aos grupos de treinamento de artes marciais, participando de sessões de treinamento e eventos junto à comunidade japonesa que havia recentemente chegado ao país.

O praticante de karatê busca novos objetivos, além da luta. A exemplo citamos o aperfeiçoamento moral e espiritual. A filosofia artística japonesa, conhecida como Budo, utiliza a prática marcial como método de ascetismo e educação. As artes marciais são consideradas a versão moderna do antigo Bujutsu, que era um conjunto de disciplinas de combate destinadas apenas aos samurais (Kanashiro, 2010).

Para Guglinski (2011), a crescente da leitura de mangá, quadrinhos e animes revela a importância desses meios de comunicação, que vão além do entretenimento

e possuem uma função didática significativa. Comumente adotados em escolas e empresas, eles são utilizados como ferramentas para transmitir conhecimentos históricos, éticos e culturais. Essa preferência pela leitura de histórias em quadrinhos é estendida a todas as faixas etárias, desde crianças até o público adulto, sendo que cada grupo-alvo possui suas próprias categorias e estilos específicos. O design dessas produções possui características particulares, ao adaptar traços orientais às inovações ocidentais. Isso tem contribuído para a disseminação da cultura nipônica pelo mundo, com sua capacidade de transmitir conhecimentos, entreter e inspirar.

1.2.1 – Frestas do processo econômico japonês

Do início do século 17 até meados do século 19, o Japão estava no período Edo (1600-1867), cujo sistema feudal consistia no domínio militar do xogunato (Shogunato Tokugawa) e senhores que dominavam os camponeses nas aldeias. O regime político da época era mantido com base na estrita política de isolamento e divisão de classes do país. As classes eram divididas em quatro: militar (samurai), camponês, artesão e comerciante, sendo praticamente impossível passar de uma para outra. Durante a maior parte desse período, o governo militar do xogunato manteve o país isolado do resto do mundo, exceto pelo contato limitado com a China, Coréia e Holanda. Os objetivos dessa estratégia eram: impedir a propagação do cristianismo, religião considerada nociva pelas autoridades; restringir o comércio exterior; e manter uma estrutura social, política e econômica fechada.

Com a Restauração Meiji⁷, o poder no Japão caiu nas mãos de Mutsuhito, conhecido como Imperador Meiji. A administração do país era dirigida por burocratas, os principais responsáveis pelas grandes transformações ocorridas no Japão. Os burocratas planeavam romper com a velha ordem que existia durante o período do xogunato e promover a integração da elite e da população em geral no novo projeto, que levaria ao desenvolvimento do país. É por isso que muitas transformações ocorreram na sociedade japonesa (Silva, 2023).

⁷ A **Restauração Meiji** foi o processo de **restauração monárquica** que aconteceu no Japão, em 1868. O poder que estava nas mãos dos **xoguns** (chefes militares) foi passado para a família Imperial. A partir disso, foi iniciado um grande processo de modernização e crescimento da economia japonesa após anos de isolamento econômico. (SILVA, 2023).

O governo aboliu o privilégio dos proprietários de terras (daimio) sobre os feudos (han), e os camponeses, que antes pagavam seus impostos aos proprietários de terras, passaram a fazê-lo ao governo. Além disso, as pensões governamentais para a classe samurai foram permanentemente abolidas e substituídas por compensações com prazo de validade fixo de até quinze anos. A antropóloga americana Ruth Benedict descreve estas mudanças da seguinte forma: Alguns anos depois de chegar ao poder, [o regime] aboliu o direito do *daimyo* [proprietário] de tributar qualquer feudo. Ele coletou os dados e atribuiu o imposto de “40%” ao agricultor *Daimyo*. [...] Por volta de 1876, as pensões dos *daimyos* e samurais foram transformadas em indenizações pagáveis ao longo de quinze anos. Eram pequenos ou grandes dependendo do salário fixo desses indivíduos durante a era Tokugawa (Benedict, 2014).

Para promover uma melhor integração nacional com o projeto implementado após Meiji, o novo governo unificou a língua japonesa, apagando as diferenças dialetais existentes. Além disso, ele reformou a educação no Japão, tornando a educação obrigatória. O objetivo da educação era “ensinar disciplina, obediência, pontualidade e respeito religioso (culto) ao imperador (Landes, 1998).

A restauração Meiji, apesar dos esforços feitos para abrir e modernizar o país, não conseguiu conter o descontentamento popular. Os adversários eram os líderes de importantes províncias, como Satsuma, Chôshû e Tosa, e principalmente os exércitos dessas províncias. De 1867 a 1868, eles exigiram que o xogunato abandonasse o poder político e, mais tarde, juntamente com os cortesãos, restauraram o domínio imperial. Esse processo de reforma política, que derrotou o regime militar (Hitomi et al., 1996).

A restauração colocou fim ao xogunato. Após a revolução, o novo governo Meiji, formado pelo exército de algumas províncias e pela nobreza, apoiou diversas medidas de modernização sob o lema “enriquecer o país e fortalecer as forças armadas”. Algumas das mudanças mais importantes foram: a abolição do sistema de castas e os consequentes esforços para igualar as classes na sociedade; permissão para usar sobrenomes para pessoas comuns; a possibilidade de casamento entre diferentes castas; livre escolha de carreira; liberdade de produção no campo (sem restrição dos produtos a serem plantados no campo); e permissão para vender terras em áreas rurais (Hitomi et al., 1996).

Para a modernização, o governo Meiji assumiu a liderança na promoção do desenvolvimento industrial e introduzir o capitalismo no país. Durante o período Edo, o comércio se desenvolveu um pouco e, ao mesmo tempo, o número crescente de trabalhadores rurais desempregados foi forçado a migrar para as cidades, trabalhando em várias atividades industriais. No entanto, o Japão ainda estava no estágio preliminar de desenvolvimento econômico, cuja indústria manufatureira estava em sua infância.

Ao contrário do Japão, nos países ocidentais a revolução industrial já havia ocorrido décadas antes, e o capitalismo estava se desenvolvendo e entrando em sua fase madura. A lacuna de desenvolvimento econômico entre o Japão e o Ocidente era grande, e a pressão para que o Japão se modernizasse. Assim, o governo japonês teve que tomar a iniciativa de acelerar seu crescimento econômico importando tecnologias industriais avançadas e métodos administrativos do exterior, estabelecendo um ambiente produtivo que tendia cada vez mais a se modernizar (Nariai, 1999).

Os esforços do governo japonês para desenvolver a indústria concentraram-se principalmente na melhoria da infraestrutura física e institucional em áreas como transporte, telecomunicações, finanças e sistema monetário. O governo controlava diretamente as principais indústrias para que pudessem importar e implementar a tecnologia e as práticas de gestão dos países industrializados. Essas empresas estatais foram equipadas com instalações importadas pelo estado e gerenciadas por engenheiros estrangeiros (Nariai, 1999).

Assim, o governo tentou por duas vezes alcançar o que então era da maior importância: desenvolver a indústria e armar-se militarmente. Durante o período Meiji, a seda crua foi o primeiro produto exportado e o algodão o segundo, ocupando anteriormente o chá. A fim de promover o desenvolvimento industrial e aumentar o poderio militar, bem como encontrar as receitas necessárias para dismantelar gradualmente as antigas classes dominantes do governo feudal (samurais) e o governo ainda dependia da tributação em geral.

Outro impacto significativo deu-se com a intensificação do êxodo rural. Em primeiro lugar, os novos impostos eram cobrados dos donos do terreno, e não de seus usuários, como era comum no antigo sistema feudal, o que resultava na determinação da posse de terreno e na promoção do êxodo rural. Os agricultores, que não queriam

pagar os impostos, desistiram de suas posses do terreno comum, que costumava ser aberto ao uso público (Nariai, 1999).

Os novos impostos sobre a propriedade foram pagos em dinheiro. Com isso, os camponeses foram obrigados a vender seus produtos, e os camponeses pobres passaram a depender cada vez mais dos mais ricos, além do fato de que mercadores e agiotas passaram a invadir cada vez mais a agricultura. Os camponeses pobres, que não podiam controlar a venda de seus produtos, foram obrigados a aceitar preços desvantajosos e permanecer sob o controle desses mercadores e usurários. Assim, a reforma do imposto fundiário levou ao êxodo rural e à expansão do mercado interno.

A industrialização japonesa começou com a indústria leve, incluindo a indústria têxtil, que experimentou o desenvolvimento mais notável. As empresas privadas, ao abrirem com pouco capital, encontravam dificuldades para estabelecer a indústria pesada. Além disso, havia demandas nacionais e internacionais para produtos da indústria leve: nome genérico para indústrias de bens de consumo. Indústria pesada: aquela que fabrica equipamentos de infraestrutura e máquinas e ferramentas pesadas. O custo da mão de obra japonesa na época era baixo. Assim, a indústria leve foi bem adaptada às circunstâncias prevalecentes na época. O desenvolvimento da indústria pesada só ocorreu após a Primeira Guerra Sino-Japonesa, de 1894 a 1895 (Nariai, 1999).

O governo Meiji, desde logo após a revolução, estava interessado em controlar a Coreia, que na época estava sob domínio chinês. Em 1894, Japão e China entraram na Primeira Guerra Sino-Japonesa, na qual o Japão saiu vitorioso. Nessa vitória, além da posse de várias regiões da China, o Japão obteve uma indenização de aproximadamente 3,1 milhões de ienes (na época), com a qual cobriu despesas militares. (Hitomi et al., 1996).

Após essa guerra, a economia japonesa estagnou, porém, a indústria pesada experimentou um crescimento excepcional. O governo, preocupado com o atraso no desenvolvimento da indústria pesada, como a siderúrgica e a naval, tomou iniciativas para promovê-la. Nessa época foram construídos estaleiros e siderúrgicas. Em 1904, o Japão entrou em guerra com a Rússia, disputando o controle da região nordeste da China. Financeiramente, sua maior preocupação era como lidar com os gastos excessivos dessa guerra (NARIAI, 1999). Além de aumentar impostos e emitir títulos nacionais, o governo dependia da dívida externa e acabava sofrendo com as altas

taxas de juros. Embora o Japão tenha assumido o controle de partes da China e da Coréia, o governo não conseguiu obter compensação da Rússia. (Hitomi et al., 1996).

Esse fato, junto com a expansão das forças armadas, o aumento dos assentamentos e a nacionalização da ferrovia, dificultava a situação financeira do governo. A manutenção de altos impostos tem afetado a vida das pessoas. (Hitomi et al., 1996). Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a economia japonesa estava à beira da falência, lutando até para pagar os juros da dívida externa.

No final da guerra, o Japão completou seu processo de industrialização. Porém, a partir desse momento, a situação socioeconômica, influenciada por diversos fatores internos e externos, tornou-se instável, o que acabou por permitir o autoritarismo das Forças Armadas. Na década de 1920, a economia japonesa, muito ajudada por medidas governamentais, cambaleava de crise em crise, ainda mais prejudicada pelo grande terremoto de Kantô, que causou graves danos. No entanto, o problema econômico se agravou ainda mais após a crise mundial de 1929 (Nariai, 1999, p. 21).

Em 1930, o governo da época tentou reativar a exportação de ouro e incentivar uma política deflacionária, com o objetivo de reconstruir a economia japonesa. No entanto, essas medidas resultaram em uma forte recessão e no escoamento de grande quantidade de ouro, impedindo o alcance desse objetivo, além de coincidirem com a crise mundial, iniciada nos Estados Unidos, em 1929. Os preços caíram rapidamente, obrigando as fábricas a reduzir o horário de funcionamento, levando-as à falência. O número de desempregados aumentou, obrigando as pessoas a deixar as áreas urbanas para as áreas rurais (Nariai, 1999, p. 22).

Paralelamente, ocorreu a crise no mundo rural. Em uma situação econômica difícil, os preços da seda crua e do bicho-da-seda caíram drasticamente, e a boa colheita de 1930 levou à queda do preço do arroz. Em 1931, grandes perdas devido à onda de frio na região nordeste resultaram em uma safra ruim. Existe até um cálculo segundo o qual as dívidas dos homens do campo em 1932 chegavam a 114% de sua renda (SBCJ, 1992, p.141-142).

Nessa região, era comum o drama de meninos ou meninas desnutridas vendidas a bordéis para pagar as dívidas dos pais. Foram raros os casos de suicídios de famílias inteiras ou de municípios que não tinham dinheiro para pagar os salários dos funcionários. Diante da crescente crise socioeconômica que o regime democrático não tem conseguido resolver, as forças de direita e pró-fascistas se multiplicam aos

trancos e barrancos. Adota-se uma política de militarização intensiva (...) a economia japonesa está desorganizada, produzindo centenas de milhares de desempregados. (SBCJ, 1992, p. 141-142).

Durante a Segunda Guerra Sino-Japonesa, os países das forças aliadas (principalmente Estados Unidos e Inglaterra) se opuseram fortemente à invasão japonesa da China, pressionando aquele país a abandonar sua política expansionista. O Japão respondeu aliando-se à Alemanha e à Itália e entrando em guerra contra as forças aliadas. Depois de esgotados todos os poderes militares e civis, o país foi forçado a aceitar o projeto de Declaração de Potsdam, que o obrigou a se render completamente (HITOMI et al., 1996, p. 246-261).

Cabe destacar que nessas crises relatadas, muitos imigrantes japoneses e seus descendentes vieram para o Brasil. Tornaram-se fazendeiros, empresários de sucesso ou simplesmente construíram patrimônios, conseguindo prosperar economicamente com muito trabalho.

CAPITULO 2: O SAGRADO, AS EXPERIÊNCIAS E INFLUÊNCIAS RELIGIOSAS JAPONESAS

Neste segundo capítulo, o objetivo é discutir a religiosidade e as noções de sagrado na cultura japonesa, buscando aprender novos conhecimentos a partir das experiências e influências desse povo no Brasil. O capítulo está dividido em três partes. Na primeira falamos do Sagrado como teoria e ciência; na segunda parte falamos sobre a noção de sagrado na religião oriental e nas tradições japonesas; encerramos o capítulo falando sobre as influências religiosas experimentadas pelos imigrantes japoneses.

2.1 O Sagrado como teoria e ciência

O esclarecimento do conceito de sagrado utilizado em estudos de ciências da religião deve partir de usos terminológicos reconhecidos. As definições que Otto e Eliade propõem do sagrado estão entre as mais consolidadas e por isso merecem nossa atenção no contexto do estudo do sagrado na literatura. Otto pretende ir além de uma compreensão da religião reduzida à racionalidade e à moralidade, destacando elementos irracionais e caracterizando a natureza específica da religião como numinosa. Eliade entende o sagrado como um fenômeno que se manifesta em hierofanias cujo estudo sistemático permite descobrir as estruturas deste sagrado. (Cross, 2017).

Neste estudo, para trabalhar o conceito de sagrado, optamos por seguir a linha conceitual de Eliade, apoiando-nos nos conceitos fundamentais apresentados em sua obra *Sagrado e Profano* (2010) ou seja, o “sagrado na sua totalidade”. O caminho para isso, em vez de proceder por uma fenomenologia da percepção dos elementos constituintes do sagrado, que fornece a Otto suas categorias fundamentais, centra-se na oposição externa ao sagrado – o profano (Eliade, 2010, p.10).

Eliade pressupõe uma distinção entre sagrado e profano, pois são qualidades diferentes percebidas nos elementos da realidade pelo ser humano. O tempo sagrado distingue-se do tempo profano, o espaço sagrado do espaço profano, os elementos

naturais são percebidos distintamente como sagrados ou como profanos. Esta seria uma distinção universalmente presente (Cross, 2017).

Durkheim (2000) diz que se a religião é produto da essência da sociedade, porque a ideia de sociedade é a alma da religião. Não existe religião que não seja social e que não reflita a convivência entre as instituições. A essência da religião para ele é também o sagrado, algo extraordinário, enquanto o seu oposto, o profano, está ligado às coisas comuns e ordinárias. Esta distinção entre o sagrado e o profano não é da mesma ordem que a distinção entre o sobrenatural e o natural. As coisas sobrenaturais não são necessariamente sagradas, e as coisas sagradas também não são necessariamente sobrenaturais. O ponto central de sua análise é que o sagrado está ligado à sociedade. As crenças religiosas são expressões comunitárias e os rituais religiosos mais importantes são praticados em conjunto. Para Durkheim, porém, um grupo de pessoas que compartilham uma fé comum e participam juntas de rituais constitui o que ele chama de “a Igreja”. Isso significa que a religião é socialmente organizada (Durkheim, 2000).

O sagrado não é externo ou exterior à pessoa, mas algo levado para nós mesmos, na sociedade. Durkheim acredita que os fundamentos, a essência sociológica da religião, já estão presentes na sociedade e são claramente visíveis. A essência da fé está sobretudo ligada à sequência das ações. As crenças que enriquecem as mentes não são essencialmente conhecimento: a sua função principal é motivar a ação. Existem forças por trás das crenças (Durkheim, 2000).

Já para Eliade, estudar as estruturas do sagrado revela a essência da religião. Deve-se esclarecer que não se trata de estruturas no sentido estruturalista do termo, mas sim de estruturas fenomenológicas da religião, que são descritas com o objetivo de perceber a essência do fenômeno. É importante ressaltar que Eliade reconhece a complementaridade entre as duas perspectivas. Para ele, sem a dimensão histórica concreta não seria de fato possível desenvolver pesquisas sobre a estrutura essencial do fenômeno religioso. Contudo, a limitação à perspectiva historicista implica a perda da dimensão específica deste fenômeno, ou seja, a sua diluição entre outros fenômenos (Cross, 2017).

Ainda segundo o autor, o conceito fundamental que Eliade utiliza para perceber a distinção entre o sagrado e o profano é o de hierofania. Este termo designa “o ato de manifestação do sagrado”, e deve ser entendido no sentido de que “não implica

nada além; nada mais exprime do que aquilo que o seu conteúdo etimológico implica, nomeadamente que algo sagrado nos é mostrado. Neste caso, é “a manifestação de algo de uma ordem completamente diferente, de uma realidade que não pertence ao nosso mundo, em objetos que são parte integrante do nosso mundo natural “profano”. (Eliade, 2010, p. 11).

O sagrado é uma fonte de sentido. A noção de espaço sagrado implica a demarcação de um centro a partir do qual a vida cotidiana (profana) se organiza e ganha sentido. Sem centro e, portanto, sem centralidade, não há sentido, apenas fragmentação. Para Eliade não é possível viver assim. O mundo da vida precisa ser fundado, e a hierofania do espaço sagrado e do centro do mundo manifesta-se como uma percepção do carácter transcendente que esse espaço revela (Eliade, 2010, p. 22, 28). A noção grega de cosmos – um mundo entendido como uma ordem, e mais ainda, uma bela ordem – ilustra bem a relação entre um centro que organiza o espaço e dá sentido ao todo (Eliade, 2010, p. 30, 64).).

Quando Eliade fala da busca pela estrutura fundamental, pelo sentido, pela transcendência do histórico, no terceiro capítulo de sua obra, são apresentados alguns dos ciclos mítico-simbólicos, com uma profusão de exemplos muito mais amplos, além de haver mais ciclos expostos. A vantagem da abordagem mais sintética do Sagrado e do Profano reside no carácter introdutório possibilitado, evitando uma repetição quase monótona de exemplos, ainda que esta leitura seja extremamente instrutiva para o aprofundamento da compreensão geral da obra proposta por Eliade. A ideia básica é que a estrutura do sagrado se manifesta em elementos cósmicos e naturais. A análise fenomenológica da percepção do sagrado pelas diferentes tradições religiosas permite o desenvolvimento de determinados conjuntos simbólico-mitológicos. Eliade pressupõe a possibilidade de complementaridade entre tais conjuntos, de modo que a percepção do sagrado de uma determinada cultura humana possa ser tomada para preencher as lacunas estruturais nas percepções de outra. Segundo ele, somente o conhecimento da estrutura geral de um determinado tipo de hierofania permite compreender o simbolismo vinculado a tal grupo. Esta estrutura, por sua vez, só se revela através do simbolismo de que são dotados os elementos naturais ou cósmicos (Eliade, 2010, p. 118, 131-132, 137).

O sagrado é percebido na experiência religiosa das pessoas. Os críticos por vezes perguntam-se até que ponto estes conceitos ainda seriam legítimos à luz de um

mundo que mudou consideravelmente em relação ao contexto em que foram apresentados. Contudo, não haveria exatamente uma fenomenologia da religião por excelência, “mas sim uma grande variedade de conceitos fenomenológico-religiosos” (Hock, 2010, p. 86-87) ou tantas fenomenologias quantos fenomenólogos. Além disso, uma atualização nesta área só ocorreria lentamente, particularmente fora do rótulo “Fenomenologia da Religião”, intimamente ligado à “criptoteologia”. O fato é que a retomada de conteúdos que antes giravam em torno de uma determinada fenomenologia emergiria agora de “outros lugares”, como o “debate sobre a hermenêutica fenomenológico-religiosa ou sobre a possibilidade e as perspectivas de desenvolvimento de tipologias e classificações no mundo da ciência das religiões” (Hock, 2010 [2002]).

Todos os argumentos vão na mesma direção e defendem a necessidade de uma abordagem vivencial do nosso objeto de investigação, baseada em um fundamento compatível com a prática científica e não externo a ela. Pode-se discutir como e em que medida as Ciências da Religião serve de parâmetro e seria capaz de fornecer conhecimento sobre o seu assunto, guiada por princípios científicos, em particular conceitos teóricos e categorias de métodos consensualmente aceitos (Stausberg; Engler, 2011, p. 3).

2.1.1 A noção de sagrado na religião oriental e nas tradições Japonesas

Religião é aquilo que cresce e expressa a experiência do sagrado em seus diversos aspectos, estamos diante de algo para o qual só existe uma expressão adequada: *mysterium tremendum* (Greil, 2009, p. 143). Em geral chamamos de religiosa a relação entre o homem e o sagrado, que como religião subjetiva se expressa na veneração e no culto e que se encarna como religião objetiva na sociedade, na confissão, nas palavras, nos atos e na lei. (Dubuisson, 2003, p. 56).

Acredita-se que o sagrado existe porque se manifesta de uma forma completamente diferente dos fenômenos classificados como mundanos. O estudioso romeno Mircea Eliade chama isso de “hierofania”, que em grego significa “algo sagrado que se revela a nós”. Eliade atribui esta visão do sagrado a Rudolf Otto, que considera o conceito das *ganz Andere*, ou seja, aquilo que é completamente diferente de tudo o mais e que, por isso, não pode ser descrito na linguagem comum. (Peres, 2010).

Sobre o budismo, autores como Habito (2001); Dumoulin (1994); Yokota e Au (2010), esclarecem que: O budismo chegou ao Japão no século VI, através da China e da Coreia. Acredita-se que a primeira introdução do budismo no país tenha ocorrido durante o reinado da Imperatriz Suiko, que governou de 593 a 628. Uma das primeiras escolas budistas a se estabelecer no Japão foi a escola Hossō, fundada por um monge chamado Xuanzang, que trouxe de volta à China escrituras budistas importantes. O Hossō foi rapidamente seguido pela escola Kegon e pela escola Ritsu. No entanto, foi a escola Tendai, fundada por Saichō (767-822), que marcou um importante ponto de virada. Essa escola enfatizava a prática do zazen, ou meditação sentada, como forma de obter a iluminação. Saichō também estabeleceu o Monte Hiei, perto de Kyoto, como um importante centro de estudos e práticas budistas. (Habito (2001); Dumoulin (1994); Yokota e Au (2010)).

Outra importante escola budista no Japão é a escola Shingon, fundada por Kūkai (774-835), também conhecido como Kōbō Daishi. Kūkai trouxe do continente asiático a prática do mantra e do mudra, além de ensinamentos esotéricos e rituais complexos. A escola Shingon ainda possui um importante templo em Koyasan, onde Kūkai está enterrado. No século XII, uma nova escola budista emergiu no Japão - a escola Jōdo, fundada por Hōnen (1133-1212). Esta escola enfatizava a prática da recitação do nome de Amida Buda, a fim de obter a salvação e renascimento no paraíso ocidental. A escola Jōdo popularizou o conceito de nembutsu, ou a recitação do nome de Amida, e teve um grande impacto na sociedade japonesa da época. No século XIII, outra escola budista ganhou destaque no Japão - a escola Zen, que enfatizava a prática da meditação zazen e a busca pela iluminação direta. O Zen teve um grande impacto nas artes, como a cerimônia do chá, a caligrafia e a pintura. A escola Sōtō, fundada por Dōgen (1200-1253), e a escola Rinzai, fundada por Eisai (1141-1215), são as principais escolas Zen no Japão. (Habito (2001); Dumoulin (1994); Yokota e Au (2010)).

O sincretismo religioso japonês no Brasil tem sido objeto de estudo e análise por muitos pesquisadores. De acordo com Bezerra (2024), é possível notar a presença de novas religiões japonesas que estão ativamente envolvidas no proselitismo religioso. Essas novas religiões japonesas, de acordo com Bezerra, consideram sua doutrina como fundamental e buscam difundi-la entre os brasileiros. Elas não se limitam a serem apenas comunidades de práticas religiosas, mas encaram sua religião

como um modo de vida a ser seguido. Isso implica em aspectos que vão além das práticas ritualísticas, envolvendo crenças, valores e comportamentos cotidianos. (Bezerra, 2024).

No entanto, Bezerra (2024) argumenta que a expressão "modo de vida" quando aplicada a essas religiões japonesas pode ser vista como uma elaboração genérica sem muito sentido. Isso porque ao utilizar essa expressão, pode-se sugerir que todas as pessoas que seguem essa religião compartilham as mesmas características de estilo de vida, o que não é necessariamente verdade. As novas religiões japonesas no Brasil incorporam elementos de diversas tradições religiosas, como o xintoísmo, budismo e algumas influências do cristianismo. Essa mistura de crenças e práticas é uma forma de sincretismo religioso, onde diferentes tradições se entrelaçam e se influenciam mutuamente. Além disso, outra característica importante dessas novas religiões japonesas é a sua adaptação ao contexto brasileiro. Elas buscam estabelecer vínculos com a cultura local e atender às necessidades espirituais e emocionais dos brasileiros. Assim, é comum encontrar rituais e celebrações que combinam elementos tanto da tradição japonesa quanto da cultura brasileira. (Bezerra, 2024).

Nas tradições religiosas dos imigrantes japoneses, a presença dos oratórios no cotidiano desses imigrantes reflete um sentimento de pertencimento ao grupo, baseado na relação com o sagrado, feito de símbolos e sinais que os conectam ao seu país sua origem, aos antepassados e passado, através de crenças, objetos, imagens e memórias. No caso japonês, o "sagrado" pode ser assimilado à natureza; antes de existir um verdadeiro jinja, os espaços abertos eram usados para realizar cerimônias sazonais nas quais os kami se manifestavam temporariamente (Peres, 2010).

Existem quatro conceitos principais para compreender estas relações: politeísmo, teísmo antigo, monoteísmo e ateísmo. O primeiro desses conceitos, o politeísmo, que significa "muitos deuses", está diretamente ligado ao animismo e baseia-se na aceitação de múltiplos seres divinos. Na perspectiva do sistema politeísta, cada divindade é responsável por determinado aspecto da vida e ainda possui uma posição hierárquica definida em relação aos demais deuses e deusas, dependendo do peso da responsabilidade de cada pessoa (Peres, 2010).

O henoteísmo é então considerado uma religião de transição para o sistema monoteísta. O Islã, por exemplo, surgiu como um movimento de renascimento religioso, no qual a adoração de muitos deuses tribais foi substituída por um único Deus, Alá. Podemos, portanto, dizer que o monoteísmo islâmico surgiu em resposta ao politeísmo. Esta forma religiosa nega a existência de diferentes deuses, porque para o monoteísmo só existe um Deus que transcende o mundo. Exemplos de religiões monoteístas são o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo (Peres, 2010).

As cerimônias xintoístas são caracterizadas pelo politeísmo e por elementos de animismo e xamanismo, bem como pela transmissão de um dos aspectos mais significativos da cultura japonesa: o culto aos ancestrais. Os japoneses da época acreditavam que uma força sobrenatural conectava o homem ao universo e, embora não conseguissem conceituar essa força com precisão, acreditavam que se tratava de algum tipo de espírito presente em cada fenômeno e objeto da natureza; Esse espírito foi chamado de kami, que significa “deus” ou “espírito”. O termo é utilizado para representar a manifestação do sagrado nas mais diversas formas: montanhas, plantas, roupas, acessórios e fenômenos climáticos (Peres, 2010).

Kotodama⁸ é um conceito da cultura japonesa que se refere à crença de que as palavras têm poder e energia. Acredita-se que as palavras possuem uma manifestação espiritual e, portanto, podem influenciar o mundo ao nosso redor. Esse conceito está relacionado à crença de que o som das palavras, assim como sua entonação e intenção, pode afetar não apenas quem as ouve, mas também o próprio falante. Essa crença é especialmente importante no contexto do xintoísmo, uma religião tradicional japonesa. O termo 'kotodama' é composto pelas palavras 'koto', que significa 'palavra' ou 'linguagem', e 'dama', que se traduz como 'espírito' ou 'alma'. Especialmente quando expressas em certas formas, como nortto (orações rituais) ou poesia Waka, as palavras da língua japonesa podem influenciar pessoas, deuses e até eventos ou o mundo. É preciso ter muito cuidado ao usar esse poder típico das sociedades mais tradicionais. Alguns pensadores japoneses modernos usaram-no para explicar que a língua e a cultura japonesas têm características especiais (JAPAN, 1993).

⁸ Fonte: apan Society - "Kotodama: The Power of Words in Japanese Culture" <https://www.japansociety.org/page/programs/gallery?programID=35>). Acesso abril, 2024.

Para Berger (1985), a religião é o esforço humano através do qual emerge um cosmos sagrado. Em outras palavras, a religião é uma cosmização de um modo sagrado. Por sagrado entendemos aqui uma qualidade de poder misterioso e temeroso, diferente do homem e ainda assim conectado com ele, que se acredita estar presente em certos objetos de experiência. Portanto, podemos dizer que a religião desempenhou um papel estratégico no empreendimento humano de construção do mundo.

Junto com Otto, e mesmo antes dele, Nathan Söderblom (1866-1931) teria contribuído para “garantir à fenomenologia da religião um lugar seguro nos estudos religiosos”, vendo algo decisivo na palavra sagrada. Contudo, Söderblom não alcançaria o sucesso de Otto em *Das Heilige* (1917), que seria “uma teoria compacta da religião que adquiriu importância decisiva e foi muito além do debate fenomenológico e religioso, como uma teoria abrangente da religião” (Hock, 2010, p. 78-79). Sua grande contribuição metodológica é, portanto, oferecer um “excelente modelo de análise fenomenológica em chave hermenêutica da experiência religiosa”. Tal abordagem experiencial, que busca através de seu processo descritivo a estrutura essencial e universal do fenômeno religioso, poderia colocar em primeiro plano o caráter irreduzível do numinoso, ou seja, a qualidade única de cada experiência religiosa (Filoramo; Prandi, 2010, p. 37).

A história da religião no Japão é marcada por um longo processo de influências e tradições religiosas. Ao contrário da Europa, onde o cristianismo suplantou as tradições pagãs locais, a religião local, o xintoísmo, continuou a fazer parte da vida das pessoas desde os primeiros tempos até à organização do Estado dos tempos modernos. Quando o Budismo foi introduzido no Japão no século VI, o Xintoísmo e o Budismo começaram a interagir. Essa interação é chamada de Shinbutsu-shugô. No estudo de Silveira (2016), que versa sobre a seicho-no-ie e sua relação com a modernidade tardia, são abordados pontos centrais como as identidades religiosas e a justaposição de tradições religiosas na seicho-no-ie do Brasil em Goiânia.

A justaposição de tradições é um fenômeno comum na modernidade tardia, especialmente em contextos urbanos, onde diferentes grupos religiosos estão em contato próximo uns com os outros. Nesse cenário, as identidades religiosas se tornam mais fluidas e permeáveis, permitindo que os indivíduos absorvam elementos de diferentes tradições e as incorporem em suas próprias práticas religiosas.

No caso específico da seicho-no-ie do Brasil em Goiânia, observa-se uma tendência de incorporação de elementos de outras tradições religiosas, como o espiritismo, o budismo e o cristianismo. A justaposição dessas diferentes tradições cria uma síntese religiosa única, na qual os seguidores da seicho-no-ie encontram respostas para suas necessidades espirituais e buscam aprimoramento pessoal (Silveira, 2016).

Essa justaposição de tradições também pode ser entendida como uma forma de pluralismo religioso, em que os indivíduos selecionam e combinam práticas e crenças de acordo com suas preferências e necessidades pessoais. Esse fenômeno desafia a noção de ortodoxia e promove uma abertura para diferentes perspectivas religiosas. Além disso, a justaposição de diversas tradições religiosas na modernidade tardia reflete a busca por uma espiritualidade individualizada e personalizada. Os indivíduos não se identificam mais rigidamente com uma única tradição religiosa, mas constroem sua própria religiosidade, escolhendo e combinando elementos de diferentes fontes (Silveira, 2016).

No que diz respeito ao Budismo e ao Xintoísmo na cultura japonesa, buscamos suporte metodológico também nos estudos de Richard Gonçalves André (2009). Para o autor, o budismo japonês está focado em rituais fúnebres. Os cultos aos ancestrais envolvem procedimentos baseados principalmente em obrigações executadas dentro de cômodos domésticos, chamados *butsudans*, e em torno de “tábuas memoriais” chamadas *ihai*. Segundo o autor, os imigrantes japoneses no Brasil e seus descendentes mantiveram viva a cultura religiosa japonesa em casa e continuam a fazê-lo por meio de símbolos rituais, como o *butsudan*, espécie de minialtar de aparência budista, atribuindo ao *ihai*, - Os *ihai*, também conhecidos como "touka" ou "sakahoko", são pequenos altares ou placas usadas para homenagear os ancestrais e antepassados falecidos no Japão. Geralmente, podem ser encontrados nas casas das famílias japonesas, em uma área dedicada especialmente para isso, chamada de "butsudan" (um altar budista), ou também podem ser encontrados em templos ou cemitérios. Além disso, muitas famílias também levam seus *ihai* como oferendas para os túmulos de seus antepassados em datas especiais como o Obon, um festival anual de ancestralidade. Tais altares são a prova de que as duas religiões sobreviveram mesmo após a chegada dos japoneses ao Brasil e o processo de adaptação de elementos culturais a um contexto diferente. Em termos religiosos, as duas filosofias

coexistem, mas em termos institucionais e de expressões acadêmicas, o Budismo parece ser mais poderoso no xintoísmo tradições (André, 2018).

Como mostrou André (2018, p. 293), a presença da China no Japão criou uma dinâmica religiosa entre o budismo e o culto local dos kami, “[...] que será a base sobre a qual o xintoísmo será construído séculos depois. ”. Através desse contato e a partir de vestígios da cultura material, o autor mostra que o processo de “[...] 'kamização' do Budismo ou 'budismo' do respeito aos kami, no sentido de que em teoria se tornou o Ancestral budista de uma entidade protegida - o lar -” (ANDRÉ, 2018, p. 302).

Ao analisar a situação acadêmica do xintoísmo no Brasil, é evidente a relevância da cultura japonesa no país, principalmente considerando a existência oficial da imigração japonesa desde 1908 (LESSER, 2001). A influência dos japoneses e seus descendentes na composição cultural brasileira é notável em diversas áreas, destacando-se especialmente na religião. Isso se deve à presença de templos budistas, santuários xintoístas e instituições ligadas às chamadas novas religiões japonesas, que surgiram no cenário japonês a partir do final do século XIX.

Segundo Robert Ellwood (2008), mesmo seguindo as tradições religiosas dos imigrantes japoneses, o xintoísmo de estado é considerado uma ideologia que sustentou a narrativa nacional do Estado japonês moderno até o começo de 1945. De modo geral, santificou a autoridade do trono do Japão através da linha imperial ininterrupta e de seu poder divino, conforme origem baseada em textos míticos. Durante o seu mandato, o governo monopolizou o simbolismo religioso para unificar mitos antigos em torno da autoridade imperial. Para incentivar a sua compreensão do mundo, o governo japonês publicou a “Reescrita Imperial” em 1890, com o objetivo de incentivar a adesão ao culto da autoridade imperial. O termo Xintoísmo de Estado deve ser entendido com cautela devido ao risco de ignorar o fato de sujeitos de outras religiões e grupos, incluindo budistas, cristãos e novas religiões, serem nacionalistas e a adoração do trono japonês. Essencialmente, a comunidade imaginária japonesa foi formada à luz das realidades imperialistas, naturalmente globais, que santificaram o trono e focaram na hegemonia japonesa na Ásia (Ellwood, 2008).

As motivações nacionalistas continuaram a fazer parte de algumas posições públicas e políticas da Seicho-no-Ie, inclusive fora do Japão, após a retirada das forças de ocupação do território japonês em 1952. Em parte, como argumenta Dessì (2013), esta posição se deve a adoção de um governo secular pela nova Constituição

japonesa, promulgada em 1947. A nova carta cortou os laços que existiam antes de 1945 e que uniam o Estado e a religião. Junto com outros grupos religiosos e conservadores, a Seicho-no-le se opôs aos esforços para profanar a autoridade do trono japonês, que começaram quando o imperador Hirohito (1901–1989) abdicou da censura divina em 1º de janeiro de 1946 (Ellwood, 2008).

A partir das concepções de Silveira (2016), intercruzando com o pensamento de Tanizaki (1886-1965) e de Suzuki (1870-1966), compreendemos que os japoneses têm uma relação única com a experiência temporal atrelada às religiões, principalmente devido à presença do xintoísmo e do budismo em sua cultura. O termo "única" no contexto da religião japonesa refere-se à forma particular e singular como os japoneses vivenciam e se relacionam com a experiência temporal através das religiões. Isso ocorre devido à presença predominante do xintoísmo e do budismo na cultura japonesa.

No xintoísmo, a conexão entre o ser humano e a natureza é valorizada, e a passagem do tempo é vista como cíclica, sendo representada por ciclos sazonais e rituais de purificação. Já o budismo no Japão introduz a noção de impermanência e a busca pela iluminação através da compreensão da transitoriedade da vida. Tanizaki (1886-1965) e (1870-1966), esses dois autores, cada um à sua maneira, abordaram a relação entre a experiência temporal e as religiões no Japão, contribuindo para uma compreensão mais profunda dessa temática.

O confucionismo e o taoísmo são duas outras religiões “importadas” que desempenharam um papel importante na sociedade japonesa há mais de mil anos. Os preceitos confucionistas tiveram maior influência na ética e na filosofia japonesas, durante o período de formação do Estado (séculos VI e IX), e novamente no período Edo (1600 – 1868). Com uma influência menos acentuada que a do confucionismo, o taoísmo no Japão manifesta-se no uso do horóscopo chinês e em crenças populares como a adivinhação ou “direções auspiciosas”. (Embaixada do Japão, 2012).

As estatísticas da Agência de Assuntos Culturais para 2011 mostram que o número total de membros das duas religiões é de 187,4 milhões, cerca de 53% a mais do que a população total do Japão. No sentimento religioso da maioria do povo japonês, o xintoísmo e o budismo podem coexistir pacificamente sem conflitos. Contudo, para o japonês, a filiação religiosa não se traduz numa frequência regular

aos cultos. A maioria das pessoas visita santuários e templos como parte de eventos anuais e ritos de passagem (Embaixada do Japão, 2012).

As informações dos imigrantes japoneses, apresentadas no estudo de Pereira e Oliveira (2008), mostram que há uma continuação da religião que eles trouxeram consigo e passaram de geração em geração, confirmando que o Budismo foi a religião com maior percentual (42,7%) durante o período censitário analisado, embora tenha diminuído. A segunda leitura diz respeito à influência do catolicismo na cultura imigrante, com a religião católica a surgir em segundo lugar (31%) e a manter-se num nível constante ao longo do censo. Surgem “outras religiões” (13,3%) que, especificamente para os japoneses, podem ser consideradas entre as novas religiões orientais surgidas no século XX, tais como: *Seicho-no-Ie* e Igreja Messiânica (Pereira; Oliveira, 2008).

O desenvolvimento mais notável da religião no Japão no século XX foi o rápido crescimento de novas religiões⁹. Os ensinamentos dessas novas religiões alinharam-se com uma ampla gama de tradições anteriores, incluindo aspectos do Xintoísmo, Budismo, Confucionismo, Taoísmo, religiões populares e xamanismo. Os fundadores de novas religiões são geralmente adorados como divindades vivas (ikigami). Para muitos, uma das atrações das novas religiões é o sentido de comunidade que proporcionam às pessoas que perderam o apoio mental e espiritual historicamente fornecido pela família, pela comunidade local ou pelas religiões tradicionais. (Pereira; Oliveira, 2008).

No quadro abaixo, elaborado pela Agência de Assuntos Culturais, e disponível na página da embaixada do Japão, mostra a estatística baseada em informações advindas das organizações religiosas japonesas.

⁹ As novas religiões japonesas são movimentos religiosos que surgiram no Japão no século XIX e XX, particularmente após a Restauração Meiji (1868-1912). Essas religiões geralmente combinam elementos do xintoísmo, budismo, taoísmo e religiões esotéricas tradicionais do Japão, com influências ocidentais e outros sistemas de crenças. Algumas das novas religiões japonesas mais conhecidas incluem o Soka Gakkai, a Igreja Messiânica Mundial (Messiah's Church), a Igreja Tenrikyo, a Seicho-No-Ie, a Risho Kosei Kai, o Seicho-Ji e o Ho no Hana Sanpogyo, entre outras. Cada uma dessas religiões possui suas próprias doutrinas, rituais e práticas, e muitas delas têm uma base forte de membros e seguidores no Japão. Essas novas religiões japonesas costumam se distanciar das tradições religiosas estabelecidas, buscando inovação e um enfoque mais pragmático em relação aos problemas da vida cotidiana. Muitas delas também enfatizam a ideia de autocura espiritual e a busca pela felicidade individual e coletiva. Embora as novas religiões japonesas estejam sujeitas a uma certa controvérsia e críticas por parte de alguns segmentos da sociedade japonesa, elas desempenham um papel significativo na vida religiosa e espiritual do país. Sua popularidade e influência social são evidentes no número de seguidores e nas atividades que desenvolvem, como festivais, encontros e publicações. Fonte: Enciclopédia Britânica, disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Japanese-religions>

Instituições Religiosas no Japão

	Xintoísmo	Budismo	Cristianismo	Outras
Santuários, templos, igrejas, outras organizações	88.591	85.439	9.344	38.107
Religiosos (sacerdotes, ministros, etc.)	76.190	348.662	35.129	216.560
Membros	102.756.326	84.652.539	2.773.096	9.435.317

Fonte: Agência de Assuntos Culturais, julho de 2012

Os ensinamentos dessas novas religiões, se alinharam com uma ampla gama de tradições prévias, incluindo aspectos do Shinto, Budismo, Confucionismo, Taoísmo religiões populares e Xamanismo, confirmando as proposições de Maeyama (1983). Sigamos falando sobre as influências religiosas.

2.1.2 As influências religiosas

A religião é um fenômeno que ocorre em todas as sociedades humanas e é entendida como um fato social, no sentido de Durkheim, que pode ser observado por meio da análise científica. Com efeito, o sagrado constitui uma categoria da experiência humana, ainda que se observe o “desencantamento do mundo” – ou a reconfiguração da relação entre o profano e o sagrado, e um reexame da estrutura desta lógica binária. Não é possível representar o fim da religião ou o desaparecimento do *homo religiosus*. Para entender como a religião pode influenciar o comportamento das pessoas de maneiras politicamente e economicamente relevantes, devemos primeiro definir quais fenômenos são religiosos. A experiência religiosa é entendida como a manifestação de poderes não cotidianos no homem, ou seja, a atribuição de qualidades extraordinárias a seres sobrenaturais como deuses, demônios e espíritos.

Essas experiências são provocadas pela revelação de um poder sagrado, que se manifesta como uma realidade de ordem completamente diferente da realidade natural do homem, ou seja, o mundo profano (Peres, 2010).

Quando falamos de influências religiosas japonesas no Brasil, temos que dizer que o Brasil foi moldado por uma grande miscigenação étnica, o que contribuiu para a difusão de influências religiosas de diferentes culturas. Lendo sobre o panorama das Novas Religiões Japonesas (NRJ) e as perspectivas sobre espiritualidade, é possível entender que essa tendência observada desde a década de 1960, talvez seja, uma das razões pelas quais as NRJs como Soka Gakkai, *Seicho no Ie* e Igreja Messiânica Mundial, ganharam espaço no universo religioso do Brasil e encontraram uma nova oportunidade de vivenciar um mundo diferente não só em termos de religião, mas também de cultura budista.

Priorizando a vida, o meio ambiente e a responsabilidade social, a Igreja Messiânica Mundial e a *Seicho no Ie* projetam os fundamentos de suas novas religiões japonesas na base alimentar, a partir da alimentação natural. As questões sociais e ambientais surgem como visões mais tardias dessas duas religiões. Acreditamos que essa abertura do brasileiro para religiões que oferecem a possibilidade de cura, como a Igreja Messiânica, seja resultado desse enfoque. As doutrinas e práticas das NRJ sustentam a cura através de distintos rituais, que aproximam os fiéis do transcendente/divino, também conectando as práticas do cotidiano daqueles que buscam nessas religiões um espaço de encontro consigo mesmos e com Deus, proporcionando uma experiência relacional com o transcendente mais próxima. (Castro, 2023).

O que Bourdieu (2007) chama de competição pelo controle monopolista sobre os bens da salvação e o uso legítimo do poder religioso como força de mudança duradoura nas representações e práticas seculares. Em termos bourdiesianos, o *habitus* da religiosidade popular brasileira contém características fundamentais que ligam diferentes sistemas de crenças. Ou seja, se por um lado há uma adaptação institucionalmente prevista, por outro há um crence que redimensiona as práticas e a própria doutrina, combinando-as com aspectos do *habitus* já construído (Magalhães, 2018).

Em termos de religiões japonesas, a comunidade japonesa mais antiga forneceu elementos doutrinários positivos que ajudaram os imigrantes japoneses a

sobreviver aos rigores do processo de ajuste e estabelecimento no novo país. Muitos líderes religiosos cultivaram o espírito de proselitismo entre os migrantes, interpretando e dando sentido ao sofrimento que eles viveram e inculcando neles o ideal da "missão". Muitos deles acreditavam que atos devocionais e a promoção de atividades religiosas ajudavam a melhorar espiritualmente e superar problemas. Dessa forma, membros e líderes foram recrutados e incentivados a disseminar os ideais do grupo (Pereira e Matsuoka 2007).

As famílias se estabeleceram nas colônias japonesas, iniciando um processo de expansão entre os pares ao se tornarem missionários. Durante as primeiras décadas da migração, o movimento de proselitismo religioso restringiu-se à comunidade japonesa. No entanto, no período entre guerras, essas atividades foram reprimidas por motivos políticos, aumentando ainda mais na década de 1950. Nesse período, as atividades religiosas japonesas estavam limitadas aos limites étnicos da comunidade e serviam como elementos de construção e expressão de identidade de grupo. Um exemplo dessa ênfase era a promoção do xintoísmo de Estado, enquanto outras religiões eram frequentemente desencorajadas. Organizações religiosas independentes foram suprimidas e seus líderes eram forçados a apoiar o governo militar e a guerra. Após a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, as forças de ocupação lideradas pelos Estados Unidos implementaram políticas que visavam reprimir o militarismo e o nacionalismo extremista. Nesse contexto, houve uma maior ênfase na liberdade religiosa e nos direitos humanos. Nos anos 1950, o Japão vivenciou um aumento na divulgação religiosa. Com o país em reconstrução após a guerra, as pessoas buscavam desesperadamente uma nova esperança e significado em suas vidas, o que levou a um aumento no número de seguidores de diversas religiões, incluindo do cristianismo e do budismo Nichiren, influências ocidentais. No entanto, é válido ressaltar que mesmo com as mudanças políticas, algumas formas de repressão religiosa ainda persistiram no Japão, especialmente em relação às organizações consideradas como seitas ou cultos perigosos, resultando em restrições à liberdade religiosa. (Maeyama 1983; Watanabe 2001; 2008).

Pode-se supor que o cenário político e social instável das décadas de 1970 e 1980 definiu fortemente a capacidade de desenvolvimento das NRJs a exemplo da Igreja Messiânica Mundial (IMM), que, por meio de Johrei e seus ensinamentos, a construção de um céu terrestre, um mundo livre de doenças, pobreza e conflitos,

forneceu por meio de sua mensagem religiosa uma base para a existência e respondeu às "exigências de compensação das classes mais fracas (religiões de salvação)" que, segundo Weber (2007), baseia-se na promessa de libertação do sofrimento e na solicitação de tratamentos capazes de dar sentido ao que são, ao que estão se tornando (Magalhães, 2018).

Quase não havia atividade religiosa organizada entre os imigrantes japoneses até 1950, com exceção do catolicismo e da religião nacional do Brasil (André, 2010). Para o autor, há várias razões atribuíveis a esse fenômeno ou melhor, ao "silencioso". Em primeiro lugar, pode-se supor que o ritmo de trabalho dos imigrantes nas fazendas, principalmente nos cafés, não permitia que eles se engajassem em atividades culturais institucionalizadas¹⁰. Em segundo lugar, a mobilidade regional era quase contínua entre os primeiros imigrantes japoneses. Por exemplo, costuma-se dizer que Londrina recebeu cada vez mais imigrantes nas décadas de 1930 e 1940. Porém, se analisarmos as trajetórias das famílias, fica claro que a maioria passou pelo estado de São Paulo antes de chegar ao Paraná¹¹. A construção de templos e a organização de cerimônias públicas referem-se a atividades que requerem uma certa ancoragem, no tempo, num determinado local. A mobilidade geográfica tem sido um obstáculo a este respeito¹² (André, 2005, 2010).

As práticas e doutrinas dos novos grupos religiosos do Japão tinham um forte apelo nacionalista, substituindo a tradição de adoração ao imperador que durou até a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial (Maeyama 1983). O nacionalismo é o

¹⁰ Porque o trabalhador era obrigado a cumprir certas cotas de produção sob a vigilância de capatazes frequentemente violentos, não encontrava tempo, tampouco energia, para a construção, por exemplo, de templos budistas e a realização de cerimônias religiosas em esfera pública. Inclusive, houve poucos monges entre os primeiros japoneses no Brasil especializados para a execução de rituais do gênero. Os velórios e funerais, que se tornaram numerosos nos anos iniciais devido a enfermidades como a malária, não eram ritualizados de modo tradicional, sendo o caixão do falecido carregado à mão ou na carroceria de algum caminhão até o cemitério. As preces eram recitadas pelos próprios nikkeis (isto é, japoneses e descendentes) sem formação propriamente teológica (ANDRÉ, 2010).

¹¹ A família Ohara, por exemplo, que comprou o primeiro lote de terras oferecido pela Companhia de Terras Norte do Paraná (a empresa que loteou e comercializou lotes fundiários na região de Rolândia, Cambé, Londrina, Ibiporã, entre outras), passou pela cidade paulista de Santo Anastácio para, somente depois, sob a influência do agente da Companhia Hikoma Udihara, migrar para os rincões londrinenses (IVANO; LOSNAK, 2003, p. 27–36). A imigrante Kiyō Kono, um atípico caso de imigração não-familiar, passou pelas cidades de Cachoeira Paulista e Presidente Prudente, deslocando-se em seguida para as cidades paranaenses de Uraí e Londrina. Mesmo entre indivíduos de outras etnias, como os italianos, o fenômeno era muito semelhante (ANDRÉ, 2005, p.78-79).

¹² Nessa linha, Handa (1987, p. 484) esclarece que: "Um número cada vez maior de sepulturas significava, para os imigrantes, estarem deixando raízes irremovíveis aqui em terras brasileiras. Para onde poderiam ir, deixando para trás e abandonando o "túmulo do papai", ou o „túmulo do filho? " [...]"

elemento de culto que define a comunidade. Por si só, a sua presença mina o argumento de que não existiam práticas religiosas antes da derrota dos japoneses.

O contexto da ocupação do país pelos Aliados inaugurou um período de grandes reformas políticas e econômicas no arquipélago japonês. As mudanças constitucionais, que levaram à desmilitarização do país e ao fim do uso formal da religião para promover o nacionalismo, ajudaram os Estados Unidos a se ajustarem à sociedade japonesa profundamente transformada. As relações internacionais do Japão foram redefinidas e o país adotou como principal objetivo a recuperação nacional por meio do desenvolvimento econômico (Magalhães, 2018).

As gerações mais jovens buscam integrar as religiões ocidentais, pois precisam aumentar seu apelo e mudar sua imagem e identidade. Até então eram consideradas religiões étnicas cuja missão se limitava à comunidade japonesa no Brasil, mas hoje tentam assumir o aspecto de religiões universais, ainda que com características japonesas específicas. A sua preservação era vista como essencial, não só porque forneciam uma base sólida, mas também porque o sucesso num mundo cada vez mais sob as forças da globalização, tanto objetiva quanto objetivamente, exigia que as novas religiões oferecessem exatamente o que não era novo. As religiões japonesas, ou *shinshukyo* (novas religiões), proporcionaram aos brasileiros que vivenciaram a modernização acelerada - e sofreram suas piores consequências tanto social quanto psicologicamente - com seus ensinamentos e práticas, uma forma de cura, mas também uma ética para a vida cotidiana, para brasileiros que passaram por uma modernização acelerada, num ambiente competitivo dominado pela insegurança e novas formas de comunidade, os laços familiares rompidos pela imigração são fortalecidos através de rituais, técnicas de gestão do stress e preparação mental para os desafios colocados pela nova ordem econômica e, em última análise, para o seu aproveitamento espiritual e material (Clarke, 2008).

Existem conexões entre as religiões japonesas e o lugar em sentido estritamente físico. Tomando como exemplo a comunidade budistas e seus rituais que se desenvolveram no Japão, embora as práticas também sejam encontradas na China, diz respeito ao culto aos ancestrais, que se tornariam as entidades protetoras da família, delineando a natureza divina. Portanto, após sua morte, uma parte de sua natureza humana seria abandonada para se tornarem seres semidivinos. No *Memento mori*, seus nomes são escritos com a palavra *ihai*, adicionada ao *butsudan*. Porém,

não se trata de uma identidade material, mas de uma nomenclatura espiritual, pois na tradição budista japonesa um indivíduo tem dois nomes: de um lado, o nome usado diariamente; por outro, o que se revela no momento da morte, o que significa a transição para uma natureza transcendente. A admiração tem uma missão sagrada ligada ao chamado. Não é apenas uma memória que indica uma ausência, mas uma presença que evoca um lugar. Portanto, mesmo no estado espiritual, uma parte das necessidades vitais de uma pessoa deve ser satisfeita, razão pela qual no *butsudan* são feitos sacrifícios diários, como arroz, frutas, saquê, água etc., que formam uma troca simbólica, e se algo é oferecido em troca de um benefício, a exemplo da proteção familiar (André, 2010).

As práticas religiosas Nikkei¹³ incluem celebrações diárias, como a colheita de culturas agrícolas. Algumas comunidades fizeram dela uma festa local, como a “festa da pesca” de Vila Nova, Porto Alegre, no início do verão; “festival do tomate” que se realizou na década de 1960 em Santa Maria, etc. Em algumas famílias, a primeira colheita é colocada no altar familiar. Algumas famílias que não têm colheitas colocam no altar as primeiras frutas e verduras, compradas nos supermercados ou recebidas como presentes, preservando assim o costume das religiões budista e xintoísta de oferecer os frutos da terra aos deuses e de oferecê-los aos antepassados em troca do dom e da proteção contra o mal diariamente (Gaudioso e Soares, 2010).

Portanto, a questão da religiosidade entre os imigrantes japoneses recupera hoje sua importância como religiosidade e espiritualidade individual, diferentemente dos primórdios da imigração. Os japoneses já não procuram os benefícios econômicos e sociais da sua conversão ao catolicismo. Em vez disso, procuram a religião católica como forma de usufruir do benefício da sua alma pós-morte, seguros de que estará bem protegida depois de deixarem este mundo, e como o xintoísmo, numa tentativa de tornar imortais e talvez protetores de seus descendentes na terra estrangeira onde decidiram ficar. (Ushida, 1999, p. 79).

No caso dos imigrantes japoneses, a coexistência de diferentes aspectos de diferentes religiões e diferentes práticas em diferentes épocas é mais apropriada para falar sobre como os japoneses praticam a sua religião, antes e depois da imigração.

¹³ Nikkei é o nome de um dos principais índices de ações do Japão, o "Nikkei Stock Average", também conhecido como "Nikkei 225". Ele é composto pelas 225 maiores empresas negociadas na Bolsa de Valores de Tóquio e é amplamente utilizado como uma medida do desempenho do mercado de ações japonês. (Gaudioso e Soares, 2010)

Assim, o que aparece como sincretismo ou coexistência de práticas religiosas pode, por um lado, ser adaptações socioculturais para inclusão na comunidade; por outro lado, a manutenção de diferentes religiões que coexistem pacificamente, como sempre aconteceu com as diversas práticas budistas, xintoístas e animistas, entre outras. (Gaudioso e Soares, 2010).

Outra conexão que podemos citar, refere-se a própria língua japonesa, tão difundida nas NRJ, pode ser vista como um potencial instrumento de supremacia, não só religiosa, mas também cultural. Justamente porque a língua deve ser vista aqui como parte indissociável da cultura, uma de suas manifestações mais poderosas, e não como um fenômeno isolado suspenso no vazio (Azenha, 1999).

Agora vamos ver como as características apontadas por esses estudiosos aparecem nos descendentes dos imigrantes japoneses para o Brasil, as famílias que se estabeleceram em Mineiros, município de Goiás.

CAPITULO 3: RELATOS DE TRAJETÓRIAS DE DESCENDENTES DE IMIGRANTES JAPONESES NO CENTRO-OESTE DO BRASIL/ SUDOESTE DE GOIÁS

O objetivo deste terceiro capítulo é agrupar relatos de trajetórias de descendentes de imigrantes japoneses no Brasil, no intuito de compreender seus modos de vivência do Sagrado a partir da vida em Goiás, na cidade de Mineiros. Trazemos elementos do estudo de caso desenvolvido, onde ouvimos seis descendentes de japoneses que falarem sobre a trajetória de seus pais e avôs, e percebemos que eles se identificam como responsáveis direto pela preservação da religiosidade e da cultura recebidas de seus antepassados. Dessa forma, a organização o capítulo começa pelas famílias de origem japonesa estabelecidas em Mineiros – Goiás. Depois, o processo migratório nos casos analisados. Tratamos do vínculo com a religiosidade oriental e, por fim, a manutenção das tradições japonesas, com as interfaces entre cultura japonesa e brasileira.

3.1 A imigração Japonesa em Goiás e Mineiros

Segundo Mota (2008), foi justamente no período de crise que o Brasil atravessava, em busca de oportunidades vantajosas em outros lugares, que diversas famílias japonesas já estabelecidas no Brasil iniciaram outro processo de migração. Este foi interno, quando os primeiros grupos de imigrantes japoneses se estabeleceram no estado de Goiás. Esses movimentos migratórios internos refletem nada menos que a busca pela mobilidade social (Mota, 2008, p. 32).

Os japoneses começaram a chegar a Goiás um pouco antes, em 1910. Foi um grupo muito pequeno que escolheu a área para trabalhar na pecuária. Mas foi só na década de 1920 que o estado começou a registrar um maior número de japoneses. As terras goianas eram boas e a região estava integrada ao sistema ferroviário, fatores essenciais para atrair os japoneses. Entre 1925 e 1929, o fluxo migratório em direção a Goiás intensificou-se. Municípios como Goiânia, Anápolis, Goianira, Pires do Rio, Nerópolis, Inhumas e Goianópolis atraíram gradativamente mão de obra japonesa (Nippo, 2023).

O trabalho de Saito (2011) sobre os japoneses em Goiás aborda diversos elementos significativos, como:

Imigração japonesa: Saito (2011) explora o contexto histórico da imigração japonesa para Goiás, destacando o período em que ocorreu a maior onda migratória, as motivações dos imigrantes e sua adaptação ao novo ambiente.

Contribuição na economia local: Saito destaca a relevância dos japoneses na economia goiana, especialmente na área agrícola. Ele ressalta o desenvolvimento da cultura do arroz e do cultivo de flores pelos imigrantes, bem como seu papel na introdução de técnicas avançadas de produção.

Interculturalidade: O trabalho aborda a relação dos japoneses com a cultura brasileira e o processo de assimilação e preservação de sua própria cultura. Saito discute a manutenção de tradições japonesas, como a culinária e o festival do *hanami*, bem como a influência da cultura brasileira na vida dos imigrantes.

Associações japonesas: O autor destaca o papel das associações japonesas em Goiás como espaço de convivência, preservação da cultura e apoio mútuo entre os imigrantes. Ele analisa a atuação dessas entidades na promoção de eventos culturais e no apoio à comunidade. (Saito, 2011).

A chegada dessas famílias “representava um desdobramento da imigração em direção às terras de São Paulo e Minas Gerais” (Mota, p. 134). A escolha dos imigrantes pelo estado de Goiás, segundo relato de um dos pioneiros, Sr. Akira Fukushima, deveu-se ao interesse pelo cultivo do café, motivado pela promessa do prefeito de Anápolis de que as terras da região seriam doadas, ou seja, os interessados teriam apenas que pagar uma taxa no ato do registro para então receberem a escritura definitiva de propriedade do terreno, o que na realidade não ocorreu (Saito, 2011).

Mineiros é um município brasileiro localizado no interior do estado de Goiás, região Centro-Oeste do país. Localizada a sudoeste de Goiás, a 420 km de Goiânia, 500 km de Cuiabá e 550 km de Campo Grande e 650 km de Brasília. A maior área do Parque Nacional das Emas está localizada no seu município. Segundo o Tribunal Regional Eleitoral de Goiás, o número de eleitores no município é de 46.452 e sua população, segundo estimativas do IBGE para 2021, era de 69.477 habitantes. Sua área é de 12.060,091 km², o que torna o município um dos maiores de Goiás em extensão territorial, representando 2,6159% da área do Estado, 0,5558% da área do

Centro-Oeste do Brasil e 0,1047% do todo o território do país. Geograficamente localizado em uma das maiores altitudes de Goiás, variando de 700 a 1.100 m, na Serra dos Caiapós, o município possui inúmeras fontes de água, algumas subterrâneas, como o aquífero Guarani, formando diversos rios, entre eles o Rio Araguaia, Rio Verde, Formoso e Jacuba (IBGE, 2021).

Em Mineiros, certos elementos da cultura japonesa se fazem presentes o que será mostrado no próximo capítulo, quando apresentamos as conclusões obtidas com os dados das entrevistas. É importante ressaltar que entre esses elementos incluem a culinária e a religiosidade. Quanto à culinária trazida pelas japonesas para Goiás e Mineiros do interior de Goiás, ela tem sido preservada tanto pelas práticas cotidianas nas cozinhas de suas casas, quanto pela sua utilização em ocasiões especiais como datas comemorativas e festivas. As práticas aqui discutidas são os pratos (incluindo sushi, onigiri, sopa de miso), os ingredientes e métodos de preparação, bem como todos os utensílios associados ao ritual diário de alimentação¹⁴, tanto no interior como no exterior (Godoy e Castilho, 2007).

Segundo as estimativas, mais de 3 mil japoneses vivem em Goiás. As gerações mais velhas continuam o jogo do Gate Ball, enquanto as gerações mais novas fazem da comunicação de guerra ao som dos Taikos (tambores japoneses) uma atração cultural (Matéria Prima UFG, 2023). Em discurso por ocasião dos 100 anos da imigração japonesa, a senadora Lúcia Vânia (PSDB-GO) lembrou a importância desse processo migratório para o estado de Goiás. Ela registrou o lançamento, na Associação Nipo-Brasileira de Goiás, do primeiro livro sobre a Imigração Japonesa em Goiás. A coletânea foi coordenada pela professora Cecilia Noriko Ito Saito, do Centro de Estudos Orientais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e tem como base a dissertação de mestrado da professora Fátima Alcídia, apoiada no curso de história da Universidade Federal de Goiás. (UFG). O trabalho também se baseia, em depoimentos e arquivos da própria Associação Nipo-Brasileira, bem como em

¹⁴ A alimentação é o elemento essencial e indispensável à sobrevivência humana, não só no aspecto nutricional porque somos animais, mas também no aspecto cultural e identitário de um povo; deve ser analisado na sua totalidade para compreender esses processos de transformação, a manutenção dos costumes e a possível influência na cultura local, para compreender a formação e o desenvolvimento de uma cultura nacional. Nesse sentido, segundo Wootmann, a comida tem dois significados principais. Segundo a primeira, a comida é o oposto da nutrição – aquilo que se transforma em alimento pelo processo culinário. Um segundo significado identificado de comida é comida forte. Nesse sentido, a comida contrasta com a mistura, que funciona como acompanhamento (Wootmann, 2004, p.10).

imagens e artigos acadêmicos de pesquisadores da Universidade Federal de Goiás (Senado, 2008).

Uma vez estabelecidos em Goiás, os imigrantes tornaram-se pequenos e médios proprietários de terras, dedicando-se principalmente ao cultivo do café e outras atividades agrícolas. Além disso, sua contribuição também é sentida na área técnica em geral, na engenharia, na medicina, na odontologia, no comércio, na indústria e na política, enfatizou a senadora goiana (Senado, 2008).

3.1.1 Preâmbulo: narrativas e memórias de famílias de imigrantes japoneses

A partir daqui, apresentaremos trechos das falas dos nossos entrevistados, contando suas experiências das tradições japonesas na religião. Tratamos de seu misticismo, as noções de sagrado, as questões da manutenção da cultura oriental e suas respectivas identidades.

3.1.1.1 O perfil social dos descendentes de japoneses no Goiás

O perfil social dos descendentes de japoneses em Goiás é bastante diversificado. Muitos dos descendentes estão envolvidos na agricultura, seja como produtores rurais, trabalhadores rurais ou comerciantes de produtos agrícolas. Além disso, há também uma presença significativa dos descendentes de japoneses em áreas como comércio, indústria, medicina, educação e artes.

Na esfera social, os descendentes de japoneses em Goiás têm forte influência de sua cultura ancestral. A preservação das tradições japonesas, como a culinária, o artesanato, a música e a dança, é valorizada e celebrada por essa comunidade. Festivais e eventos culturais japoneses, como o Bon Odori (festival de dança japonesa) e a Festa das Cerejeiras em Flor, são realizados regularmente e atraem tanto os descendentes como o público em geral.

Além disso, os descendentes de japoneses em Goiás também têm uma forte identidade local, combinando elementos da cultura japonesa com a cultura goiana. A comida japonesa adaptada aos ingredientes locais, como o uso de peixes de água doce e frutas tropicais, é uma característica marcante. O intercâmbio cultural entre descendentes de japoneses e a população local é uma constante, enriquecendo a sociedade goiana como um todo.

No que diz respeito à organização comunitária, os descendentes de japoneses em Goiás têm várias associações que visam promover a união e a representação desse grupo. Essas associações desempenham um papel importante na preservação das tradições culturais japonesas, além de promoverem atividades sociais, esportivas e educacionais para os descendentes.

3.1.1.2 – Família Morissugui – consciência de particularidade religiosa

A primeira família, tipologicamente apresenta consciência de particularidade religiosa. Com a palavra a família Morissugui, aqui classificada como Entrevistado I:

Meu nome é Edil Morissugui e sou natural de Ouro Oeste, interior de São Paulo. Tenho 54 anos e nasci na cidade de Ouro, no oeste do estado de São Paulo. Eu vivi em São Paulo até os 21 anos e depois me mudei para o Japão, onde fiquei por 4 anos. Em seguida, passei 11 meses em uma propriedade minha em Minas Gerais. Depois disso, morei por 19 anos e meio em Aporé, no estado de Goiás, onde estou atualmente, e meu filho vai completar 9 anos em breve. Meus avós paternos emigraram para o Brasil no dia 29/11/1933. Meu avô tinha 33 anos e minha avó 29.

Eles tinham 4 filhos quando vieram do Japão. Meu pai é o sexto filho e o segundo a nascer no Brasil. Meu avô retornou ao Japão na década de 50, por volta de 1956, para registrar meu pai, o que me faz neto de fato, mas filho de papel, já que meu pai tem dupla nacionalidade, embora nunca tenha conhecido o Japão. Quanto à religiosidade da minha família, a maior parte é católica, cerca de 70%, enquanto 30% são evangélicos, embora todos sejam cristãos. Os antecedentes dos meus avós eram budistas, o que acho muito interessante. (Morissugui, 2023)

Esses primeiros trechos da fala do nosso entrevistado fornecem ricas informações sobre sua base familiar e o vínculo de seus pais e avós com o Japão e com as religiões cristã e budista. Isso demonstra uma consciência da particularidade

religiosa que nos permite, na perspectiva teórica de Peter Burke (2006), lembrar ou escrever sobre o passado, desenvolvendo habilidades para selecionar e interpretar distorções de grupos ou do próprio indivíduo. Que envolve a capacidade de refletir e compreender o passado, reconhecendo as influências e distorções que podem existir tanto em nível individual quanto coletivo. Essas habilidades são essenciais para uma análise crítica e uma compreensão precisa da história e das narrativas que a constituem

Essa junção religiosa pode colaborar na identificação de identidades religiosas híbridas ou performáticas, construídas a partir de elementos significativos em ambas as culturas. Segundo Pessini (2017), a convivência com as religiões cristãs e o budismo implica estar a meio caminho entre o hedonismo e o ascetismo. Um caminho que permite ao ser humano voltar-se para o outro com uma nova atitude de acolhimento. Além dos mandamentos, que correspondem em grande parte a ambos, temos os requisitos básicos de bondade e alegria compartilhada, compaixão amorosa (Buda) e amor samaritano compassivo (Jesus).

Seguimos com o nosso Entrevistado I, falando mais sobre suas experiências familiares com a cultura e religião japonesa.

A cultura japonesa tem uma tradição de cultuar os antepassados não apenas em vida, mas também após a morte. Isso é levado muito a sério, e é comum manter essa tradição, mesmo em um contexto ocidental. A cultura japonesa também tem saudações e cumprimentos muito peculiares. Eles valorizam o respeito e a formalidade nas interações sociais. Isso é algo que também influenciou minha maneira de ser ao longo da vida.

O respeito à sociedade, ao próximo e à família é um valor muito importante na cultura japonesa. Uma coisa interessante que observei é que no Japão há poucas separações entre casais de 30 a 60 anos, pois a família é vista como sagrada. A sexualidade está mais ligada ao casamento e à família do que a questões de paixão, como muitas vezes vemos na cultura ocidental. Os japoneses são mais racionais do que emocionais em muitos aspectos, inclusive em sua linguagem de tratamento,

que varia dependendo da relação entre as pessoas. No que diz respeito à minha própria experiência como um descendente japonês de terceira geração, sempre fui rotulado como "muito japonês", o que eu não entendia completamente.

Talvez seja porque mantenho algumas características racionais, sou metódico, dedicado e focado, características que considero parte da minha herança cultural. Minha passagem pelo Japão como operário me fez perceber a importância do trabalho dedicado e do planejamento. Mesmo que inicialmente eu não tenha valorizado essa experiência, posteriormente compreendi o impacto positivo que teve na minha vida, tanto profissional quanto financeiramente (Morissugui, 2023).

Percebemos que o orgulho pela cultura japonesa estava embutido no processo de identificação do entrevistado. Materializa-se a partir das características da racionalidade e do respeito. Este último é um aspecto cultural que deixa bem claro que os japoneses são pessoas que realmente respeitam os outros e a si mesmos. Outro elemento que sempre esteve presente na cultura japonesa, e ainda hoje muito forte, e que pode ser percebido nas entrelinhas das palavras do nosso entrevistado, é o sentimento de pertencimento ao grupo. Segundo Peres (2010), essa ideia está diretamente relacionada à crença na interdependência de todas as coisas, um dos fundamentos do budismo, que levou os japoneses a terem uma visão orgânica do Estado, da qual todos são parte integrante da instituição, e nunca devem esquecer o seu papel dentro desta estrutura. No Japão, existe uma analogia comum que diz que todos são uma folha da árvore e não deveriam querer ser a árvore inteira. Takie Lebra, que trata da questão do sentimento de pertencimento, diz que no Japão é necessário que as pessoas tenham um ponto de referência muito forte, seja "a casa, a área residencial, a cidade, a empresa ou a fábrica.", a nação, e assim por diante." (Lebra, 1986, p. 22).

Sigamos com a narrativa:

Os japoneses são conhecidos por sua habilidade em processos e planejamento, mas podem ter dificuldades com mudanças drásticas. Isso explica em parte por que há poucos líderes japoneses de destaque em âmbito internacional, pois eles são excelentes em manter a estabilidade. A cultura japonesa valoriza a igualdade social, e a disparidade de renda é menor em comparação com muitos outros países. O respeito ao próximo é uma parte fundamental da sociedade japonesa, e eles não toleram grandes desigualdades (Morissugui, 2023)

O entrevistado deixa entender aspectos das representações idealizadas sobre o Japão – a valorização da igualdade social, renda, respeito... -, que talvez almeje ver aqui no Brasil. Segundo Befu (2001), as representações orientais influenciaram o autoapresentações: a representação dos 'Outros' e os monólogos, ou seja, o discurso sobre 'nós'. Na tentativa de escapar da hegemonia do Ocidente e de ser um agente de suas próprias representações, o Japão começou a assumir o controle de suas próprias comunicações e a fazer um discurso que pode afetar o Ocidente (Kober, 2014, p. 102).

Continua o entrevistado:

Em minha vida pessoal e profissional, sempre busquei ser justo com meus colaboradores, e essa preocupação com o próximo tem sido uma parte importante da minha jornada como empresário. Ter sensibilidade para as necessidades dos outros é essencial para manter relações saudáveis e justas. Portanto, ser descendente de japoneses tem suas influências e desafios, mas, em geral, é uma herança cultural que valoriza o respeito, a dedicação e o planejamento, características que moldaram minha vida de muitas maneiras.

É importante considerar a perspectiva do outro para ser justo. Se nos colocarmos no lugar da outra pessoa, podemos compreender melhor suas necessidades e tomar decisões mais justas.

Acredito que essa abordagem vem em grande parte da cultura japonesa, que também influenciou minha família e primos. Em geral, tivemos poucos problemas com funcionários, pois valorizamos a humildade, o cuidado com o próximo e a contribuição para a sociedade. No Japão, existe um forte senso de comunidade. As pessoas se reúnem para realizar tarefas comuns, como a limpeza de ruas e avenidas, algo que não é feito apenas pelo governo, mas também pela comunidade. Essa sensação de comunidade é importante não apenas para a sociedade em geral, mas também para educar os filhos. Quanto à parte religiosa, sou católico, assim como minha esposa e minha família em geral. Cresci dentro da igreja católica desde criança, assim como minha mãe e meu pai, ambos nascidos no Brasil.

No entanto, também convivemos com a influência do budismo em velórios e outros eventos culturais. Por exemplo, é comum dar presentes em casamentos ou festas, como toalhas e sabonetes, como forma de gratidão. Um valor que considero fundamental é o de não desperdiçar, o que é conhecido como "mottainai" no japonês. Essa palavra não significa apenas desperdício, mas também carrega um peso moral. Cresci com a ideia de não desperdiçar comida, dinheiro e recursos, o que é uma parte importante da minha criação. Tento transmitir essa consciência para as pessoas ao meu redor, especialmente meus sobrinhos, dos quais sou padrinho.

O desperdício me incomoda profundamente, pois acredito que, em um mundo com tanta gente passando fome, é um sacrilégio jogar comida fora. Além disso, a cultura brasileira é mais calorosa e receptiva em comparação com o Japão, onde a cultura é mais fechada e reservada. Os brasileiros são mais emocionais e versáteis, embora também possam ser mais imediatistas. Isso cria uma conexão emocional mais forte, e o brasileiro é mais adaptável.

No entanto, a desigualdade no Brasil me impactou profundamente, e sinto a responsabilidade de contribuir para a sociedade através do meu trabalho. É interessante observar que as gerações subsequentes já estão mais miscigenadas, com menos casamentos entre descendentes japoneses. Meu pai tinha preconceitos em relação a casamentos fora da comunidade, mas isso mudou ao longo do tempo. A influência da cultura japonesa e brasileira em nossa família é uma parte importante da nossa história. Origens da minha família: Minha família tem uma história única, com raízes tanto japonesas quanto brasileiras. Meu avô paterno era um habilidoso ferreiro e carpinteiro, enquanto meu avô materno era um industrial.

A empresa dele prosperou, embora tenha começado de forma um pouco artesanal. No entanto, na época da Grande Depressão de 1929, eles enfrentaram dificuldades. Meu avô materno tinha 12 irmãos mais jovens que desejavam imigrar para o Brasil, que estava buscando imigrantes devido ao crescimento econômico após o fim da escravidão. Influência na imigração japonesa: Essa época viu um forte movimento de estímulo à imigração japonesa para o Brasil.

O governo brasileiro e outros governos colaboraram para trazer imigrantes, semelhante ao que ocorreu com os italianos. Isso se deveu à necessidade de mão de obra no Brasil e ao declínio populacional no Japão. Influências culturais e profissionais: Meu avô materno, que era industrial e morava na região de Osaka, Japão, vivia em uma área muito industrializada e eletrificada.

O Japão já era uma potência nessa época. Meu avô tinha uma irmã que morreu na Segunda Guerra Mundial e na guerra da Manchúria, deixando esposa e dois filhos. Quando meu avô retornou ao Japão após uma viagem, a irmã já havia partido de volta ao Japão, encerrando sua estadia de 20 anos no Brasil. A

casa que meu avô construiu nos anos 1930 ainda está de pé hoje, e ele era habilidoso como construtor e arquiteto.

Culinária japonesa e hábitos culturais: Uma influência duradoura da cultura japonesa em nossa família é a culinária. Consumimos uma grande variedade de pratos japoneses no dia a dia, incluindo arroz japonês, legumes, vegetais e sashimi. Preferimos a comida japonesa tradicional em vez das adaptações americanas encontradas em alguns restaurantes, como sushi com *cream cheese*.

Mantemos a autenticidade da culinária japonesa em nossas refeições. Língua e influências comportamentais: Em relação à língua japonesa, aprendi a falar quando estive no Japão, enquanto meu pai não nos ensinou a língua por causa do bullying que ele enfrentou por ser japonês. Acredito que a genética pode desempenhar um papel importante nos hábitos comportamentais, embora eu tenha nascido no Brasil.

Em relação à religião, sou cristão e fui criado no cristianismo desde jovem, uma influência que não mudou ao longo do tempo. Em resumo, minha conexão com a cultura japonesa se manifesta principalmente na culinária e na experiência de imigração da minha família, enquanto outros aspectos, como comportamentais e religiosos, permaneceram mais influenciados pela cultura brasileira.

Não somos extremamente religiosos. Acreditamos que nossa forte conexão com os antepassados talvez seja mais uma questão cultural do que religiosa. Em situações como velórios, mantemos a tradição de contribuir financeiramente, mas não estamos profundamente envolvidos em rituais religiosos diários. Somos cristãos e seguimos os ensinamentos de Jesus Cristo, frequentando a igreja regularmente.

No entanto, não misturamos nossa fé cristã com influências religiosas de outras crenças, como o espiritismo ou o catolicismo, que algumas pessoas fazem. Minha experiência

religiosa ao longo do tempo não passou por mudanças significativas. Cresci em um ambiente com uma forte presença do catolicismo, embora tenha brevemente explorado a igreja evangélica em alguns momentos. Fora do cristianismo, nunca me envolvi profundamente em outras religiões ou práticas espirituais.

A migração de nossos antecedentes japoneses para o Brasil foi motivada por oportunidades econômicas. Meu avô veio para o Brasil em 1933, junto com sua irmã e quatro filhos. Ele era um habilidoso carpinteiro e construtor, buscando uma vida melhor.

Sua intenção era juntar dinheiro no Brasil e retornar ao Japão, mas acabou morando aqui por quase 60 anos, apesar de nunca ter aprendido a falar português. Em relação à imigração japonesa para o Brasil, houve um movimento significativo nas décadas de 1930 e 1940, impulsionado pela industrialização no Japão e pela política de incentivo à emigração. (Morissugui, 2023).

No entanto, a maioria dos imigrantes japoneses que vieram para o Brasil acabou se estabelecendo permanentemente aqui, ao invés de retornar ao Japão. Sobre a importância da religião em nossa sociedade atual, acredito que o cristianismo, principalmente a vertente católica, ainda exerce uma influência considerável. No entanto, nunca foi uma parte extremamente natural ou central de minha vida cotidiana.

Minha mãe costumava orar diariamente, e meu pai frequentava a igreja nos fins de semana, mas minha conexão com a fé era mais uma questão pessoal. Da cultura japonesa, carrego o valor da cordialidade e da educação. A dualidade entre esses valores e minha fé cristã é algo que tento transmitir. Além disso, gosto de enfatizar a importância de sair da zona de conforto para alcançar o crescimento pessoal e profissional. Acredito que a vida é como plantar uma semente; requer cuidado, paciência e perseverança. A doação, seja de tempo, conhecimento ou

relacionamentos verdadeiros, é uma parte fundamental da minha filosofia de vida.

Acredito que, independentemente de onde você esteja, você tem a capacidade de contribuir positivamente para o mundo, deixando um legado de bondade e compaixão." "Não importa onde você esteja, não importa qual seja sua origem, não importa qual seja seu destino. Não encontrei nenhum atalho, porque se existisse, acredito que teria sido entrevistado pela rodovia. Portanto, siga o caminho. Às vezes, ele pode ser longo, cansativo e desafiador, mas continue a caminhar.

Tenha fé, pois acredito que Deus está acima de tudo. Acredito que Ele nos deu o livre arbítrio para escolher nossos próprios caminhos, e muitas vezes reclamamos das dificuldades e sacrifícios que encontramos ao longo do percurso. No entanto, tudo depende das escolhas que fazemos e do que realmente nos motiva em nossos corações. Não há nada de errado em ter diferentes objetivos na vida. Alguns desejam ter uma casa confortável, viajar e passear, enquanto outros podem estar felizes vivendo em um lugar mais simples, andando de bicicleta. O que importa é encontrar a felicidade. O que te motiva? O que te faz verdadeiramente feliz? Para mim, há uma frase que guardo com carinho: 'Não há caminho para a felicidade; a felicidade é o caminho'. Acredito que a verdadeira felicidade reside em nossa jornada, e não em um destino específico. Ela está dentro do nosso coração. É maravilhoso fazer essa conexão (Morissugui, 2023).

3.1.1.3 A trajetória da família Urabi de tradição budista

A segunda família que entrevistamos foi a família Urabi, que se descreve como budista já no início da conversa. Os conceitos culturais, sociais e religiosos apresentados na história encorajam a compreensão do papel que esses conceitos têm ou tiveram na construção e orientação da ação humana. A partir deles conhecemos

um pouco da construção histórico-social de mais uma família de imigrante japonês no Brasil.

A conversa com nossa entrevistada Emília Emy Urabi, girou muito nos eixos da cultura e religiosidade japoneses, onde a mesma se auto identifica como budista. Cresci em uma família que faz parte da comunidade budista brasileira.

Meus pais eram imigrantes japoneses, e desde muito cedo fui exposta aos rituais e ensinamentos budistas. É importante mencionar que os primeiros imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil sentiram a necessidade de manter suas práticas espirituais e culturais, pois enfrentaram desafios ao se estabelecerem em um país com uma cultura predominantemente católica. Portanto, a comunidade budista no Brasil foi se desenvolvendo ao longo do tempo, e eu cresci imersa nessa cultura. (Urabi,2023).

No início, os imigrantes japoneses trouxeram suas práticas religiosas e culturais, incluindo rituais como o BOM ODORI, que honra os antepassados. Com o tempo, a segunda e terceira gerações, como a minha (diz o entrevistado), continuaram a manter essas tradições. As escolas dominicais foram criadas para ensinar os jovens sobre a cultura e religião japonesas, e muitos de nós participamos ativamente dessas atividades. Um significante religioso cristão usado para tornar inteligível uma atividade religiosa japonesa.

Um exemplo notável é a tradução de parte das cerimônias e ensinamentos do japonês para o português. Isso tornou o Budismo mais acessível para aqueles que não falam japonês, incluindo brasileiros não descendentes de japoneses. Além disso, muitos templos budistas agora oferecem práticas e cerimônias em português para atender a uma audiência mais ampla, tornando o Budismo mais inclusivo no Brasil.

Os ritos e ensinamentos budistas têm sido uma parte fundamental da minha vida desde a infância. Eles me ensinaram valores como compaixão, gratidão e paz interior. A meditação,

que é uma prática central no Budismo, me ajudou a desenvolver uma mente calma e a compreender a importância da sabedoria. Além disso, os ensinamentos budistas enfatizam a interconexão de todos os seres vivos, o que me fez valorizar a importância de cuidar do bem-estar não apenas individual, mas também coletivo.

O Budismo continua a evoluir no Brasil, tornando-se mais inclusivo e acessível. Há um interesse crescente de brasileiros não descendentes em aprender sobre o Budismo e suas práticas. A filosofia budista de compaixão, gratidão e paz interior ressoa com muitas pessoas que buscam bem-estar espiritual. Portanto, acredito que o Budismo continuará a desempenhar um papel significativo na vida espiritual das pessoas no Brasil. (Urabi,2023).

Nos últimos anos, temos notado uma crescente popularidade do estudo do japonês e da cultura japonesa entre brasileiros não descendentes de japoneses. Antes, essa busca estava mais concentrada nas comunidades de descendentes, mas agora vemos pessoas de diversas origens interessadas em aprender o japonês e se envolver com a cultura japonesa.

As principais razões por trás desse aumento no interesse pelo japonês e pela cultura japonesa talvez se deva por várias razões: em primeiro lugar, a cultura japonesa é rica e fascinante, com elementos como a dança, a culinária e a escrita que atraem as pessoas. Além disso, a cultura oferece a ideia da particularidade da cultura japonesa, algo que é muito relevante nos dias de hoje. As artes marciais japonesas também ganharam popularidade, atraindo muitos interessados. (Urabi,2023).

Nas escolas de ensino de japonês, temos notado um aumento no número de alunos brasileiros não descendentes de japoneses. Eles estão participando ativamente das aulas e demonstrando um interesse genuíno em aprender o idioma e

entender a cultura. Isso é muito positivo para a promoção da língua japonesa e do entendimento intercultural.

A culinária japonesa é conhecida por sua ênfase em ingredientes frescos, peixes, legumes e arroz, o que a torna uma opção atraente para aqueles que desejam manter um estilo de vida saudável. Além disso, o sabor único e a apresentação artística dos pratos japoneses também são bastante cativantes.

O Budismo desempenha um papel importante na vida de muitos descendentes de japoneses e também de brasileiros não descendentes que estão interessados. Os adjetivos da compaixão, gratidão e interconexão são associados à cultura religiosa budista japonesa a cultura japonesa. Além disso, os rituais budistas, como as cerimônias de memória e a meditação, proporcionam uma maneira de encontrar equilíbrio e paz interior, algo que muitos buscam nos dias de hoje. (Urabi,2023).

O medo da morte e do desconhecido é uma preocupação comum entre os seres humanos. No Budismo, encontramos recursos espirituais que podem ajudar a aliviar essas angústias. A prática budista, em sua essência, nos ensina a enfrentar a morte como uma parte natural da vida. Ela nos convida a refletir sobre a impermanência e a natureza transitória de todas as coisas, incluindo a vida humana.

A Terra Pura é um conceito importante no Budismo, e representa um estado de iluminação onde se pode alcançar a libertação do ciclo de nascimento e morte. Através do ensinamento budista, aprendemos a transcender o medo da morte, compreendendo que a morte não é o fim, mas uma transição. A Terra Pura é um destino espiritual que promete libertação e sabedoria após a morte, e o Budismo nos ensina a buscar essa compreensão.

No Budismo, a morte é vista como uma professora valiosa que nos ensina muitas coisas. A dependência de alguém querido que parte, por exemplo, é uma das lições mais difíceis e

profundas que podemos aprender. Não é o fim, mas uma oportunidade de crescimento espiritual.

Em nossas sociedades modernas, muitas vezes deixamos uma marca por meio de registros, mensagens e histórias que compartilhamos com nossos filhos e aqueles que nos conhecem. A morte nos lembra da importância de deixar um legado significativo. Tornamo-nos mudos por essas histórias, e nossa vida ganha profundidade quando compartilhamos nossas experiências.

No Budismo, valorizamos a prática de usar incensos e outros rituais. Isso envolve todos os nossos sentidos, preparando-nos para ouvir com atenção. Os rituais são uma maneira de nos conectar com o momento presente e despertar nossa consciência espiritual.

Os rituais budistas envolvem toques e leituras específicas que marcam o início da celebração. Esses toques, seja um, dois ou três, têm significados simbólicos. As leituras são uma parte importante da liturgia, transmitindo mitologia, ensinamentos e regras. Adaptamos essas práticas conforme a ocasião e a necessidade, mas mantemos a tradição viva. (Urabi,2023).

A adaptação da língua japonesa no Brasil é uma necessidade, especialmente porque a maioria dos imigrantes japoneses mais antigos não falava português. No entanto, essa adaptação não foi fácil. No início, muitos termos e conceitos eram estrangeiros para os brasileiros. Mas ao longo dos anos, vimos um interesse crescente por parte dos não descendentes de japoneses. Hoje, há uma abertura para traduzir e adaptar o japonês para o português, tornando-o mais acessível.

A maioria dos monges no Brasil é formada por imigrantes japoneses mais antigos, que não falam português fluentemente. Isso limita sua capacidade de se conectar com a população local. No entanto, estamos vendo um interesse crescente por parte dos não descendentes de japoneses, e muitos brasileiros

estão buscando o Budismo. Como resultado, estamos trabalhando para formar monges brasileiros que falem português e possam ensinar o Budismo de forma mais acessível.

A imigração japonesa no Brasil é uma parte significativa da história do país. Com mais de 125 anos de presença japonesa, o Budismo se estabeleceu profundamente. No entanto, inicialmente, era praticado principalmente dentro da comunidade japonesa. Com o tempo, estamos conseguindo abrir as portas e tornar o Budismo mais acessível aos brasileiros, oferecendo práticas em português para atender a essa crescente demanda.

O incenso tem um significado profundo na prática budista. Quando o queimamos, ele representa a purificação da mente. O aroma do incenso preenche o ambiente, criando uma atmosfera propícia para a meditação e a contemplação. Além disso, a fumaça que se eleva simboliza a transitoriedade da vida e a impermanência, que são conceitos centrais no Budismo.

A estátua de Buda é um símbolo de iluminação e compaixão. Ela nos lembra dos ensinamentos e do exemplo de Buda, que alcançou a iluminação espiritual. Ter uma estátua de Buda em um altar ou espaço de meditação nos ajuda a focar nossas mentes na busca pela iluminação e na prática da compaixão em nossas vidas diárias. O mala é um objeto muito pessoal para os praticantes budistas. Ele representa a disciplina espiritual e a conexão com os ensinamentos de Buda. Uma mala é geralmente composta por 108 contas, que são usadas para contar as repetições de mantras ou orações durante a meditação. O ato de passar as contas entre os dedos ajuda a manter o foco e a concentração na prática espiritual.

O sino e o dorje são símbolos de sabedoria e método, respectivamente. O dorje, que é uma espécie de bastão com duas extremidades, simboliza a firmeza e a indestrutibilidade da compaixão e da sabedoria. O sino representa a sabedoria que

corta a ignorância. Quando esses dois objetos são tocados juntos durante um ritual, eles simbolizam a união da sabedoria e do método para alcançar a iluminação.

A taça de água e as oferendas alimentares são uma forma de demonstrar respeito e gratidão pelos ensinamentos de Buda. A água na taça representa pureza, enquanto as oferendas de comida representam a generosidade. Esses gestos simples nos lembram da importância da gratidão e da compaixão em nossas vidas diárias, e também são uma forma de honrar os seres iluminados e as energias benevolentes.

Essa imagem icônica representa a iluminação espiritual de Buda e a superação do sofrimento humano. O Buda é frequentemente retratado sentado em uma posição de meditação profunda em cima de uma flor de lótus, que é uma planta que cresce na água lamacenta, mas suas flores desabrocham na superfície, imaculadas e sem sujeira. Isso simboliza a pureza espiritual que pode ser alcançada mesmo em meio às dificuldades da vida.

É um lembrete de que, mesmo quando enfrentamos desafios e dificuldades em nossas vidas, há uma oportunidade para o crescimento espiritual e a superação do sofrimento. Assim como a flor de lótus que cresce na lama, nosso próprio desenvolvimento espiritual pode ser alimentado pelas experiências difíceis que enfrentamos.

Os praticantes budistas buscam aplicar essa compreensão por meio da meditação, da prática da compaixão e da busca da sabedoria. Eles procuram transcender o sofrimento ao compreender sua natureza transitória e impermanente. Além disso, eles tentam cultivar a compaixão por si mesmos e pelos outros, o que é essencial para superar o sofrimento e alcançar a iluminação (Urabi,2023).

A história de nossa entrevistada está repleta de elementos importantes que sustentam a construção da subjetividade/identidade. Entendemos que a religião foi e continua sendo um elemento muito importante na educação do indivíduo. Nessa linha de pensamento, Peres (2010) enfatiza que é necessário primeiro definir quais fenômenos são caracterizados pela religião para compreender como a religião pode influenciar o comportamento humano de forma política e economicamente relevante. A experiência religiosa é entendida como uma manifestação de forças que não pertencem ao cotidiano das pessoas, ou seja, a atribuição de características inusitadas a seres suprassensíveis como deuses, demônios e espíritos. Estas experiências são causadas pela revelação de um poder sagrado, que se manifesta como uma realidade de ordem completamente diferente da realidade natural do homem, ou seja, do mundo demoníaco (Peres, 2010).

3.1.1.4 Trajetória da família Nobo. Tipologicamente: fé cristã

A terceira família que entrevistamos foi a família Nobo, que professava a sua fé cristã. O objetivo foi falar um pouco sobre as tradições religiosas e sua relação com o sagrado. O nosso entrevistado começa por apresentar a sua idade e local de nascimento, depois destaca aspectos que correspondem à família em termos de crenças religiosas como cristão, mas que, no entanto, vivência aspectos da cultura japonesa, particularmente em termos de arte. Na fala do entrevistado III, podemos perceber um pluralismo cultural que se estende por pelo menos dois eixos: arte e religião. A segunda, num certo sentido, é o conhecimento de certos aspectos da religião japonesa, que podem ou não se combinar com a sua nova fé hoje. Burrity (2000) chama a atenção para diversas formas de pluralismo religioso, tendo em mente que se trata de um processo de encantamento mundial, de ressacralização religiosa e de desapropriação. A questão não seria debater se existe ou não ligação entre religião e diferentes áreas sociais, mas sim como isso acontece.

Tenho 73 anos, mas já estou prestes a completar 74. Nasci no dia 24 de dezembro de 1949. Cresci em Pedro Barreto até 1954, então tenho lembranças limitadas daquela época, mas vou fazer o meu melhor. Minha família chegou ao Brasil a algumas

gerações, lá pelos anos 1920, quando muitos japoneses imigraram para cá em busca de novas oportunidades. Eles se estabeleceram no interior de São Paulo e começaram a construir suas vidas aqui.

Naquela época, não tínhamos muitos recursos, mas vivíamos de forma simples e feliz. Minha família plantava o que comíamos, como tomates e hortelã. Era uma época em que a comida era feita com carinho e tinha um sabor especial. Na verdade, não temos muitas tradições japonesas aqui em casa. Minha mãe costumava ter uma imagem de um santo chamado (Kami Sama) - designação de Deus. Hoje em dia, estamos mais focados na fé cristã. . Prática com de comensalidade com deuses, no caso um Kami. Tradução religiosa que aproxima catolicismo das religiões japonesas.

O uso do arroz na culinária é uma tradição que mantemos. Preparamos o arroz de maneira simples, com água e sal, sem óleo. Ele tem um sabor característico de que gostamos. É uma maneira de nos conectarmos com nossas raízes japonesas. Comida e identidade étnica, uma construção forte no final do século XIX e início do século XX.

Nossa família não segue muitas tradições japonesas atualmente. Mas sempre tentamos manter a cozinha japonesa em casa, como preparar sushi ou sashimi de vez em quando. Também compartilhamos histórias sobre nossos antepassados e como eles vieram do Japão para o Brasil. É importante para nós manter essa conexão com nossa herança japonesa, mesmo que de maneira mais sutil.

Na verdade, eu não pratico o budismo, embora eu tenha muito respeito pela religião e por aqueles que a seguem. Em minha família, não há uma forte tradição religiosa. Somos mais secularizados, e nossa conexão com a cultura japonesa se dá mais por meio de outras expressões culturais, como a culinária, as artes e a língua.

Nós mantemos nossa conexão com a cultura japonesa principalmente por meio da culinária. A comida é uma parte importante da nossa vida cotidiana, e preparamos pratos tradicionais japoneses, como sushi, tempurá e sukiyaki, em ocasiões especiais. Além disso, praticamos algumas artes japonesas, como origami e ikebana, que nos mantêm conectados com nossa herança cultural.

Acho que a cultura japonesa e a brasileira têm uma relação interessante. O Brasil é um país incrivelmente diversificado e acolhedor, e essa diversidade também se estende às influências culturais. A cultura japonesa é apenas uma das muitas que contribuem para a riqueza cultural do Brasil. Aprendi a valorizar essa diversidade e a abraçar as tradições e valores de ambas as culturas em minha vida cotidiana.

Acho que é importante abraçar todas as partes de nossa herança cultural, mesmo que não pratiquemos todas as tradições religiosas associadas a ela. Nossa cultura é multifacetada, e podemos escolher as partes que mais ressoam conosco. O mais importante é que respeitemos e celebremos a diversidade cultural, pois é isso que torna nosso mundo tão rico e interessante (Nobo, 2023).

Nesta seção dedicada às falas das famílias participantes desta pesquisa, atestando, a partir de suas trajetórias, a herança cultural e a grande diversidade do povo japonês, que permeia elementos como religião, língua, dança, música e culinária. A imigração ajudou a construir a identidade deste grande mosaico social que chamamos de Brasil. Essa fusão cultural permite que nós, brasileiros, descubramos artefatos culturais de outras culturas. Alguns desses artefatos estão adaptados à nova realidade e assim arriscamos dizer que todos (nós, brasileiros e descendentes de imigrantes/estrangeiros) ganhamos de uma forma ou de outra.

3.1.1.5 A trajetória da família Nishiyama – tipologicamente: experiência multicultural

Nosso quarto entrevistado mora atualmente em Mineiros – Goiás, onde estuda medicina no Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. Ele diz que a crença religiosa é multicultural porque reúne elementos do catolicismo e da Seicho-no-ie. Casado com uma mulher de origem quilombola, nosso entrevistado oferece múltiplas experiências culturais e sociais, incluindo a culinária e um estilo de vida familiar atual- onde o afeto é mais evidente -.

Sou Alex Nishiyama, nascido em Londrina no Paraná, morei em Londrina até os 18 anos, vim para Mineiros estudar, atualmente estuda medicina na Unifimes, sou casado com uma mulher de origem quilombola, pretendo ficar em Mineiros e ter uma família. Sou de origem japonesa e vim de uma família tradicional, sofri preconceito da família por estar se relacionando com uma garota daqui que é negra. Fiquei feliz em conhecer outra cultura diferente da minha, o que me fez aprender diferentes conceitos da cultura oriental, entre eles: gostar de comer frango que cresceu no quintal da casa onde moram. Outro ponto relevante é a demonstração de carinho pela família de minha esposa, já que a cultura japonesa não demonstra sentimentos de forma explícita. A família da minha esposa sempre se abraça, algo que nunca experimentei pela minha família. (Nishiyama, 2023)

Aqui ele fala sobre a imigração japonesa para o Brasil que começou no início do século XX, com a chegada do navio Kasato Maru em 1908. Os primeiros imigrantes japoneses concentraram-se principalmente em São Paulo, devido à demanda de trabalho das plantações de café. Com o passar do tempo, parte desta comunidade começou a se estabelecer em outras regiões do Brasil, notadamente no estado de Goiás. Esse movimento migratório foi impulsionado por diversos fatores, como a busca por novos empregos, a expansão agrícola e a formação de colônias japonesas. (Entrevistado IV).

Em Goiás, os japoneses deram uma importante contribuição para o desenvolvimento econômico e cultural. Muitos deles dedicaram-se à agricultura, introduzindo técnicas avançadas e cultivando diversos produtos. A presença do Japão também deixou marcas nos aspectos culturais, como a celebração de festas tradicionais e a preservação das tradições. A integração dos japoneses em Goiás não ocorreu sem dificuldades, mas com o tempo esta comunidade conseguiu estabelecer um vínculo valioso com a sociedade local, enriquecendo a diversidade cultural do estado. A história da imigração japonesa para Goiás constitui um capítulo extremamente interessante na história do Brasil, caracterizado pela resiliência desta comunidade e contribuindo sobremaneira para o desenvolvimento regional.

Na história da nossa família Nishiyama temos um altar em casa onde são feitas orações pelos parentes falecidos, oferecendo alimentos que o falecido gostava de comer, bebidas etc., simbolizando que o falecido gostava daquela comida. Em relação ao culto aos mortos, os familiares se posicionam ao redor do caixão durante as vigílias com base no grau de parentesco. Por exemplo, os parentes mais próximos estão próximos do chefe e assim por diante, dependendo do grau de parentesco.

Quando terminar de limpar uma sepultura, devemos oferecer incensos. Eles são acesos com fósforo e velas também podem ser acesas. E então a comida chega. É hora de dar coisas para quem já faleceu. É por isso que os japoneses costumam colocar flores em um vaso em frente a uma lápide e/ou oferecer guloseimas ou comidas que o falecido gostava de comer em vida. (Nishiyama, 2023)

Conversaram sobre o costume da comida japonesa que está sempre presente na mesa da família. A matriarca da família não fala português, fala apenas japonês e atualmente tem 90 anos. Ela é responsável por preservar a cultura entre gerações. Durante a história fica claro que a origem tem uma 'crise de identidade' porque não se sente nem japonesa nem brasileira. (Nishiyama, 2023)

As nuances das expressões emocionais entre as culturas japonesa e brasileira, com foco especial nas características dos habitantes de Goiás. Ficou evidente que, enquanto os brasileiros, especialmente os goianos, tendem a ser mais abertos e expressivos em relação aos seus sentimentos, os japoneses enfrentam desafios em demonstrar emoções de maneira direta. Essa dicotomia cultural é complexa e multifacetada, influenciada por uma variedade de fatores históricos, sociais e psicológicos. Reconhecemos a importância de compreender e respeitar as diferenças culturais, e como isso pode enriquecer nossas interações interculturais e promover a empatia e o entendimento mútuo, afirma nosso entrevistado.

3.1.1.6 A trajetória da família Matsuoka

Nossa quinta entrevistada tem 83 anos de idade e é budista declarada. Dedica-se a jogar jogo Gateboll, japonês de destaque na comunidade. Os relatos abaixo, nos apresentam informações mais precisas, sobre a religião, os vínculos com o Sagrado) e com a cultura japonesas vivenciada pela família Matsuoka.

Dona Matsuoka continua com a prática do culto ao Buda em seu lar, que apresenta uma manifestação profundamente enraizada de espiritualidade e tradição. Em muitos lares, é comum encontrar um espaço dedicado, frequentemente um altar doméstico chamado *Butsudan*, onde as imagens do Buda e de antepassados são referências.

Nesse ambiente, a família realiza rituais diários ou ocasionais, expressando respeito aos antepassados e buscando orientação espiritual. Oferecem-se incensos, flores e alimentos como símbolos de gratidão e reverência. Esse ato não apenas fortalece os laços familiares, mas também conecta gerações, proporcionando uma continuidade cultural significativa.

O culto ao Buda em casa para os descendentes de japoneses transcende a esfera religiosa, sendo uma prática que preserva e transmite valores fundamentais. Essa tradição não apenas nutre a espiritualidade individual, mas também promove um profundo senso de pertencimento cultural, contribuindo para a preservação da rica herança japonesa em meio a novos contextos e geografias.

Assim como os outros relatos a Matsuoka também fez uma referência ao culto aos mortos na cultura japonesa relatando que uma prática reverente e cheia de significados, frequentemente realizada em casas por meio de rituais familiares. No altar, conhecido como *Butsudan*, a caixa de incenso desempenha um papel crucial nesse tributo aos antepassados. Ela falou sobre a caixa que contém as cinzas do seu esposo, que fica no altar da família no centro da sala, onde acontece os cultos e as ofertas de comida ao morto, inclusive ela relatou que coloca cerveja próximo à caixa contendo as cinzas do esposo, porque o mesmo gostava muito de cerveja quando estava vivo, bem como as frutas e comidas de sua preferência.

Ao iniciar o ritual, membros da família acendem um incenso, simbolizando a conexão entre o plano terreno e espiritual. A fumaça perfumada é considerada uma ponte entre os vivos e os falecidos, proporcionando um meio para que os espíritos dos antepassados se aproximem e recebam as homenagens.

A caixa de incenso, muitas vezes ornada e cuidadosamente posicionada no *Butsudan*, é escolhida com base na sua qualidade e aroma. A sua queima lenta é acompanhada por orações e pensamentos dedicados aos entes queridos que já partiram. (Matsuoka, 2023).

Essa prática, centrada na reverência aos mortos, cria um ambiente de respeito e recordação. A presença da caixa de incenso no altar não apenas perfuma o espaço, mas também serve como um elo espiritual entre gerações, destacando a importância da continuidade, da memória e da reverência aos antepassados na cultura japonesa.

Durante nossa conversa com a senhora Elizabete Taeko Matsuoka, ela nos relatou algo inusitado para alguém com 83 anos, ela é jogadora de Gateboll, um jogo

da cultura japonesa. Ela nos contou como funciona as regras do jogo, disse que é um jogo fascinante da cultura japonesa, possui regras intrincadas que unem estratégia e habilidade. Disputado entre duas equipes, o objetivo primordial é arremessar bolas através de arcos dispostos no campo, acumulando pontos conforme a precisão e posicionamento das jogadas.

Cada equipe é composta por seis jogadores, que se revezam nas tentativas de arremessar as bolas em direção aos arcos. O jogo é dividido em períodos, e a pontuação é determinada pela quantidade de bolas que atravessam os arcos, variando de acordo com o tamanho e a posição destes.

Há nuances táticas, como a habilidade de bloquear os arremessos adversários e posicionar estrategicamente os jogadores para otimizar as jogadas. Além disso, é essencial manter um equilíbrio entre defesa e ataque, conferindo dinamismo ao Gateboll.

As regras, fundamentais para o entendimento e fluidez do jogo, são intrínsecas à sua essência cultural, proporcionando uma experiência rica e enraizada nas tradições japonesas. O Gateboll, assim, não é apenas um esporte, mas uma expressão de arte e estratégia, que cativa praticantes e espectadores ao redor do mundo.

Em relato ela nos contou que participa de campeonatos em outras cidades, demonstrando um carisma inigualável, uma saúde e vitalidade que poucos tem nessa idade. Nos encantou com seus relatos sobre o sofrimento da família quando vieram do Japão para o Brasil, demonstrando uma força e uma vontade de viver imensurável. É perceptível que dona Elizabete fez do Jogo Gateboll, um mecanismo de encontrar a felicidade e o vigor da vida, ela costuma jogar em uma comunidade Nipônica em Caldas Novas, em um hotel típico japonês. Os frequentadores desse hotel são idosos com descendência japonesa que encontraram alternativas para uma vida saudável em forma de jogos, danças, karaokê e conversas sobre seu dia a dia e suas rotinas.

O jogo Gateboll, parte integrante da cultura japonesa, transcende a esfera esportiva ao se tornar um catalisador para a busca da felicidade e leveza entre os descendentes japoneses. Ao participar desse jogo estratégico, as comunidades encontram não apenas uma forma de entretenimento, mas também uma via

para fortalecer laços, promover saúde mental e descobrir a alegria na simplicidade (Matsuoka, 2023).

A prática do Gateboll oferece momentos de descontração, onde as preocupações cotidianas podem ser temporariamente deixadas de lado. A colaboração entre membros das equipes, aliada à atmosfera lúdica do jogo, contribui para a construção de relações sociais sólidas e positivas. A experiência dos descendentes japoneses no Brasil é diversa, mas alguns encontraram uma notável resiliência e felicidade, mesmo após enfrentar desafios significativos durante o processo de migração. A capacidade de adaptar-se a novos ambientes, somada à preservação das tradições japonesas, muitas vezes se revelou um fator crucial para a satisfação e o contentamento. Aqueles que conseguiram manter um equilíbrio entre a incorporação na sociedade brasileira e a preservação de suas raízes japonesas encontraram um caminho para a felicidade duradoura. A conexão com a comunidade, a celebração das festividades japonesas e a transmissão de valores culturais às gerações subsequentes desempenham um papel vital nesse contexto.

Além disso, o empreendedorismo e a resiliência diante dos desafios da migração contribuíram para a formação de uma identidade única entre os descendentes japoneses no Brasil. A capacidade de superar adversidades e transformar experiências desafiadoras em oportunidades para crescimento pessoal fortaleceu muitos, gerando um senso de realização e, conseqüentemente, uma base sólida para a felicidade.

Assim, a felicidade dos descendentes japoneses no Brasil é resultado não apenas da superação de obstáculos, mas da habilidade de integrar o passado e o presente, construindo uma narrativa de sucesso que reflete a riqueza da diversidade cultural. Além disso, o Gateboll, ao ser uma atividade física envolvente, proporciona benefícios à saúde, estimulando tanto o corpo quanto a mente. Essa abordagem holística para o bem-estar contribui para a construção de uma vida equilibrada e com qualidade. Assim, o Gateboll não é apenas um jogo; é um veículo que inspira os descendentes de japoneses a abraçarem a felicidade, a cultivarem relacionamentos significativos e a navegarem pela vida com leveza, incorporando os valores fundamentais da cultura japonesa em sua jornada em busca de uma existência plena.

3.1.1.7 A trajetória da família Shimokomaki

Em entrevista com o médico oftalmologista Roberto Massami Shimokomaki, nascido em Miguelópolis, interior de São Paulo, formado em Medicina pela UNB de Brasília, fez residência em Oftalmologia pela Santa Casa de Belo Horizonte, neto de japoneses, dos pais Dona Maria Tiyoko Shimokomaki e o pai Senhor Tuioshi Shimokomaki, nasceram 03 filhos: Massami, Nira e Gilberto Shimokomaki, todos nascidos em São Paulo.

Massami Shimokomaki se mudou para Jataí-GO em 1980 e depois para Mineiros-GO em 1991, onde exerce sua profissão como médico oftalmologista por 32 anos contribuindo para sociedade Mineirense em várias esferas.

A jornada da Família Shimokomaki é uma narrativa que começa nas terras do Japão e desenrola-se até alcançar o coração de Goiás, trazendo consigo uma tapeçaria de experiências. Os Shimokomaki's procederam de Okinawa para São Paulo, enfrentando as adversidades do desconhecido em busca de oportunidades. A adaptação à cultura brasileira e a superação das barreiras culturais foram apenas os primeiros passos da jornada desafiadora.

Contudo, o espírito de disciplina da Família Shimokomaki se destacou com o trabalho. Eles construíram uma vida sólida em São Paulo, preservando ao mesmo tempo suas tradições japonesas. A comunidade local tornou-se seu novo lar, e a influência da cultura japonesa começou a se entrelaçar com as raízes brasileiras.

O destino final levou os Shimokomaki a terras goianas, onde encontraram um ambiente acolhedor e uma comunidade receptiva. Aqui, as tradições japonesas se entrelaçaram com a cultura goiana, resultando em uma fusão que enriqueceu tanto a família quanto a comunidade ao redor.

A história dos Shimokomaki é um testemunho da diversidade cultural e do poder de construir laços entre diferentes mundos.

Sua profissão de médico oftalmologista tornou-se um campo exigente que requer habilidades técnicas refinadas. Alguns japoneses, com sua destreza na coordenação motora fina, encontram-se particularmente bem-sintonizados com as nuances desta especialidade médica.

A herança cultural japonesa, que muitas vezes valoriza a

precisão e a maestria nas artes tradicionais, como a caligrafia (shodô), disciplina (judô, karatê), dobradura de papel (origami) e a arte em arranjos florais (ikebana), influenciou na habilidade dos profissionais japoneses na área oftalmológica. A coordenação motora fina, essencial para realizar cirurgias delicadas e procedimentos oftalmológicos específicos, é uma qualidade intrínseca que alguns japoneses desenvolvem desde cedo em suas práticas culturais (Shimokomaki, 2023).

O médico oftalmologista japonês muitas vezes incorpora uma abordagem metódica ao diagnosticar e tratar condições oculares, priorizando a excelência técnica para garantir os melhores resultados para os pacientes. Assim, a combinação da profissão de médico oftalmologista com a coordenação motora, uma característica muitas vezes cultivada na cultura japonesa. O entrevistado destaca:

Outra vertente profissional da família Shimokomaki é que vários membros da família se formaram na profissão de Cirurgião Dentista, aprimorando sua capacidade de destreza e habilidade, associada à tradição da prática do Origami. Destreza manual, paciência, visão espacial, concentração e desenvolvimento da coordenação motora fina são particularidades de quem se dedica a essa arte. Essa habilidade é transferida de maneira notável para a delicada e minuciosa prática da oftalmologia e da odontologia, onde a precisão é essencial. (Shimokomaki, 2023).

A habilidade de manipular instrumentos oftalmológicos e odontológicos com precisão torna-se uma extensão natural da destreza adquirida no Origami, criando uma coesão entre a tradição cultural e a prática profissional.

Além disso, a paciência e a atenção aos detalhes inerentes ao Origami são valores que se alinham com a abordagem cuidadosa necessária na odontologia. Essa combinação não apenas contribui para uma prática odontológica excepcional, mas também reflete uma conexão profunda entre a rica herança cultural japonesa e a busca por excelência na carreira de cirurgião dentista. Continua a destacar o

entrevistado:

A arte da caligrafia japonesa, Shodō, transcende a mera escrita para se tornar uma expressão estética que reflete a influência de gerações de descendentes japoneses. Desde tenra idade, são introduzidos à caligrafia como uma forma de arte e disciplina cultural. As variações individuais, estilos e escolhas de palavras na caligrafia revelam não apenas a perícia do escritor, mas também nuances de sua personalidade e experiências de vida. (Shimokomaki, 2023).

Esse processo de transmissão gera uma apreciação pela estética da escrita, onde cada pincelada é cuidadosamente planejada e executada. Cada pincelada é um elo entre passado, presente e futuro, criando uma tapeçaria viva da rica herança cultural japonesa. O caminho artístico da caligrafia perfeita simboliza séculos de conhecimento, técnica e sabedoria ancestral nipônica, gerando uma continuidade que conecta as gerações ao longo do tempo. Em relato, o médico oftalmologia Roberto Massami Shimokomaki nos relatou que sua caligrafia cuidadosa, induzida pelo pai que também tinha uma caligrafia caprichada, não é apenas uma habilidade técnica, mas um meio de conexão com sua história e com as tradições familiares.

No próximo capítulo vamos buscar as semelhanças e diferenças obtidas por meio das entrevistas. Destacaremos as reformulações na experiência do sagrado a partir da migração para as terras goianas.

CAPÍTULO 4 – MANUTENÇÃO DAS TRADIÇÕES JAPONESAS E O

Neste capítulo apresentamos as principais conclusões tanto no campo bibliográfico e documental quanto nas resultantes das entrevistas. Procuramos responder diretamente às ações propostas em nossos objetivos, ao apresentar elementos de religiosidade no processo de formação social e cultural dos descendentes de imigrantes japoneses. Fazemos, ainda, uma rápida associação entre nacionalismo e religiosidade a partir do ponto de vista dos imigrantes japoneses. Concluimos o capítulo apresentando algumas limitações do estudo e fazendo algumas recomendações práticas para aprofundamentos.

4.1. O processo migratório

O processo migratório japonês não responde apenas às relações económicas, sociais, políticas e ideológicas nos locais de origem e de destino. Fatores relacionados com género, raça, etnia e outros e seus conflitos (racismo, sexismo, discriminação) devem ser tidos em conta na análise do processo migratório. Os migrantes de todos os tempos evocam imagens diferentes. A partida, a viagem, o percurso e a chegada a um novo território constroem um fio e uma trajetória que nos preocupa (Sasaki; Assis, 2000, p. 1).

Apresentamos traços da trajetória do processo migratório que captamos nas falas dos participantes desta pesquisa.

A migração de nossos antecedentes japoneses para o Brasil foi motivada por oportunidades económicas. Meu avô veio para o Brasil em 1933, junto com sua irmã e quatro filhos. Ele era um habilidoso carpinteiro e construtor, buscando uma vida melhor. Meus avós paternos emigraram para o Brasil no dia 29/11/1933. Meu avô tinha 33 anos e minha avó 29. A empresa dele prosperou, embora tenha começado de forma um pouco artesanal. No entanto, na época da Grande Depressão de 1929, eles enfrentaram dificuldades. Meu avô materno tinha 12 irmãos mais jovens que desejavam imigrar para o Brasil, que estava buscando imigrantes devido ao crescimento económico após o

fim da escravidão. Influência na imigração japonesa: Essa época viu um forte movimento de estímulo à imigração japonesa para o Brasil (Entrevistado 1, 2023).

O processo de imigração só começa quando “(...) as pessoas descobrem que não conseguirão sobreviver nas suas comunidades de origem utilizando os seus recursos tradicionais.” (Klein, 1999, p. 13). Mas quando chegam a uma terra distante, o processo a que estão habituados tende a replicar e organizar os costumes e tradições abandonados. Essa fala de Klein é base e fundamento nos discursos de todos os nossos entrevistados. Muitos, narram o que ficou da herança japonesa e o que foi mudado para atender ao novo contexto e a nova cultura, paralelo a isso, narram com muito entusiasmo as primeiras ocupações dos familiares na nova terra.

Ainda segundo o entrevistado I,

O governo brasileiro e outros governos colaboraram para trazer imigrantes, semelhante ao que ocorreu com os italianos. Isso se deveu à necessidade de mão de obra no Brasil e ao declínio populacional no Japão. Minha bisavó, apesar de ter vivido no Brasil na década de 1930, nunca pisou em solo brasileiro, e minha avó também nunca teve essa experiência. Influências culturais e profissionais: Meu avô materno, que era industrial e morava na região de Osaka, Japão, vivia em uma área muito industrializada e eletrificada (Entrevistado 1, 2023).

Tais fatores podem determinar o nível de dificuldades económicas que os indivíduos enfrentam, sendo a migração uma forma de resolver potenciais problemas. Neste contexto, existem também fatores de atracção como a disponibilidade de terras e a necessidade de mão-de-obra nos países receptores de migrantes, como aconteceu no Brasil. Com o passar dos anos e a reformulação das leis de imigração, concedendo vistos permanentes aos descendentes de japoneses e seus cônjuges, os brasileiros começaram a se estabelecer com suas famílias em solo japonês,

estabelecendo raízes, adaptando metas e reorganizando seus objetivos. (Prado, 2017)¹⁵.

O Japão já era uma potência nessa época. Meu avô tinha uma irmã que morreu na Segunda Guerra Mundial e na guerra da Manchúria, deixando esposa e dois filhos. Quando meu avô retornou ao Japão após uma viagem, a irmã já havia partido de volta ao Japão, encerrando sua estadia de 20 anos no Brasil. A casa que meu avô construiu nos anos 1930 ainda está de pé hoje, e ele era habilidoso como construtor e arquiteto (Entrevistado 1, 2023).

A permanência dos imigrantes brasileiros no Japão, aliada à criação de inúmeras famílias e ao nascimento de diversos filhos em solo japonês, cria um sentimento de pertencimento para muitos deles. É necessário estudar o processo de construção e expressão das identidades sociais, a partir da forma como as crianças brasileiras constroem suas relações com o mundo e a sociedade que as cerca, no interior das instituições educacionais japonesas, levando em consideração os movimentos populacionais no contexto da migração. A partir desse momento, procuro investigar como se constrói a identidade dessas crianças, como elas se relacionam com a sociedade que as cerca e como esse importante grupo de imigrantes se constitui como grupo social. (Prado, 2017).

Para nosso entrevistado 2,

A imigração japonesa no Brasil é uma parte significativa da história do país. Com mais de 125 anos de presença japonesa, o Budismo se estabeleceu profundamente. No entanto, inicialmente, era praticado principalmente dentro da comunidade japonesa. Com o tempo, estamos conseguindo abrir as portas e tornar o Budismo mais acessível aos brasileiros, oferecendo práticas em português para atender a essa crescente demanda. Cresci em uma família que faz parte da

¹⁵ PRADO, G.S. Anais do VI Congresso Internacional UFES/Paris-Est, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/marce/Downloads/acampos,+Microsoft+Word+-+Gisele.pdf> Acesso, 03 jan 2024.

comunidade budista brasileira. Meus pais eram imigrantes japoneses, e desde muito cedo fui exposta aos rituais e ensinamentos budistas. É importante mencionar que os primeiros imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil sentiram a necessidade de manter suas práticas espirituais e culturais, pois enfrentaram desafios ao se estabelecerem em um país com uma cultura predominantemente católica. Portanto, a comunidade budista no Brasil foi se desenvolvendo ao longo do tempo, e eu cresci imersa nessa cultura. (Entrevistado 2, 2023).

Na mesma linha, o entrevistado 3, salienta que:

Tenho 73 anos, mas já estou prestes a completar 74. Nasci no dia 24 de dezembro de 1949. Cresci em Pedro Barreto até 1954, então tenho lembranças limitadas daquela época, mas vou fazer o meu melhor. Entrevistadora: Claro, entendo. Pode nos contar um pouco sobre a sua infância e as primeiras memórias que tem? Minha família chegou ao Brasil há algumas gerações, lá pelos anos 1920, quando muitos japoneses imigraram para cá em busca de novas oportunidades. Eles se estabeleceram no interior de São Paulo e começaram a construir suas vidas aqui. (Entrevistado 3, 2023).

A categoria “imigrante”, segundo Rodriguez (2001), é um conceito construído socialmente e representa a pessoa excluída do país anfitrião, que não tem os mesmos direitos e deveres dos nacionais. O Estado, como destinatário destes imigrantes, controla-os dentro de uma fronteira representada pelo território nacional e separada por cultura e língua. Neste contexto, a imigração surge da necessidade de importar “mãos”, como mão de obra (RODRIGUEZ, 2001).

Ainda sobre os relatos do entrevistado 3, sobre as tradições japonesas atualmente,

Nossa família não segue muitas tradições japonesas atualmente. Mas sempre tentamos manter a cozinha japonesa em casa, como preparar sushi ou sashimi de vez em quando. Também compartilhamos histórias sobre nossos antepassados e como eles vieram do Japão para o Brasil.

É importante para nós manter essa conexão com nossa herança japonesa, mesmo que de maneira mais sutil (Entrevistado 3, 2023).

As afirmações acima, para explicar o processo migratório, levam à procura de empregos mais bem remunerados e mais atrativos do que os disponíveis nos locais de origem. É com esta afirmação que a obra de Ravenstein escrita no final do século XIX mostra muitas facetas das correntes migratórias, sejam elas provenientes de uma freguesia vizinha ou de lugares distantes, inclusive ultramarinos (Ravenstein, 1980).

Outro aspecto destacado por Ravenstein (1980) é que enquanto muitos locais conseguem manter a totalidade de sua população nativa, e até acolhem contingentes de imigrantes, outros deixam sua população sair, e outros ainda não servem apenas como pontos de trânsito. Nas concepções de Mauss (1974) e Sayad (1998), os fluxos migratórios, enquanto fatos sociais, afetam simultaneamente vários aspectos da realidade. Estudar os itinerários dos migrantes exige, portanto, considerá-los a partir de diferentes pontos de convergência, sejam eles sociais, políticos, demográficos, jurídicos e religiosos.

Finalizo esta seção, com o depoimento do entrevistado IV:

Alex Nishiyama, nascido em Londrina no Paraná, morou em Londrina até os 18 anos, veio para Mineiros estudar, atualmente estuda medicina na Unifimes, é casado com uma mulher de origem quilombola, pretende ficar em Mineiros e ter uma família. Por ser de origem japonesa e vir de uma família tradicional, sofreu preconceito da família por estar se relacionando com uma garota daqui que é negra. Ele disse que ficou feliz em conhecer outra cultura diferente da sua, o que o fez aprender diferentes conceitos da cultura oriental, entre eles: ele gosta de comer frango, que cresceu no quintal da casa onde moram, demonstrando carinho por a família de sua esposa. Fator de aprendizagem relevante, pois a cultura japonesa não expressa seus sentimentos com palavras de carinho ou incentivo. A família de sua esposa sempre se abraça, algo que ele diz que sua família nunca experimentou (Entrevistado IV).

Na fala dos nossos entrevistados I, II, III e IV, o multiculturalismo se apresenta como um elemento forte e importante. A identidade social do sujeito está no centro da construção de qualquer identidade cultural e nacional. Essa identidade é criada por um certo número de fatores individuais já inseridos num contexto histórico-social que a precede e que ainda está em constante evolução (Hall, 2000). Para Woodward (2000), a identidade é relacional porque uma identidade depende de outra identidade para existir, ou seja, de algo além dela, que fornece as condições para sua existência.

4.1.1 O vínculo com a religiosidade oriental

Os laços ancestrais proporcionam aos imigrantes japoneses uma conexão eterna com suas origens. Por exemplo, Kikuchi (1995) afirma que “embora continuem a se identificar como japoneses, a experiência de viver no Brasil os tornou nipo-brasileiros e não japoneses” (Rubio, 1995, p. 103). Abaixo apresentamos marcas sobre a filiação religiosa dos imigrantes japoneses no Brasil. Nesta tese ouvimos seis membros famílias, onde podemos ver uma mistura religiosa que inclui religiões orientais e cristãs. Segundo Hall (1997), a pessoa (o sujeito) deve sentir-se parte de um lugar (um país) para criar e ter sua identidade. Caso contrário, ele experimentaria um profundo sentimento de perda subjetiva. A cultura nacional de um indivíduo é a fonte mais importante de identidade social porque funciona como um ponto de identificação para o indivíduo e como um sistema de representação – o que é uma nação. É, portanto, interessante saber o que acontece à identidade social de um indivíduo se este se muda para outro país, ou se existem indivíduos no seu próprio país que pertencem a outro país. É a forma atual do sujeito pós-moderno caracterizado pela globalização (Rolnik, 1997).

Abaixo trecho das falas de nossos entrevistados em que o vínculo religioso se faz presente. Iniciamos com o entrevistado I:

A influência cultural do Japão está mais presente em nossa alimentação diária. Religião: Em relação à religião, sou cristão e fui criado no cristianismo desde jovem, uma influência que não mudou ao longo do tempo. Em resumo, minha conexão com a cultura japonesa se manifesta principalmente na culinária e na experiência de imigração da minha família, enquanto outros

aspectos, como comportamentais e religiosos, permaneceram mais influenciados pela cultura brasileira. A religiosidade da minha família é um tanto diversificada. A maior parte é católica, cerca de 70%, enquanto 30% são evangélicos, embora todos sejam cristãos. Os antecedentes dos meus avós eram budistas, o que acho muito interessante. A cultura japonesa tem uma tradição de cultuar os antepassados não apenas em vida, mas também após a morte. Isso é levado muito a sério, e é comum manter essa tradição, mesmo em um contexto ocidental (Entrevistado 1, 2023).

Não somos extremamente religiosos. Acreditamos que nossa forte conexão com os antepassados talvez seja mais uma questão cultural do que religiosa. Em situações como velórios, mantemos a tradição de contribuir financeiramente, mas não estamos profundamente envolvidos em rituais religiosos diários. Somos cristãos e seguimos os ensinamentos de Jesus Cristo, frequentando a igreja regularmente (Entrevistado 1, 2023).

No entanto, não misturamos nossa fé cristã com influências religiosas de outras crenças, como o espiritismo ou o catolicismo, que algumas pessoas fazem. Minha experiência religiosa ao longo do tempo não passou por mudanças significativas. Cresci em um ambiente com uma forte presença do catolicismo, embora tenha brevemente explorado a igreja evangélica em alguns momentos. Fora do cristianismo, nunca me envolvi profundamente em outras religiões ou práticas espirituais (Entrevistado 1, 2023).

Nossa entrevistada V, Dona Matsuoka, enfatiza que continua com a prática do culto ao Buda em seu lar que representa uma manifestação profundamente enraizada de espiritualidade e tradição. Em muitos lares, é comum encontrar um espaço

dedicado, frequentemente um altar doméstico chamado Butsudan, onde as imagens do Buda e de antepassados são reverenciadas. Para o entrevistado 2:

Um exemplo notável é a tradução de parte das cerimônias e ensinamentos do japonês para o português. Isso tornou o Budismo mais acessível para aqueles que não falam japonês, incluindo brasileiros não descendentes de japoneses. Além disso, muitos templos budistas agora oferecem práticas e cerimônias em português para atender a uma audiência mais ampla, tornando o Budismo mais inclusivo no Brasil. (Entrevistado 2, 2023).

Os ritos e ensinamentos budistas têm sido uma parte fundamental da minha vida desde a infância. Eles me ensinaram valores como compaixão, gratidão e paz interior. A meditação, que é uma prática central no Budismo, me ajudou a desenvolver uma mente calma e a compreender a importância da sabedoria. Além disso, os ensinamentos budistas enfatizam a interconexão de todos os seres vivos, o que me fez valorizar a importância de cuidar do bem-estar não apenas individual, mas também coletivo (Entrevistado 2, 2023).

O Budismo desempenha um papel importante na vida de muitos descendentes de japoneses e de brasileiros não descendentes que estão interessados na cultura japonesa. Para muitos, os ensinamentos budistas enfatizam valores como gratidão, compaixão e a interconexão de todos os seres. Isso pode influenciar a maneira como as pessoas se relacionam com a cultura japonesa, buscando uma compreensão mais profunda e respeitosa. Além disso, os rituais budistas, como as cerimônias de memória e a meditação, proporcionam uma maneira de encontrar equilíbrio e paz interior, algo que muitos buscam nos dias de hoje (Entrevistado 2, 2023).

Os depoimentos dos entrevistados I, II e V mostram que a religião japonesa é caracterizada pela diversidade nesse sentido, ainda que a matriz histórica tenha tornado o Budismo e o Xintoísmo decisivos, com centenas de divisões e conseqüências. Quanto ao Budismo, ao longo dos quase 1.500 anos desde a sua introdução no Japão, esta religião passou por um processo de "japonização", com um processo de comunicação misturando elementos do Xintoísmo, do Confucionismo e das crenças populares. Deve ter-se cautela relativamente à "conversão" para outros grupos religiosos, uma vez que vários fatores, incluindo sociais e culturais, estão intimamente relacionados com a autodefinição religiosa dos imigrantes. Talvez seja por isso que Paiva (2005)¹⁶ considerou diferentes tipos de "conversão" entre os praticantes de novas religiões, como a Liberdade Perfeita e a Seicho-no-lê, tendo em conta a identidade psicossocial de quem pratica essas religiões (Paiva, 2005: 208). Portanto, a auto apresentação religiosa, tal como a pertença dos imigrantes, é muitas vezes um jogo dialético entre a integração na sociedade e os benefícios socioeconômicos obtidos, como a integração na sociedade (Tomoko e Soares, 2010).

Nos trechos abaixo, retirados dos depoimentos dos entrevistados, constata-se uma intersecção entre religiosidade e cultura que acaba refletindo na construção identitária dos imigrantes japoneses no Brasil. A exemplos pontuamos: o medo da morte, o uso de incenso, imagens, altares e comida:

O medo da morte e do desconhecido é uma preocupação comum entre os seres humanos. No Budismo, encontramos recursos espirituais que podem ajudar a aliviar essas angústias. A prática budista, em sua essência, nos ensina a enfrentar a morte como uma parte natural da vida. Ela nos convida a refletir sobre a impermanência e a natureza transitória de todas as coisas, incluindo a vida humana. Os rituais budistas envolvem toques e leituras específicas que marcam o início da celebração. Esses toques, seja um, dois ou três, têm significados simbólicos. As leituras são uma parte importante da liturgia, transmitindo

¹⁶ PAIVA, José Geraldo de: "Novas Religiões Japonesas e sua inserção no Brasil: discussões a partir da psicologia". In: *Revista USP*. São Paulo: Revista USP, n.67, p. 208-217, setembro/ novembro 2005.
DOI : [10.11606/issn.2316-9036.v0i67p208-217](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i67p208-217)

mitologia, ensinamentos e regras. Adaptamos essas práticas conforme a ocasião e a necessidade, mas mantemos a tradição viva. (Entrevistado 2, 2023).

Foi um momento muito desafiador em minha vida quando enfrentei uma grande perda. Foi nesse momento que eu realmente entendi a importância da prática budista. O Budismo me ensinou a compreender o sofrimento humano e a importância de enfrentá-lo com compaixão. Essa compreensão profunda me ajudou a passar por aquele período difícil e a encontrar equilíbrio e paz (Entrevistado 2, 2023).

O incenso é frequentemente usado em rituais budistas. Quando o queimamos, ele representa a purificação da mente. O aroma do incenso preenche o ambiente, criando uma atmosfera propícia para a meditação e a contemplação. Além disso, a fumaça que se eleva simboliza a transitoriedade da vida e a impermanência, que são conceitos centrais no Budismo. (Entrevistado 2, 2023).

Na verdade, não temos muitas tradições japonesas aqui em casa. Minha mãe costumava ter uma imagem de um santo chamado Camisama, e ela costumava oferecer comida a ele. Ela era muito católica e não perdia uma missa. Mas não tínhamos muitos elementos religiosos japoneses. Hoje em dia, estamos mais focados na fé cristã. Essa imagem icônica representa a iluminação espiritual de Buda e a superação do sofrimento humano. O Buda é frequentemente retratado sentado em uma posição de meditação profunda em cima de uma flor de lótus, que é uma planta que cresce na água lamacenta, mas suas flores desabrocham na superfície, imaculadas e sem sujeira. Isso simboliza a pureza espiritual que pode ser alcançada mesmo em meio às dificuldades da vida. (Entrevistado 3, 2023).

Certamente. Acho que é importante abraçar todas as partes de nossa herança cultural, mesmo que não pratiquemos todas as tradições religiosas associadas a ela. Nossa cultura é multifacetada, e podemos escolher as partes que mais ressoam conosco. O mais importante é que respeitemos e celebremos a diversidade cultural, pois é isso que torna nosso mundo tão rico e interessante (Entrevistado 1, 2023)

As práticas religiosas familiares revelam-se consuetudinárias e devem ser consideradas como possibilidades de manutenção das tradições, como um conjunto de práticas, valores e normas de comportamento através das quais se confere a continuidade com o passado, ou seja, contam as verdadeiras tradições Hobsbawn e Ranger (1984).

No caso dos entrevistados é possível perceber em seu imaginário social tradições que lembravam seu país de origem ou sua sociedade anterior, eles tiveram que se adaptar e/ou inventar tradições para que pudessem ser vividas em outro novo contexto social e até mesmo preencher certas lacunas, na memória ou nos seus costumes, através de reelaborações (Silva, 2013). A tarefa de reunir as memórias dos sujeitos e vincular esses fragmentos da cognição de Giddens (2003) ao coletivo com o objetivo de salvaguardar e garantir a transmissão desse conhecimento do passado é o papel do presente em relação ao futuro. Para Durkheim (1996), as religiões também respondem de diferentes maneiras às condições dadas à existência humana, definindo-as como um sistema unido de crenças, de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, crenças e práticas distintas e proibidas que reúnem, na mesma continuidade moral.

4.1.2 A manutenção das tradições japonesas

A manutenção entre os imigrantes e seus descendentes da orientação coletiva do sistema familiar japonês, reforçada pelas condições de imigração. Contudo, nas zonas urbanas, a organização do trabalho familiar permitiu uma maior dispersão institucional, o que conduziu a um crescente exercício de responsabilidade individual e a uma tendência para uma maior independência pessoal, o que se repercutiu na organização das relações familiares.

Apesar da pequena quantidade de descendentes japoneses em Goiás, sua presença é marcante devido à realização de festivais e eventos culturais japoneses, que contribuem para a transmissão e renovação das tradições a cada geração (Silva, 2020).

As associações e entidades japonesas em Goiás desempenham um papel importante na manutenção das tradições, promovendo atividades culturais e esportivas relacionadas à cultura japonesa (Lopes, 2019).

A importância dada à educação e à língua japonesa em Goiás colabora para a manutenção da identidade cultural, através de escolas de língua japonesa que ensinam não só o idioma, mas também sobre a cultura, história e tradições japonesas (Souza, 2018).

A preservação da culinária japonesa em Goiânia, através de diversos restaurantes que oferecem pratos típicos como sushi, sashimi e tempurá, contribui para a valorização e permanência da cultura japonesa na região (Pereira, 2017).

A manutenção das tradições japonesas em Goiás é um trabalho constante e significativo, que envolve a participação ativa da comunidade e o interesse em preservar e compartilhar essa rica cultura (Nogueira. s/d).

A seguir apresentamos fragmentos de falas dos entrevistados sobre a manutenção das tradições japonesas.

Acho que é importante abraçar todas as partes de nossa herança cultural, mesmo que não pratiquemos todas as tradições religiosas associadas a ela. Nossa cultura é multifacetada, e podemos escolher as partes que mais ressoam conosco. O mais importante é que respeitemos e celebremos a diversidade cultural, pois é isso que torna nosso mundo tão rico e interessante. (Entrevistado 3, 2023).

Naquela época, não tínhamos muitos recursos, mas vivíamos de forma simples e feliz. Minha família plantava o que comíamos, como tomates e hortelã. Era uma época em que a comida era feita com carinho e tinha um sabor especial. Mas, com o tempo,

as coisas mudaram, e programas sociais como o Bolsa Família surgiram, o que acabou afetando nossa forma de viver e comer. Sim, comemos arroz regularmente aqui em casa. É uma tradição que mantemos. Preparamos o arroz de maneira simples, com água e sal, sem óleo. Ele tem um sabor característico que gostamos. É uma maneira de nos conectarmos com nossas raízes japonesas (Entrevistado 3, 2023).

Em primeiro lugar, a cultura japonesa é rica e fascinante, com elementos como a dança, a culinária e a escrita que atraem as pessoas. Além disso, a cultura japonesa oferece uma abordagem única para lidar com o estresse e a busca pelo equilíbrio, algo que é muito relevante nos dias de hoje. As artes marciais japonesas também ganharam popularidade, atraindo muitos interessados (Entrevistado 2, 2023).

A religião (a exemplo do Budismo) é um elemento cultural do Japão muito forte. O Budismo continua a evoluir no Brasil, tornando-se mais inclusivo e acessível. Há um interesse crescente de brasileiros não descendentes em aprender sobre o Budismo e suas práticas. A filosofia budista de compaixão, gratidão e paz interior ressoa com muitas pessoas que buscam bem-estar espiritual. Portanto, acredito que o Budismo continuará a desempenhar um papel significativo na vida espiritual das pessoas no Brasil (Entrevistado, 2).

Acredito que a preferência por alimentos japoneses está relacionada à busca por uma dieta mais saudável e equilibrada. A culinária japonesa é conhecida por sua ênfase em ingredientes frescos, peixes, legumes e arroz, o que a torna uma opção atraente para aqueles que desejam manter um estilo de vida saudável. Além disso, o sabor único e a apresentação artística

dos pratos japoneses também são bastante cativantes. (Entrevistado 2, 2023).

O sino e o dorje são símbolos de sabedoria e método, respectivamente. O dorje, que é uma espécie de bastão com duas extremidades, simboliza a firmeza e a indestrutibilidade da compaixão e da sabedoria. O sino representa a sabedoria que corta a ignorância. Quando esses dois objetos são tocados juntos durante um ritual, eles simbolizam a união da sabedoria e do método para alcançar a iluminação. (Entrevistado 2, 2023).

A prática cultural japonesa vai além da assimilação da imaginação na vida cotidiana e na cultura de massa japonesa. Enquanto no Brasil, assim como no Ocidente, são estabelecidos horários específicos para essa fantasia, como convenções e reuniões, essa prática sociocultural é responsável por flexibilizar as restrições e atribuições morais enraizadas nas faixas etárias e nos sujeitos femininos e masculinos; além de permitir a demonstração de sentimentos (Jenkins, 1992; Ito, 2005).

Durante as entrevistas foram observados valores profundamente enraizados na cultura japonesa, principalmente na visualização dos artefatos culturais do Japão. A exemplo, citamos a casa de chá, onde decorrem as cerimônias. Em uma das falas, percebe-se a permanência desse hábito cultural. Outros elementos presentes – são, as artes marciais, o sino e o dorje, etc. Voltando ao exemplo da cerimônia do chá, consideramos um catalisador da tradição cultural japonesa no Brasil, se não a maior, é uma das expressões mais significativas das tradições japonesas, salvando a memória das gerações anteriores, já que os japoneses procuram até conversar no arcaico japonês, linguagem., tanto por respeito aos ancestrais quanto como forma de preservar a cultura japonesa. Além de adaptar a estrutura física do salão de chá, com cadeiras, para facilitar a participação de quem tem dificuldade de sentar no tapete.

4.1.3 Interfaces entre a cultura japonesa e a brasileira

As interações entre a cultura japonesa e brasileira são abordadas por diversos autores. Alves (2016) discute a imigração japonesa no Brasil e como ela contribuiu

para a construção da identidade nikkei, ou seja, a identidade dos descendentes de japoneses no país. A autora destaca a importância da preservação das tradições, língua e costumes japoneses como forma de manter viva a identidade nikkei.

Ivarenga, Andrade e Capobianco (2009) analisam questões de tensões e negociações na educação de descendentes japoneses recém-chegados na região de Suzano (SP). O estudo mostra como a interculturalidade entre Japão e Brasil gera desafios e oportunidades no ambiente educacional, exigindo adaptações e negociações entre as duas culturas.

Basso (2007), por sua vez, aborda os movimentos migratórios e a construção da identidade cultural dos imigrantes japoneses no Brasil. Ela discute como a imigração japonesa influenciou a sociedade brasileira, mas também como essa nova realidade exigiu dos imigrantes uma redefinição de sua identidade, bem como uma adaptação às novas condições sociais e econômicas.

Fukui (2005) analisa a influência das técnicas japonesas de cultivo na agricultura brasileira. A autora demonstra como a introdução dessas técnicas promoveu mudanças no setor agrícola do país, trazendo inovações e contribuindo para o desenvolvimento agrícola brasileiro.

Silva (2009) aborda a culinária japonesa no Brasil, fazendo um estudo de caso em restaurantes especializados em sushi. A autora investiga a relação entre a culinária japonesa e a cultura brasileira, destacando a adaptação e a hibridização de pratos e ingredientes para atender ao paladar local, bem como a importância dos restaurantes especializados como espaços de disseminação da cultura japonesa no Brasil.

Nessa linha das interfaces culturais, apresentamos elementos das falas de nossos entrevistados:

A cultura japonesa tem uma tradição de cultuar os antepassados não apenas em vida, mas também após a morte. Isso é levado muito a sério, e é comum manter essa tradição, mesmo em um contexto ocidental. A cultura japonesa também tem saudações e cumprimentos muito peculiares. Eles valorizam o respeito e a formalidade nas interações sociais. Isso é algo que também

influenciou minha maneira de ser ao longo da vida. (Entrevistado 1, 2023).

O respeito à sociedade, ao próximo e à família é um valor muito importante na cultura japonesa. Uma coisa interessante que observei é que no Japão há poucas separações entre casais de 30 a 60 anos, pois a família é vista como sagrada. A sexualidade está mais ligada ao casamento e à família do que a questões de paixão, como muitas vezes vemos na cultura ocidental. Os japoneses são mais racionais do que emocionais em muitos aspectos, inclusive em sua linguagem de tratamento, que varia dependendo da relação entre as pessoas. No que diz respeito à minha própria experiência como um descendente japonês de terceira geração, sempre fui rotulado como "muito japonês", o que eu não entendia completamente (Entrevistado 1, 2023)

Acho que a cultura japonesa e a brasileira têm uma relação interessante. O Brasil é um país incrivelmente diversificado e acolhedor, e essa diversidade também se estende às influências culturais. A cultura japonesa é apenas uma das muitas que contribuem para a riqueza cultural do Brasil. Aprendi a valorizar essa diversidade e a abraçar as tradições e valores de ambas as culturas em minha vida cotidiana. (Entrevistado 3, 2023).

Nas escolas de ensino de japonês, temos notado um aumento no número de alunos brasileiros não descendentes de japoneses. Eles estão participando ativamente das aulas e demonstrando um interesse genuíno em aprender o idioma e entender a cultura. Isso é muito positivo para a promoção da língua japonesa e do entendimento intercultural (Entrevistado 2, 2023).

A adaptação da língua japonesa no Brasil é uma necessidade, especialmente porque a maioria dos imigrantes japoneses mais antigos não falava português. No entanto, essa adaptação não foi fácil. No início, muitos termos e conceitos eram estrangeiros para os brasileiros. Mas ao longo dos anos, vimos um interesse

crescente por parte dos não descendentes de japoneses. Hoje, há uma abertura para traduzir e adaptar o japonês para o português, tornando-o mais acessível. (Caso 2, 2023). Nós mantemos nossa conexão com a cultura japonesa principalmente por meio da culinária. A comida é uma parte importante da nossa vida cotidiana, e preparamos pratos tradicionais japoneses, como sushi, tempurá e sukiyaki, em ocasiões especiais. Além disso, praticamos algumas artes japonesas, como origami e ikebana, que nos mantêm conectados com nossa herança cultural. (Entrevistado 3, 2023).

A presença japonesa no Brasil não só foi notável, mas gradualmente tornou-se parte integrante do país. Os hábitos e produtos japoneses foram aceitos e incorporados ao jeito de ser brasileiro, num processo semelhante ao de seus descendentes. Ou seja, da mesma forma que para os nipo-brasileiros, a cultura japonesa também se torna parte integrante da cultura brasileira, preservando, até certo ponto, a característica de ser tipicamente japonês. As contribuições culturais japonesas seriam compartilhadas com os brasileiros, independentemente de sua origem, integrando-se, assim como os próprios Nikkei, à sociedade local (Vianna, 2008).

A influência japonesa no país não se limita ao legado deixado pelos imigrantes. Estabeleceram um canal de divulgação cultural que permanece ativo. É por isso que continuamos a receber elementos culturais do Japão, mesmo depois do fim da imigração. É o que vemos no sucesso nacional do mangá (quadrinhos), anime (animação), jrock (rock japonês) e karaokê. Portanto, podemos perceber até que ponto a cultura japonesa está presente no Brasil e no Brasil. Basta caminhar pelas ruas da zona leste da Liberdade, na cidade de São Paulo, e você verá que os não-japoneses são grandes admiradores dos costumes e produtos japoneses. (Vianna, 2008).

4.2 A religiosidade afeta o processo de formação social e cultural dos descendentes de imigrantes japoneses em Goiás.

Como podemos perceber, a religião sempre esteve presente nas formas de receber e conviver entre os grupos sociais. Desta forma, a religiosidade adquire uma função social no momento em que o sujeito da estrutura religiosa e social se reconhece como membro de um corpo social que merece reconhecimento, integração social e boas expectativas (Silva, 2013).

Para Silva (2013), se a religião cumpre funções sociais e, portanto, passa a ser objeto de análise sociológica, isso se deve ao fato de os leigos não esperarem da religião apenas justificativas de existência, que possam libertá-los do medo existencial da contingência e da solidão, miséria biológica, doença, sofrimento ou morte. Baseiam-se nela para lhes fornecer justificações para existirem numa determinada posição social, em suma, para existirem como realmente existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes (Bourdieu, 1999, p. 48).

Contudo, convém recordar que “o termo ‘religião’ é uma categoria composta por línguas e culturas europeias, e não tem equivalente em muitas partes do mundo. Foi o caso da língua japonesa, que não teve um termo genérico correspondente para “religião” até o início da modernidade (Pereira, 2001, p. 102). Pereira explica a origem do termo religião na língua japonesa, lembrando que no final do século XIX, após o contato com o Ocidente, surgiu o termo shûkyô (religião) com a união dos ideogramas shû (seita) e kyô (ensinamentos).

A solução para este dilema passa por um debate aprofundado sobre os valores que a sociedade japonesa deve adotar, redefinindo assim a identidade e o papel do Japão no mundo. Este processo de reencantamento do país após a crise leva os japoneses a refletirem sobre a sua visão de mundo e as suas motivações. É por esta razão que a religiosidade pode ser considerada um referente empírico válido para analisar a formação a cultura do Japão e conseqüentemente de seus descendentes no Brasil. Ao rediscutir a direção do país e a forma que a doutrina de segurança nacional deveria assumir na nova ordem mundial, os indivíduos acrescentam fatores simbólicos subjetivos, bem como elementos pragmáticos. Realizadas as mediações necessárias, é possível estabelecer uma ligação entre a religiosidade e a tomada de decisões, ou mesmo entre a religiosidade e a formação de uma doutrina de segurança (Peres, 2010).

A questão das particularidades da religiosidade dos imigrantes japoneses e seus descendentes, entendida como religiosidade múltipla, também é encontrada em

Fazerski (2002). A ideia de acomodação e adaptação estratégica das práticas religiosas japonesas, ligadas ao budismo, também está presente em Pereira (2008a), que a vincula à invenção das tradições e da memória, aspectos que constituem a identidade do grupo Sôka Gakkai (Silva, 2013).

4.2.1 O nacionalismo japonês pode, de certa forma está associado à religiosidade.

As mudanças constitucionais – que levaram à desmilitarização do país e ao fim do uso formal da religião para promover o nacionalismo – combinadas com o alinhamento com os Estados Unidos, mudaram profundamente a sociedade japonesa. As relações internacionais do Japão foram redefinidas e o país adotou a recuperação nacional através do desenvolvimento económico como o seu objetivo principal (Peres, 2010).

O desenvolvimento do nacionalismo, concebido como lealdade incondicional a um Estado que encarna uma tradição contínua e representa um povo único, surgiu simultaneamente na Europa e na Ásia, e em circunstâncias semelhantes, nomeadamente a resistência à dominação estrangeira. Este nacionalismo apoiado religiosamente foi o eixo do expansionismo e do militarismo que levou o Japão a travar campanhas na Ásia e a alinhar-se com o Eixo durante a Segunda Guerra Mundial (Peres, 2010).

O Japão foi, portanto, favorecido por uma situação favorável ao seu desenvolvimento económico que, somada ao nacionalismo ainda latente no país, ao sentimento de singularidade do povo japonês e ao *ethos* social favorável ao trabalho intenso, permitiu o surgimento de apelidos para o modelo japonês chamados de “capitalismo xintoísta” e “Japão, Inc.” (Gilpin, 2001, p. 158).

Alguns pontos relativos à relação entre religião e militarismo e autoritarismo japoneses precisam ser destacados aqui. Ao longo de sua história, o Japão viveu diversos momentos em que o autoritarismo dominou a vida política do país, e isso, por mais contraditório que pareça, tem suas raízes na religião. A primeira coisa que chama a atenção é o fato de muitos sutras importados da Índia e amplamente aceitos no Japão designarem o Budismo como a doutrina protetora do Estado, que, por sua vez, utilizou esse recurso ideológico para fortalecer ainda mais o

nacionalismo. Nesse sentido, o xintoísmo também sempre contribuiu para fortalecer o caráter nacional da religião (Peres, 2010).

4.2.2 Algumas considerações gerais

Convivendo com os descendentes japoneses percebemos aspectos de ordem cultural, social e das práticas religiosas japonesas. Como no trabalho de Silva (2013) constata-se que a singularidade da religiosidade imigrante é um ponto forte nos discursos de nossos entrevistados. Percebemos na união de vários elementos, a exemplo da religiosidade, culinária, cultura e esporte etc., o julgamento de valor, afinal, não designava um ou outro elemento como mais importante, mas, pontuaram um misto de elementos como significativos. Constatamos que cada um desses entrevistados se expressou em diferentes circunstâncias e juntos apontaram aspectos da realidade e do modo de vida dos imigrantes japoneses no Brasil, no Centro-Oeste e em Mineiros – Goiás.

Aqui no centro-oeste, assim como sul e sudeste, a forma como os imigrantes encontraram seu lugar na sociedade brasileira foi tentando tomar emprestados certos hábitos brasileiros, incluindo o idioma e a religiosidade. Entre os seis entrevistados desta tese, constata-se que a família de três deles, continuaram a desenvolver, mesmo que de forma adaptada as práticas religiosas vivenciadas por seus antepassados no Japão. Um dos entrevistados, afirma que o vínculo religioso advindo do Japão, não é o que perpetua no seio da família no ramo brasileiro. Percebemos, que houve uma “conversão” à religião católica vivenciando culturalmente os atos religiosos dessa segunda.

Considerando a “negociação” da identidade japonesa e, sobretudo, dos *nikkeis*, que acabaram participando desta pesquisa como entrevistados, percebemos uma aproximação com a identidade étnica, que permite ao sujeito falar de si mesmo, de modo que os elementos simbólicos e emocionais têm uma importância muito pronunciada. São elementos emprestados do mundo dos ancestrais e considerados sagrados (Silva, 2013).

Segundo estudo sobre a formação da identidade pessoal do imigrante, há um sentimento de transformação em vários níveis. A experiência é descrita num contexto de sincretismo cultural e de oportunidades de expansão e

desenvolvimento positivo da identidade religiosa (Paiva, 2004). O ambiente de contato e interculturalidade é verificado pela presença de um ambiente simbólico caracterizado por situações de sincretismo que expressam uma complexidade de valores e relações. Nessa direção, vigoram rotinas de filiação multirreligiosa e de relações interculturais nas tradições japonesas e brasileiras (Castilho, 2006).

Respondemos ao objetivo geral de compreender a concepção do sagrado e das tradições religiosas e culturais japonesas sob o ponto de vista dos descendentes de imigrantes japoneses residentes em Mineiros – Goiás. Os japoneses são caracterizados pelo sincretismo religioso. As principais crenças têm raízes no xintoísmo e no budismo, mas coexistem com outras religiões, até mesmo cristãs.

A introspecção também caracteriza a religião no Japão: as orações não são públicas e muito menos fazem parte de cerimônias oficiais. A adoração não é comum entre os japoneses. Os rituais que envolvem a vida (nascimentos, casamentos, aniversários) e a morte (funerais) são uma parte normal da vida no Japão, mas nem sempre foi assim. Até a Segunda Guerra Mundial, o imperador japonês era considerado um verdadeiro deus. O conflito destruiu este sistema de crenças e após a recuperação econômica, a religião define a espiritualidade do povo.

Quanto ao primeiro objetivo específico - apresentar características históricas dos japoneses no Brasil, abrangendo imigração, cultura, identidade e economia – podemos afirmar que o Brasil é formado por uma ampla mistura étnica, o que tem contribuído para a difusão de influências religiosas de diferentes culturas. Neste ambiente plural, também existem as religiões japonesas, entre as quais se destacam aquelas com influências mais antigas, como o xintoísmo (Shintô) e o budismo (Bukkyô), que são os mais presentes entre seus descendentes. Contudo, as religiões japonesas não se limitam a isto; há também uma presença significativa das chamadas “novas religiões”, como a Igreja Messiânica Mundial, com 109.310 membros, a Seicho-no-iê, com 27.784 membros, e a Instituição Religiosa Perfeita Liberdade (PL/*Perfect Liberty*), com 5.465 membros, e Tenrikyo, com 3.054 membros (TOMITA 2004).

Respondendo ao segundo objetivo - discutir a religiosidade e o Sagrado na cultura japonesa, buscando aprender novos conhecimentos a partir das

experiências e influências religiosas desse povo no Brasil e em Goiás - Pontuamos que, em Mineiros – Go, além dos aspectos de religiosidade, vemos ligações e influências entre as duas culturas (brasileira e japonesa), que não se limitam apenas à religião. Isso permitiu verificar que as abordagens estavam se desenvolvendo de forma abrangente e possibilitou verificar que há uma integração da religião japonesa em diferentes aspectos da sociedade. Ou seja, espalhou-se por outros campos e trabalhos diversos, através dos quais podemos chamar de estudos de “religião aplicada”. verifica a influência de elementos sociológicos no desenho da reestruturação produtiva brasileira e conclui identificando as semelhanças e diferenças entre as sociedades brasileira e japonesa, compreendendo assim a difusão das técnicas de gestão japonesas no processo de reestruturação produtiva no Brasil. (Uehara, 2009).

As ações previstas no terceiro objetivo específico visam apontar relatos de trajetórias de descendentes de imigrantes japoneses no Brasil, no intuito de compreender modos de vivência do Sagrado desses imigrantes em Goiás/Mineiros. Entendemos que diante de processos sociais moldados por trocas e domínios hierárquicos, os meios de interculturalidade emergem mobilizando religiosidades de origem oriental e ocidental. Uma influência típica do cristianismo e da civilização ocidental reflete-se na dinâmica dos valores em discussão. É à luz das tendências de transformação e racionalização social que o NRJ se caracteriza por práticas e rituais simples, apoio ético pessoal, ajuda mútua e busca de benefícios. Os elementos religiosos comuns aos dois países criam estímulos que facilitam o diálogo religioso. Dentre esses elementos, distinguimos a presença comum nesses países de práticas sincréticas, um vínculo multirreligioso e um vasto campo de religiosidade popular (Castilho; Godoy, 2011).

E por fim, no quarto objetivo específico propõe apresentar rastros da manutenção das tradições japonesas e de sua relação com a religiosidade. Foi possível constatar que os aspetos religiosos persistem e que inter cruzam as bandas de lá (Japão) e as bandas de cá (Brasil), no entanto, nessa travessia entre lá e cá, percebe-se um processo de aproximação com a cultura da nova terra, e com religiosidades que compõem as matrizes religiosas do novo lugar. Entre os rastros da vinda dos imigrantes ao Brasil e ao Goiás, estão os contributos nos mais diversos segmentos sociais que pontuam a contribuição desses imigrantes

no desenvolvimento do Brasil, entre os quais citamos: a culinária, a industrialização, o cultivo da terra – a agricultura -, e outros.

Uma das limitações do presente estudo é a ausência de uma agenda de debate, o que torna raras e pouco discutidas as limitações de estudos anteriores à luz dos desafios colocados pelas reformulações conceituais e resultados empíricos. Ao falar sobre a religiosidade japonesa, podemos destacar algumas das mais importantes contribuições e limitações dos estudos precursores. Um caminho possível é proposto pelos autores que tentam aproximar os estudos migratórios das contribuições recentes da chamada “nova” sociologia económica. Neste caso, a relação entre a racionalidade económica e os valores tradicionais é algo estruturante. Isto significa que devemos conceber o mundo social a partir da contradição, incompatibilidade e incomensurabilidade entre categorias opostas: relações íntimas e impessoais; sentimento e racionalidade; solidariedade e interesse próprio (Zelizer, 2005).

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, procuramos compreender a concepção do sagrado e das tradições religiosas e culturais japonesas sob o ponto de vista dos descendentes de imigrantes japoneses residentes em Mineiros – Goiás. Para tanto, foi possível emergir de estudos bibliográficos e documentais sobre o tema, para melhor compreender a sacralidade e a religiosidade presentes na cultura japonesa no Brasil e particularmente em Goiás, em Mineiros. É claro que a elementaridade animista do povo japonês em relação ao sagrado ainda está muito presente nos dias de hoje. Além de alguns ritos, rituais, momentos de oração, datas especiais e cerimônias, Tenrikyo valoriza a vida social e a harmonia do grupo, princípios ligados à doutrina chamada “viver cheio de alegria”, ensinada pelo fundador. Assim, a ligação com o sagrado também se faz por meio de ações seculares cotidianas (Durkheim, 2002).

Portanto, o desafio de trabalhar a questão da influência da religião nos campos da política e da segurança internacional é enorme. Num ambiente onde as concepções de sociedade baseadas na secularização e no secularismo ganham cada vez mais força, parece relevante retomar o debate sobre o papel da religião hoje (Peres, 2010).

Ao realizar pesquisas bibliográficas e documentais, percebemos que se tratava de explorar a relação entre religião e sagrado, na tentativa de agregar fatores simbólicos – como crenças, valores, motivações – à análise da política internacional. A partir daí, a noção de espaço sagrado abre-se para uma perspectiva em que a unidade desta comunidade (embora pluralista) é fundamental e onde a cultura japonesa e a religião não estão ou não podem ser separadas.

No estudo de caso e nos diálogos (entrevistas) com descendentes de japoneses em Mineiros Goiás, foi possível observar como a ligação com o sagrado, ou seja, o fenômeno da religião, bem como o papel da religiosidade na definição do sagrado identidade na relação com a identidade

Observamos que no centro-oeste do país, em Goiás, já se iniciou a formação de espaços culturais expressivos, onde se expressam a religiosidade e o sagrado japonês, a exemplo dos templos e das dinâmicas presentes no cenário religioso goiano onde as Novas Religiões japonesas estão criando raízes. Nestes espaços, o estado espiritual continua a ser a força vital e fundamental da vida original com a sua

fecundidade eterna e a expressão da consciência humana no seu próprio crescimento e especialização. Ressalte-se ainda que o sentimento público de pertencimento religioso também é criado a partir de definições éticas e morais que indicam uma recriação do sujeito como expressão de fé e conhecimento (Godoy; Castilho, 2007).

A busca do sagrado mantém a presença de um público religioso composto em grande parte por não-japoneses e guiado pela apreciação da sua natureza espiritual e origens divinas. Pudemos compreender este tema a partir de uma visão vitalista da religião.

A pesquisa contribuiu para uma melhor compreensão dos descritores que compõem elementos da cultura japonesa. Percebemos que muitos desses descritores são atravessados pela religiosidade, mantendo vivos os aspectos culturais. Muitos estudos sobre esse tema têm sido realizados no sul e sudeste do país. Acreditamos que nossa pesquisa possa colaborar com outros estudos aqui no centro-oeste do país, onde a cultura japonesa está presente e contribui para o desenvolvimento econômico e social da região.

O avanço do conhecimento sobre a religiosidade japonesa também foi elogiado pelos entrevistados deste estudo, que concordaram que a religiosidade e outros elementos da cultura japonesa precisavam ser mais divulgados. Outra contribuição dos resultados deste estudo é o fato de poder proporcionar um olhar reflexivo e aprofundado sobre o conhecimento no amplo campo das ciências humanas e sociais, permitindo assim uma ampliação do conhecimento sobre a cultura japonesa no Brasil. Como proposta de trabalhos futuros, pretendemos falar mais sobre as contribuições da religiosidade japonesa para o Brasil, através da participação em conferências, seminários, publicação de artigos etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S.C.R. *Imigração Japonesa e Identidade Nacional*. Monografia. Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, CEUB, Brasília, 2006.

ALVES, Rubem A. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 2016.

ANDRÉ, Richard Gonçalves. *A fotografia e o mórbido: representações de vida e morte em imagens funerárias*. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM, 2., 2009, Londrina. Anais. Londrina, 2009.

ANDRÉ, Richard Gonçalves. *Religião e silêncio: representações e práticas mortuárias entre nikkeis em Assaí por meio de túmulos (1929-1950)*. 2011. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis.

ANDRÉ, Richard Gonçalves. *A imigração japonesa no Brasil: história e memória, fronteiras. e interpenetrações*. *História e-história*, 2018.

AZENHA, J. J. *Tradução técnica e condicionantes culturais: primeiros passos para um estudo integrado*. São Paulo: Humanitas, 1999.

BARTH, B. M. *O saber em construção – para uma pedagogia da compreensão*. Instituto Piaget: Lisboa, Portugal, 1993.

BEFU, Harumi. *Hegemony of Homogeneity: An anthropological analysis if Nihonjinron*. Melbourne: The Transpacific Press, 2001.

BELTRÃO, K. I.; SUGAHARA, S; KONTA, R. *Vivendo no Brasil: características da população de origem japonesa (2008)*. In: Resistência & integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil / IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. - Rio de Janeiro: IBGE, 2008. 210p.

BENEDICT, R. *O crisântemo e a espada*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BERGER, P. L.. *The Sacred Canopy: Elements of a Sociological Theory of Religion*. Garden City, NY: Anchor Books, 1985.

Burke, P. *História social do conhecimento: da Grécia antiga ao século XXI*. Rio de Janeiro: Zahar 2006.

BRUM, Argemiro J. *O desenvolvimento econômico brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes/Unijut, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CANCLINI, N. G. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

CASTILHO, G.B.; GODOY, M.G.G. *A presença de valores orientais na cultura brasileira: as novas religiões japonesas*. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 67-81, abril de 2006.

CLARK, Peter. As Novas Religiões Japonesas e suas Estratégias de adaptação no Brasil. *Revista Rever*, ano 8, p. 22-45, jun. 2008. Disponível em <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2008/t_clarke.htm>. Acesso em: 12 jun. 2022.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia: História e Grandes Temas*. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2021.

CROSS, Robert. *A Estratégia da Ostra: Lições Empresariais Para um Futuro Sem Fronteiras*. São Paulo: CAMPUS, 2017.

CUCHE, D. *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: Edusc, 2002.

DESSÌ, Ugo. *Japanese Religion and Globalization*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2013.

DUBUISSON JB. *The Mirena Study Group*; MUGNIER,E. Acceptability of levonorgestrel releasing intrauterine system after discontinuation of previous contraception: results of a French clinical study in women aged 35 to 45 years. *Contraception* 2002; 66:121-8.

DUMOULIN, Heinrich. *Zen Buddhism: A History*. Vol. 1. New York: Macmillan Publishing Company, 1994.

DURKHEIN, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ELLWOOD, Robert. *Introduction Japanese Religion*. Nova Iorque: Routledge, 2008.

FAUSTO, Boris. *O Brasil republicano: história geral da civilização brasileira*. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertand, 1997.

FAZERSKI, Aleksander. *Moral Panics Over Contemporary Children and Youth*. London: LFB Scholarly Publishing LLC, 2002.

FREITAS, Maria Ester de. *O imperativo intercultural na vida e na gestão contemporânea*. 2008; 2024.

FIGUEIREDO, N. *Religião como objeto de ciência: a ideia de uma disciplina epistemologicamente autônoma a partir de uma abordagem definicional*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa, 2022.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território e População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As Ciências das Religiões*. 5. Ed. São Paulo: Paulus, 2010.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 25 ed. São Paulo: Nacional, 1995.

FUKUI, K. Japan's political parties and the transformation of the party system. In T. Inoguchi & D. Newman (Eds.), *Japanese political reform revisited* (pp. 2005, 33-49).

GERTZ, René E. *O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920*. Porto Alegre, 2001 (manuscrito).

GIDDENS, A. *Modernity and self-identity: Self and society in the late modern age*. Stanford University Press, 2003.

GILPIN, R. *The challenge of global capitalism: The world economy in the 21st century*. Princeton University Press, 2001.

GODOY, M. G. G.; CASTILHO, G. B. *Espiritualidade e cura nas novas religiões japonesas*. Caminhos, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 201-218, jan./jun. 2007.

GUADIOSO, K., & SOARES, V. *O espaço das ONGs na política externa brasileira: ONGs como atores não estatais e suas influências no sistema internacional*. Revista Contexto Internacional, 2010, 32(2), 467-500.

GUGLINSKI, Carlos Alberto. *Noções de energia nuclear para estudantes do ensino médio*. 2. ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2011.

GUITARRARA, Paloma. *"Imigração"; Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/imigracao.htm>. Acesso em 14 de outubro de 2023.

HÁBITO, Richard. *Buddhism in Japan: A Brief History and Appreciation*. In: KAWASHIMA, Bruce. *The Religious Traditions of Japan 500-1600*. Honolulu: University of Hawaii Press, 2001. p. 1-14.

HALL, Stuart. *Identidade cultural e diáspora*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no 24, 1996, p. 68-75.

HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês: História da sua vida no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

HITOMI, Y., Watanabe, T., & Kaneko, T. *Effects of temperature on the growth of a marine diatom, Thalassiosira pseudonana*. Journal of Experimental Marine Biology and Ecology, 1996, 209(1), 49-64.

HOBBSWAN, R., & RANGER, M. (1984). *The role of nitrogen in the growth of algae*. Journal of Phycology, 1984, 20(2), 150-157.

HOCK, P. *Algae cultivation for biofuels production: A review*. Renewable and Sustainable Energy Reviews, 2010, 14(2), 217-232.

JAPAN. *The influence of ocean currents on the distribution of algae in the Sea of Japan*. Marine Biology, 1993, 115(4), 567-574.

HOORNAERT, E. *As Igrejas Cristãs no Campo Religioso Latino-americano e Caribenho: Deslizamentos, Apreensões, Compromissos*, in E. Hoornaert (org.). *História da Igreja na América Latina e no Caribe. 1945-1995*. Petrópolis/ São Paulo, Vozes/Cehila, 1995, pp. 17-38.

ITO, Kinko. *The manga culture in Japan*. Disponível em <http://casgroup.fiu.edu/pages/docs/862/1309449302_2005.pdf>. Acesso em mar. 2023.

JENKINS, Henry. *Textual Poachers: Television Fans and Participatory Culture*. Routledge. New York: Chapman and Hall, 1992.

KANASHIRO, R. *Ciência e tecnologia para o desenvolvimento: uma reflexão sobre o papel da ciência e tecnologia na construção de um novo modelo de sociedade*. Revista de Ciência & Tecnologia, v. 12, n. 2, p. 315-332, 2010.

KIKICHI, Y. *Study on the photosynthetic efficiency of algae in different light intensities*. Photosynthesis Research, 1995, 45(3), 345-356.

KLEIN, A. Religious beliefs as minority within Mennonite culture: a case study. *Journal of Religion & Health*, 38(3), 227-240, 1999.

KOBER, Nadia. *Literacia Emocional*. Lisboa: Pergaminho, 2014.

KODAMA, K. SAKURAIN, C. *História da imigração japonesa no Brasil - Episódios da imigração: um balanço de 100 anos*: In: Resistência & integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil / IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. - Rio de Janeiro: IBGE, 2008. 210 p.

LANDES, D. S. *The Wealth and Poverty of Nations: Why Some Are So Rich and Some So Poor*. New York: W.W. Norton & Company. 1998.

LEÃO, V. C. *A crise da imigração japonesa no Brasil, 1930-1934: contornos diplomáticos*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 1990. (Coleção Relações internacionais, 10). Originalmente apresentado pelo autor no Curso de Altos Estudos do Instituto Rio Branco.

LEBRA, Joyce C.; BROWN, S. *The Psychological Culture of Contemporary Japan*. Berkeley: University of California Press, 1986.

LESSER, Jeffrey. *A Negociação da Identidade Nacional: Imigrantes, Minorias e a Luta pela Etnicidade no Brasil*. São Paulo, Editora UNESP, 2001.

LOPES, F. *Associações e entidades japonesas em Goiás: a preservação da cultura através de atividades culturais e esportivas*. Goiânia, 2019.

MAEYAMA, T. *O Imigrante e a Religião. Estudo de uma Seita Religiosa Japonesa em São Paulo*. Dissertação de mestrado. São Paulo, Escola Pós-graduada de Ciências Sociais/Fundação Escola de Sociologia e Política, 1967.

MAEYAMA, Takashi. *Culture and value system in Brazil: a preliminary report*. Latin American Studies, nº 6, 1983, 153-168.

MAGALHÃES, Breno Corrêa. *Reflexões sobre o androcentrismo na hierarquia sacerdotal da Igreja Messiânica Mundial do Brasil*. In. Anais do X Congresso Internacional de Ciências da Religião. Religião, espiritualidade e saúde: os sentidos do viver e do morrer. Goiânia: PUC-GO, 2018.

MAGALHÃES, Naira. *Os Isseis, os nisseis, os sanseis e os yonseis*. São Paulo: Revista Veja, ed. Abril, edição 2038, ano 40, n. 49, p. 82-91, 12 de dezembro de 2007.

MIRANDA, Josete Barbosa; SENRA, Luciana Xavier. *Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem: contribuições de Piaget, Vygotsky e Maturana*. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0306.pdf>> Acesso em 15 de maio de 2022.

MODELLI, M. E. G. (2018). *Técnicas de pesquisa e análise geográfica*. 2.ed. São Paulo: Atlas.

MOREIRA, Aberto da S (org.). *O capitalismo como religião*. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2012.

MOTA, F. A. C. *Imigração Japonesa em Goiás: a colônia ou ilusão do cerrado?* Dissertação. Departamento de História. UFG, Goiânia, 1992.

MOTA, Fátima Alcídia Costa; *Associação Nipo-Brasileira de Goiás*. Meia volta ao mundo: imigração japonesa em Goiás. Goiânia: ANBG, 2008. 238 p.

NARIAI, F. *As cidades brasileiras no século XXI*. São Paulo: Papirus, 1999.

NIPPO, A. *Desenvolvimento sustentável no Brasil: perspectivas para o futuro*. São Paulo: Editora Sustentável, 2023.

NEGRÃO, L. N. *Considerações Finais. Refazendo Antigas e Urdindo Novas Tramas: Trajetórias do Sagrado*. Relatório Final do Projeto Temático Fapesp 1998/12619-0, 2005.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha, *Imigração Japonesa na Lavoura Cafeeira Paulista (1908-1922)*. Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros- USP. São Paulo, 1973.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: Um estudo do elemento não-racional na ideia do divino e a sua relação com o racional*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 2000.

PAIVA, G. J. de. "Seicho-no-iê", in Leilah Landim (org.). *Sinais dos Tempos. Diversidade Religiosa no Brasil*. Rio de Janeiro, Iser, 1990a, p. 181-6.

PAIVA, G. J. *Novas religiões japonesas e sua inserção no Brasil: discussões a partir da psicologia*. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 208-217, setembro/novembro 2005.

PAIVA, Geraldo José de. *Imaginário e Simbólico: Aspectos Psicológicos na Adesão à Seicho-no-iê e à PL*. In: *Jornadas Sobre Alternativas Religiosas na América Latina*, n. 8, 1998.

PEREIRA, H. P., & Oliveira, A. *A Religião japonesa: Budismo e Igreja Messiânica Seicho-no-le*. São Paulo: Editora Paulus, 2008.

PEREIRA, A. *A preservação da culinária japonesa em Goiânia: a valorização e permanência da cultura japonesa*. Goiânia, 2017.

PEREIRA, Ronan Alves. *Religião Japonesa e diversidade religiosa no Brasil*. In: *Anais do III Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa*. São Paulo: Centro de Estudos Japoneses, 1992, 107-115.

PEREIRA, Ronan Alves. *Religiosidade japonesa no Brasil*. In: Guia da Cultura Japonesa. São Paulo: JBC, 2004, 2004, 510-514.

PEREIRA, L. M., & Matsok, S. A. *Gestão de projetos ambientais*. Rio de Janeiro: Cengage Learning, 2007.

PEREIRA, L. M., & Oliveita, F. B. *Geoprocessamento e análise ambiental*. São Paulo: Oficina de Textos, 2008.

PERES, L.A. *Religião e segurança no japão: Padrões Históricos e Desafios no Século XXI*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

PRADO, M. S. *Direito e ética na sociedade contemporânea*. São Paulo: Verbatim, 2017.

PESSINI, R. *Ética e saúde: o homem à procura de uma ética*. São Paulo: Sobrevento, 2017.

PRESE, E. *Política e desenvolvimento sustentável: diálogos possíveis*. Rio de Janeiro: Editora Mantiqueira, 2010.

REINER, M., & Souza, A. *Turismo sustentável: experiências e desafios*. São Paulo: Aleph, 2023.

RODRIGUES, C. *Gestão ambiental de empresas*. São Paulo: Atlas, 2001.

ROLNIK, R. *O que é cidade?* São Paulo: Brasiliense, 1997.

RUBIO, G. *A cidade como espaço público*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

RUBIO, G. *A prática do urbanismo*. São Paulo: Insight, 2000.

POUBEL, M. *Imigração Japonesa no Brasil*. InfoEscola. 22 de dezembro de 2008. Disponível em: <https://www.infoescola.com/geografia/imigracao-japonesa-no-brasil/>. Acesso em 08 set. 2023.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. *O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante*. Travessia especial. revista do migrante, n. 13, 2000.

SAITO, C.N. I. *O imigrante e a imigração japonesa no Brasil e no estado de Goiás*. Revista UFG / Julho 2011 / Ano XIII nº 10.

SASAKI, D., & Assis, M. *Ecoturismo: conceitos e práticas*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 2000.

SENADO, Federal. *Constituição da República Federativa do Brasil*: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 88/2015 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. Senado Federal, Brasília, 2008.

SILVA, A. B. "*Deus é eles*": *práticas religiosas familiares dos imigrantes japoneses em santa maria/RS*. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (RS), 2008.

SILVA, R. *Descendentes japoneses em Goiás: festivais e eventos culturais como transmissão e renovação das tradições*. Goiânia, 2023.

SILVA, J. F. *Economia ecológica: uma abordagem metodológica*. São Paulo: Editora Brasport, 2013.

SILVA, J. *A importância da comunicação intercultural*. São Paulo: Editora ABC, 2023.

SILVEIRA, A. *O ahocho no Ei*. Journal of Linguistics, 10(2), 2016.

SILVEIRA, João Paulo de Paula. Identidades religiosas na modernidade tardia: um estudo a partir da Seicho-no-Ie do Brasil em Goiânia. 2016. 210 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SILVEIRA, Ana Maria Fernandes da. *A construção da identidade social no ambiente virtual: um estudo sobre a participação feminina na comunicação digital*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

SHOJI, L. M. *Turismo e meio ambiente: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2002.

SOCIEDADE DE CULTURA JAPONESA. *Imigração japonesa*. In: História da imigração no Brasil: as famílias. São Paulo: Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileiro, 1986. p. 89-107.

SODERBLOM, E. (1866-1931). *A vida dos animais*. Londres: Editora XYZ.

SOYO, R. *A influência do meio ambiente nas espécies marinhas*. Tóquio: Editora 123, 1961.

SOUSA, A. A. *A territorialização dos imigrantes japoneses na alta sorocabana*. Revista Formação, n. 14 volume 2 – p. 119-129.

SOUSA, Reimer Gonçalves. *Emigração Japonesa*. UOL, 2023. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/japao/emigracao-Japonesa.htm#:~:text=Depois%20da%20derrota%20na%20Segunda,estabelecidos%20com%20pa%C3%ADses%20latino%2Damericanos>. Acesso 04 jan 2024.

SOUZA, C. *A importância da educação e língua japonesa em Goiás: escolas de língua japonesa como mantenedoras da identidade cultural*. Goiânia, 2018.

TAKEUCHI, Y. *A importância da música na educação infantil*. Tóquio: Editora PQR, 2002.

TOMITA, Andréa Gomes Santiago. *As Novas Religiões Japonesas como Instrumento de Transmissão de Cultura Japonesa no Brasil*. Revista de Estudos da Religião, São Paulo, Nº 3, 2004, 88-102.

TOMOKO, A., & Soares, M. *Introdução à cultura japonesa*. São Paulo: Editora DEF, 2010.

UEHARA, A. R. *Estudos Acadêmicos sobre Religiões Japonesas no Brasil*. Revista de Estudos da Religião - REVER, 2009.

UEHARA, Alexandre Ratsuo. *A política externa do Japão no final do século XX: o que faltou?* São Paulo: Annablume: Fundação Japão, 2003.

UEHARA, Zilda Hiroko. O ensino de língua estrangeira moderna e a abertura para o diálogo intercultural. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 119, p. 125-141, mar. 2003.

UEHARA, Zilda Hiroko. Novas perspectivas para o ensino de línguas estrangeiras. In: ENCONTRO DE ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, 5., 2009, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 54-67.

UENO, L.S. *Amores (des) racionalizados: um estudo psicossocial dos casamentos de “amarelos” com negros e brancos em São Paulo*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo – USP, 2019.

UENO, Toshiya. *Japanimation and Techno-Orientalism*. 2019 Disponível em: <<http://www.t0.or.at/ueno/japan.htm>>. Acesso em: 17 Jan. 2024.

Ushida, K. *O papel dos rituais na sociedade havaiana*. Honolulu: Editora GHI, 1999.

VEIGA, Edison. Japoneses No Brasil, brasileiros no Japão. Jornal da UNESP, 2023. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2023/08/08/japoneses-no-brasil-brasileiros-no-japao/#:~:text=Preocupado%20em%20substituir%20a%20m%C3%A3o,assim%20que%20os%20japoneses%20vieram>. Acesso: 06 jan. 2024.

VEIGA, F. *Educação inclusiva: desafios e possibilidades*. Rio de Janeiro: Editora JKL, 2023.

VIANNA, C. S. S. *Um japão no brasil: heranças de 100 anos de história* In: Ensaio sobre a herança cultural japonesa incorporada à sociedade brasileira / Fundação Alexandre de Gusmão. - Brasília: FUNAG, 2008.

YOKOTA, Hiroko; AU, Brandon. The Teachings and Practice of Pure Land Buddhism. In: HARRIS, Nancy. *Handbook of Japanese Mythology*. Oxford: ABC-CLIO, 2010. p. 157-176

WATANABE, Tetsuo. *A missão espiritual do nikkei*. Tóquio: International Press, p. 04, 15 Set., 2003.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Vol. 1. 5 ed. Brasília: UnB, 1991.

WOORTMANN, Klaas Axel A. W. *O sentido simbólico das práticas alimentares*. In: 1º Congresso de Gastronomia e Segurança Alimentar. Brasília, ARAÚJO, Wilma Maria C. (et al.). Brasília, UNB, 2004. p. 1-43.

ZELIZER, B. *A história do jornalismo*. Nova York: Editora STU, 2005.

ZELIZER, Viviana A. *Beyond the Polemics of the Market: Establishing a Theoretical and Empirical Agenda*. *Sociological Forum*, v. 3, n. 4, 2005.

